

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DILMA LUZIA DA SILVA SCHIRR

**REPRESENTAÇÕES DE AMOR NOS CONTOS:
“A CARTOMANTE” (1884), “A DESEJADA DAS GENTES” (1886),
“ADÃO E EVA” (1885) E “VIVER” (1886)
DE MACHADO DE ASSIS.**

**CURITIBA
2010**

DILMA LUZIA DA SILVA SCHIRR

REPRESENTAÇÕES DE AMOR NOS CONTOS:
“A CARTOMANTE” (1884), “A DESEJADA DAS GENTES”
(1886), “ADÃO E EVA” (1885) E “VIVER” (1886)
DE MACHADO DE ASSIS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga Portella.

CURITIBA

2010

Catalogação na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Schirr, Dilma Luzia da Silva

Representações de amor nos contos: “A Cartomante” (1884),
“A Desejada das gentes” (1886), “Adão e Eva” (1885) e “Viver”
(1886) de Machado de Assis / Dilma Luzia da Silva Schirr. –
Curitiba, 2010.

121 f.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga Portella
Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908 – crítica e
interpretação. 2. Literatura e história. 3. Amor na literatura.
4. Literatura Brasileira – contos.I. Título.

CDD B869.3092

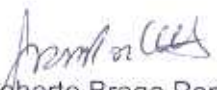



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br


PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Dilma Luzia da Silva Schirr, intitulada: **Representações do amor nos contos “A cartomante” (1884), “A desejada das gentes” (1886), “Adão e Eva” (1885) e “Viver” (1886) de Machado de Assis**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, cinco de novembro de dois mil e dez.


Prof. Dr. José Roberto Braga Portella (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Carlos Antonio Bonamigo (UNIPAR)
1º Examinador


Prof. Dr. Antonio Cesar de Almeida Santos (UFPR)
2º Examinador

À família de origem.
À família atual pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível pelo projeto generoso dos professores da Universidade Federal do Paraná, ao possibilitarem um Programa de Pós-graduação (MINTER); ao grupo, que foi incansável e competente, obrigada.

Ser orientada pelo Professor Dr. José Roberto Braga Portella constituiu a base e a segurança para persistir neste projeto, pois sua mediação e referência foram feitas com cuidado, gratuidade e delicadeza. Sou-lhe extremamente grata, as memórias que foram elaboradas permanecerão indeléveis em minha inteligência.

Sou agradecida à Professora Dr^a. Ana Maria de Oliveira Burmester e ao Professor Dr. Erivan Cassiano Karvat, que participaram do enriquecimento e amplitude de novas acepções no momento da banca de qualificação.

Sou extremamente grata ao Professor Dr. Antônio César de Almeida Santos, Coordenador da Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, que gentilmente dispôs-se a participar da banca de defesa desta dissertação.

Contribuíram na execução deste trabalho, o incansável e persistente Professor Dr. Carlos Bonamigo que, com amor incondicional, auxiliou-nos nos primeiros passos como um pai ampara seus filhos. A Professora Sueli Bevilacqua Baleeiro de Lacerda, Mestre da Língua Portuguesa, que me acolheu em sua casa inúmeras vezes e com competência, paciência e serenidade percorreu a dissertação revisando a linguagem.

Colaboraram largamente para a execução deste trabalho muitas outras pessoas, que não nominarei, para não incorrer em deslealdade para com alguém.

Quando se espera ter acedido à verdade, ao fim da história,
um temporal muda a direção das folhas e tudo
o que era sólido se desfaz no ar.

José Carlos Reis

RESUMO

A presente pesquisa procura analisar possíveis entrelaçamentos entre História e Literatura, sobretudo com vistas ao amor, tendo como ponto de apoio os contos de Machado de Assis e a época em que o autor viveu. Para desenvolver a temática do amor na História, procurou-se entender como ele foi constituído no tempo, por isso o recuo temporal contribuindo para que o entendimento de uma época se dê de modo menos distorcido. Há, ainda, uma análise das tramas amorosas nos sentimentos entrelaçados e práticas entretecidas da sociedade do final do século XIX presente nos contos de Machado de Assis: *A cartomante* (1884); *A desejada das gentes* (1886); *Adão e Eva* (1885) e *Viver* (1886). Esta análise pretende enfocar, sobretudo, os aspectos valorizados pela historiografia que permitem perceber o contexto em que se insere o autor que motivou esta análise e uma visão crítica dos contos.

Palavras-chave: História. Literatura. Machado de Assis. Contos. Entrelaçamentos. Amor.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à analyser les enchevêtrements possibles entre histoire et littérature, en particulier pour l'amour, ayant pour support les nouvelles de Machado de Assis et l'époque à laquelle l'auteur a vécu. Pour développer le thème de l'amour dans l'histoire, nous avons cherché à comprendre comment il a été constitué dans le temps, de sorte que le temps passé peut contribuer à la compréhension de la saison que se déroule dans une manière moins distorsée. Il ya aussi une analyse des sentiments amoureux parcelles imbriquées et interdépendantes des pratiques de la société de la présente fin du XIXe siècle dans les récits de Machado de Assis: *A cartomante* (1884); *A desejada das gentes* (1886); *Adão e Eva* (1885) e *Viver* (1886). Cet avis a l'intention de se concentrer particulièrement apprécié par les aspects historiques qui permettent de comprendre le contexte dans lequel l'auteur se insère raisson d' être de cette analyse et un regard critique sur les contes.

Mots-clés: Histoire. Littérature. Machado de Assis. Des contes. Enchevêtrements. L'amour.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ENTRELAÇAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	13
1.1 ENCADEAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA.....	13
1.2 TEMÁTICA DO AMOR NA HISTÓRIA.....	24
2 O RIO DE JANEIRO DE MACHADO DE ASSIS	48
2.1 MACHADO DE ASSIS E O RIO DE JANEIRO.....	48
2.2 ALGUMAS TONALIDADES PRESENTES NA OBRA MACHADIANA.....	61
3 TRAMAS AMOROSAS NA TEIA HISTÓRICO-LITERÁRIA	
MACHADIANA	82
3.1 SENTIMENTOS ENTRELAÇADOS.....	82
3.2 PRÁTICAS ENTRELAÇADAS.....	103
CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS	115

INTRODUÇÃO

(...) quase invisível,
porém como o fundo indispensável a
seu destaque,
está o discernimento social-histórico do romancista.

Roberto Schwarz

Desde há muito tempo o amor é exaltado, analisado, questionado. Definir-lo será possível? Perpetua-se ele, de geração a geração, e se expressa constantemente nos amores vividos. Há conexão nas manifestações significativas de amor paixão, amor romântico, amor erótico, amor amigo, amor incondicional, permeados nas relações interpessoais, impregnados no imaginário de uma comunidade e acepções desses amores se espalham nas múltiplas faces socioculturais? Reconhece-se, hoje, que o amor envolve uma multiplicidade de encontros, ora bem dispostos, ora dissonantes. É admissível que no amor que se espalha nos encontros humanos prepondere o cuidado, a responsabilidade e o compromisso com o outro. No entanto, questiona-se, muitas vezes, onde estariam essas concordâncias, pois dissonâncias frequentes são o que salta aos olhos, quando se observam alguns comportamentos interpessoais. Muitas vezes os encontros são de dinamismos, outras vezes, de expressão caótica, desorganizada. Encontrar os caminhos para desvelar e analisar algumas expressões de amores e os mecanismos que as constituíram no imaginário coletivo acerca dessas representações ao longo dos tempos é questão pertinente para a compreensão e apreensão das dinâmicas interpessoais relacionais de nosso tempo. É um desafio ousado e exigente que faz refletir. Espera-se que as narrativas sobre o amor, presente nos contos machadianos do final do século XIX, nos permitam dialogar com algumas de suas facetas e expressões.

Segundo Raimundo Magalhães Júnior, o conto é uma forma de literatura antiga que antecede a escrita. Eram considerados relatos breves ou longos de episódios imaginários que eram contados aos ouvintes como fatos verídicos. “Na antiguidade, o conto podia constituir uma história isolada, independentemente, como vir inserido, incidentalmente, no corpo de uma narrativa mais extensa”. Ou, ainda, “O

conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens nem nas motivações de suas ações. Ao contrário, procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens”.¹

Em *Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis*, John Gledson escreve que um dos pontos que ajudou o autor a criar seus contos e a ter leitores contumazes foram os “(...) modos dos mais variados (irônicos, sarcásticos, mas sempre semi-ocultos) de se expressar a respeito de coisas sobre as quais não devia falar, ou às quais só podia se referir de soslaio, tais histórias jamais teriam existido ...”²

Da mesma forma, Afrânio Coutinho diz que os contos machadianos são “(...) o laboratório mais fecundo de suas experimentações, e não foi em vão que escreveu mais de duzentos, e que, entre estes, estão algumas das obras primas do gênero, em qualquer literatura”.³

Respeitando o momento histórico em que viveu, Machado de Assis construiu sua obra de maneira persistente e contínua, permeando astúcia, compreensão e empatia aos personagens que configurou. Os contos foram construídos a partir de observação e experimentação, e pacientemente elaborados com intensidade e densidade em cada palavra de seus personagens, presenteando, assim, aos leitores com uma visão de realidade acentuada de emoções e sentimentos, que transpassavam as estruturas sociais do século XIX. Assim, pode-se afirmar que os contos apresentam uma amostra dos enredos que Machado de Assis compôs, demonstrando, nas vivências cotidianas dos personagens, mecanismos implícitos dos sistemas sociais do Império.

Segundo o escritor Alfred Döblin, até mesmo numa fábula ou em histórias infantis contadas livremente, sem qualquer indício de fato histórico ou compromissos com verdade histórica, podem remanescer partículas de verdade. Como no conto do Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, uma vez que em sua narrativa existem vestígios de maldade no Lobo e vestígios de ingenuidade na Chapeuzinho, que são potências de sentimentos que podem existir nos indivíduos independentemente de

¹ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972, p. 09-11.

² ASSIS, Machado de. **50 Contos / Machado de Assis**. Seleção, introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13.

³ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 27.

etnia, de gênero, ou época. É, pois, perceptível que “(...) na mais pura forma de ficção, se o conto não for tolo e chato, promove-se um determinado e confuso resíduo de realidade, uma autêntica efetividade e transmissão”. No entanto, “(...) num romance, por mais simples que sejam os fatos narrados, ainda que improváveis, se não puderem ter acontecido, se a ação não for verossímil, nós a rejeitamos”.⁴

Segundo o historiador José Carlos Reis, o tempo passa a ser humano, dependendo da forma como é articulada sua maneira narrativa; essa narrativa possui significado na medida em que ela desenha os traços da experiência temporal. A circularidade entre a temporalidade e a narratividade não é viciada, pois reforçam-se reciprocamente.⁵

A afirmação de Reis, de que existe uma interdependência dialética entre tempo e narrativa, parece estar entrelaçada nos enredos de Machado de Assis. É provável que a apreensão e transmissão dos conteúdos e eventos relatados nos contos ou romances sejam favorecidas pelos legados das tradições e das culturas. Sabe-se que o ser humano nasce em um contexto amplo, instrumentalizado, já construído e, de certa forma, já determinado por uma tradição que, anteriormente, cristalizou em seu âmago algumas representações de heranças, mitos, condicionamentos e modelos múltiplos que carregam elementos políticos, religiosos, questões de gênero, de aspectos genéricos culturais implícitos em suas bagagens sócio-históricas.

Machado de Assis desenvolveu suas habilidades, construiu sua obra, apresentou aos seus leitores narrativas que espelham modelos de personalidade, que ora superam obstáculos vivenciais, ora expressam emoções que fazem parte do processo de desenvolvimento de qualquer indivíduo. Pode-se compará-lo a uma personalidade *resiliente*⁶. A flexibilidade e a sensibilidade para articular uma linguagem estética em suas narrativas fizeram de Machado de Assis um literato por

⁴ DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, p. 13-36, jan./jun. 2006. p. 16-17.

⁵ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 136-137.

⁶ Segundo o dicionário Houaiss, *resiliência* (do inglês *resilience*), quer dizer elasticidade. Num sentido figurado, é a capacidade de se recuperar facilmente, ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. RESILIÊNCIA. In: DICIONÁRIO virtual Houaiss da língua portuguesa 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

excelência. Confirmam essas idéias os escritores e críticos literários Roberto Schwarz e John Gledson, ao elogiarem-lhe a agudeza de espírito e a capacidade de narrar sem macular o caráter dos personagens no palco social em que viveu.

A presente análise culminou nesta estrutura de dissertação composta em três capítulos. O objetivo do primeiro capítulo, composto por *Entrelaçamentos entre História e Literatura*, *Encadeamentos entre História e Literatura* e a *Temática do Amor na História*, em amplos traços, é comunicar ao leitor uma visão de possíveis entrelaçamentos entre as disciplinas da História e da Literatura, podendo ambas ser vistas em constante dinamismo, pois estão inseridas no tempo e no espaço. As duas possuem elementos fundantes comuns tais como a narrativa e a verossimilhança, que são essenciais para a construção de suas bases. E a *Temática do Amor na História* oferece uma visão de possíveis acepções sobre o amor.

O segundo capítulo, *O Rio de Janeiro de Machado de Assis*, contará com uma biografia machadiana, contextualizando o momento de destronamento do Império e início da I República; além disso, buscará mostrar Machado de Assis como observador da realidade histórica, segundo alguns autores como Raymundo Faoro, Sidney Chalhoub, John Gledson, dentre outros.

No terceiro capítulo, *Tramas Amorosas na Teia Histórico-Literária Machadiana*, o objetivo é focar algumas possibilidades de análise de *Sentimentos Entrelaçados* e *Práticas Entrelaçadas* que se encontram, possivelmente, permeadas nas representações dialógicas dos personagens nos enredos de quatro contos de Machado de Assis.

Constituem-se como fontes desta dissertação os contos: *A cartomante* (1884); *Adão e Eva* (1885); *A desejada das gentes* (1886); e *Viver* (1886), que fazem parte da *Obra completa* de Machado de Assis. A versão utilizada foi a compilada por Afrânio Coutinho. Entre os autores que fornecem material teórico para aprofundar a análise dos contos selecionados estão Alfredo Bosi, Raymundo Faoro, Flora Sussekind, John Gledson, Robert Schwarz, Etienne Gilson, Denis Rougemond, Mary Del Priore, Alan MacFarlane, François Dosse e Peter Gay.

1 ENTRELAÇAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

1.1 ENCADEAMENTOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

A história nunca pode ser
inteiramente separada da literatura
ou da filosofia, ou de outras linguagens disciplinares,
ainda que nunca seja idêntica a esses outros discursos também.

Lloyd S. Kramer

A arte de escrever a História é constantemente redefinida e reescrita pelos historiadores que reelaboram os conceitos, recriam novas abordagens e novas análises sobre o passado. E este emerge num processo contínuo por meio do novo recriado. Segundo José Carlos Reis, a disciplina histórica é nova, surgiu há 2.500 anos, e permanece em constante redefinição de conceitos até os dias atuais. Ela nasceu antes de Cristo, “(...) opondo-se ao mito, à lenda, à poesia épica, à especulação filosófica, que também emergia. Era um olhar novo, uma revolução cultural, que buscava as verdades das mudanças humanas no tempo, em uma cultura que contemplava o eterno, supralunar.”⁷

Se a disciplina histórica emergiu para contrapor-se aos mitos, às lendas e ao divino, a literatura também passou por esse processo de transformação conceitual. Para Denis de Rougemont, os mitos, quando perdem seu caráter hermético e se expandem para grupos maiores e sua função sagrada é dessacralizada, transformam-se em literatura.⁸

Segundo Lawrence Stone, em *O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história*, a história era vista como uma parte da retórica, que expressava pela arte da palavra os eventos que se moviam no tempo. Porém, nos últimos cinquenta anos, essa narrativa perdeu sua hegemonia com a entrada das disciplinas das ciências sociais. Stone percebe o retorno de alguns historiadores à narrativa. Ele distingue dois tipos de narrativa: a narrativa histórica que é mais

⁷ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 101.

⁸ ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 170.

descritiva, enfatizando o homem no sentido particular, específico; e a narrativa histórica estrutural que ele considera mais analítica, que prioriza as circunstâncias, o coletivo, o estatístico. Segundo ele, nenhum historiador narrativo deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o “arcabouço de sustentação em torno do qual constroem sua obra”.⁹

A História Tradicional se considerava como a portadora do conhecimento histórico, por trazer à tona os eventos relativos ao passado e estudar sua reconstituição da forma mais veraz possível. Consideravam-se os grandes feitos, as guerras, as coroas e as personalidades evidentes como fatos significativos a serem documentados. Esses eventos eram narrados como se fossem uma verdade indiscutível. Ou, nas palavras de Reis, “O narrador se ocultava e o texto parecia representar o real enquanto tal. A narrativa tradicional revelava a temporalidade linear, irreversível, da história psicofilosófica, ela oferecia um ‘efeito de objetividade’, ao fazer o real coincidir com a escrita. Narrar era mostrar o que de fato aconteceu”.¹⁰

Essa perspectiva da narrativa histórica, como verdade objetivada do evento, permanecerá de certa forma preponderante, apenas circulará em outros modelos de interpretação da História. Como uma nova probabilidade de interpretação surge a história-problema, que não reconhece a possibilidade de narrar os fatos exatamente como eles aconteceram. Na perspectiva da história-problema, pensa-se que dificilmente se pode apreender um objeto de estudo em sua totalidade, e será complicado pensar objetivar toda uma realidade histórica numa determinada narrativa, pois fatores importantes da vida dos autores podem interferir nos conteúdos escritos, bem como um número incontável de fatores poderá não ser apreendido pelos historiadores. Reis afirma que “(...) o historiador escolhe e constrói seu objeto e interroga o passado. Ele é obrigado a aparecer e a explicar os seus pressupostos. (...) o historiador acredita que não é mais ingênuo, que ele escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui”.¹¹

⁹ STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Revista de História**, Campinas, n. 2, p. 12-27, 1991. p. 13-14.

¹⁰ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 132.

¹¹ REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 133.

Nesse processo de mudanças e rupturas pelas quais a sociedade passa, suas estruturas estáveis alteram-se sob a influência do novo; embora permeando esse dinamismo, o passado manterá seus vestígios e não deixará de influenciar o tempo presente. As marcas indeléveis dos escritos que os historiadores deixaram como legados e o que a literatura narrou, possivelmente permanecerão a caminhar no interior dessas estruturas sociais de forma circunstancial e dinâmica. Acontecem rupturas de paradigmas que podem levar à perda temporária do referencial dominante, de acepções historiográficas, literárias ou de outras ciências, porém, logo se cria certa estabilidade nos novos paradigmas e novas recriações aparecem, continuando o processo da evolução histórica. Essas novas acepções, provindas principalmente das ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia, criam possibilidades de novos conhecimentos, alargando o universo interpretativo da História e da Literatura. A história redefine, a partir de então, sua visão eminentemente racional e pragmática e considera o universo da subjetividade como plausível de ser estudado.

Desse modo, os discursos e as narrativas alçaram-se a novas grandezas, segundo a lingüista Eni Pulcinelli Orlandi, com o avanço e redefinição desses paradigmas sociais. A linguagem, o significado e a subjetividade germinam como categorias indispensáveis para reinterpretar os acontecimentos históricos, permitindo assim, novos efeitos de sentidos e reinterpretações históricas e literárias.¹²

Os signos linguísticos, em sua genuinidade, estão repletos de cultura transmitida por condicionamentos históricos, modelos sociais, valores, padrões que determinam o que é correto, empreendendo significados nos esquemas mentais dos indivíduos. O historiador Erivan Cassiano Karvat, ao referir-se à intersecção *História & Literatura*, sugere: “Os sentidos produzidos pelas histórias, traduzidos em diferentes discursos ou representações, cânones ou tradições, geram diferentes *leituras* sobre aquilo a que se voltam. Por isto é que se faz fundamental vislumbrar o lugar gerador desses mesmos sentidos.”¹³

¹² ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 138.

¹³ KARVAT, Erivan Cassiano. História & Literatura: reflexões sobre história da história a partir de notas de história da literatura. In: GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio. **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 36-37.

O lugar gerador do discurso ao qual Karvat refere-se faz vir à memória o que Dominick LaCapra escreveu em *História e romance* sobre os aspectos importantes que deveriam ser levados em consideração pelo leitor, quando lê um texto para entendê-lo o mais fielmente possível e conforme o original. Para LaCapra, o primeiro fator a ser analisado provém do contexto do autor, que inclui as intenções do escritor, o seu envolvimento no processo político, ideológico, o sociocultural, as questões de gênero e tradições que o influenciaram. Outro elemento fundamental é como o texto será lido e interpretado, e quais as possíveis distorções que se podem apresentar nas suas interpretações e os interesses velados que permeiam esse discurso, promovidos pelos novos leitores. E, por último, a leitura exigirá uma visão crítica e não ingênua do texto. Aqui se faz indispensável a visão dos críticos literários, que podem ajudar os leitores a entenderem melhor a temática lida.¹⁴

Um dos veículos que aceleraram o processo dessas estruturas simbólicas são os meios de comunicação social, que com suas potentes redes alargaram as formas de perpetuar as linguagens carregadas de significados, construídas pelas gerações que transcenderam o memorável. Novas leituras abriram possibilidades a novas compreensões, concepções e recriações, e o que era tido como verdade histórica ou literária mudou para muitas verdades. Com esse olhar novo e instigante, as disciplinas históricas e literárias apostam na busca que apresenta caráter de novidade e de outras formas para interpretação dos fatos, no entanto, os cuidados no uso da linguagem específica fazem-se necessários.

Pode-se conjecturar que a literatura, de certa forma, alimenta o imaginário individual e coletivo de uma cultura através de expressões e linguagens pertinentes, dando-lhes significados múltiplos. Se o discurso narrativo tem propósitos de despertar no leitor efeitos e emoções de serenidade, dor, medo, amor, ele evocará esse poder. Principalmente se a figura do escritor é considerada como referência para aquela comunidade.

O historiador Lloyd S. Kramer confirma a relevância que a linguagem teve para expor o fato histórico e esclarece que “(...) a abrangente influência da crítica literária recente tem ensinado aos historiadores a reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da

¹⁴ LACAPRA, Dominick. *História e romance*. **Revista de História**, Campinas, v. 2, n. 3, set. 1991, p. 118-119.

realidade histórica”. E afirma também “(...) que as estruturas de pensamento e significado simbólico são parte integrante de tudo o que conhecemos como história.”¹⁵

Esse papel funcional da linguagem, tanto na história quanto na literatura ou nas ciências sociais, causa, de forma genérica, efeito determinante e modelador nos comportamentos e atitudes dos indivíduos, que partilham idéias num grupo ou instituições que promovem uma determinada linguagem. O historiador Clóvis Gruner diz que “À escrita literária caberia, então, apresentar-se como uma forma de resistência às pretensões de homogeneidade daqueles discursos que aspiram à unidade e coesão, tais como os discursos científico, religioso ou político...”¹⁶

Conforme a historiadora Lynn Hunt,

(...) o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos Annales, por outro (...) os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e de vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres.¹⁷

Com o avanço e redefinição desses paradigmas, as narrativas realmente atingiram determinado posto e novas dimensões. No entanto, mesmo com todo esse avanço, segundo a historiadora Marion Brepohl de Magalhães, os diálogos entre História e Literatura estão sendo considerados relevantes há não mais de três décadas. Segundo ela, uma estratégia de análise era “(...) pensar a Literatura como uma experiência social em si mesma, como uma linguagem que, mormente tocando mais os sentimentos do que a razão solidarizava-se com as diversas tentativas de compartilhar a ambição pelo conhecimento”.¹⁸ A autora afirma que existe uma

¹⁵ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 131-133.

¹⁶ GRUNER, Clóvis. Introdução. In: GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio (Org.). **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**: São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 10.

¹⁷ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 2.

¹⁸ MAGALHÃES, Marion Brepohl de. Apresentação. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, jan./jun. 2006.

conexão que não se pode dissociar entre História e Romance: ambos se propõem a narrar um evento que, do ponto de vista de quem escreve, delimita um espaço e um tempo determinados e relata uma experiência única, que poderá transformar sua vida e possivelmente a dos que lhe terão acesso.

Confirmando a idéia de que história e romance, ao mesmo tempo, propõem-se a narrar, a historiadora Márcia Regina Capelari Naxara escreve, em *Historiadores e texto literário*, que, na linguagem histórico-literária, a narrativa é um princípio comum e que tanto o historiador como o romancista podem ensinar, consolidar acepções de acordo com a coerência de fatos e idéias, mesmo que os elementos das construções narrativas sejam imaginados ou fantásticos. O importante é que a verossimilhança apareça

como elemento que carrega em si a perspectiva do que o romance possa ensinar e provocar, tanto pela eficácia na transmissão de valores e visões de mundo que o tornam atraente com relação à educação ética e moral, como pela sedimentação dos ensinamentos, por trabalhar com o que é interior aos homens, ou seja, suas paixões e sentimentos.¹⁹

Assim, tanto a História quanto a Literatura elaboram linguagens que manifestam os anseios, os desejos, os sentimentos, os projetos de uma comunidade. Os historiadores e literatos narram visões de mundo de acordo com seu horizonte intelectual, seu olhar, condicionamentos e modelos de que foram impregnados. Muitos autores transcenderam seu tempo e deixaram legados a outras gerações. Alfred Döblin e Naxara concordam ser importante que os fatos ocorridos e escritos tragam vestígios de uma realidade factual. Assim, o público leitor abdicará da leitura da obra se não perceber alguma veracidade permeando a narrativa. De forma genérica, Naxara deixa claro que essa idéia de entrelaçamento entre os fatos documentados e narrados pela literatura e história tem aspectos de fronteira inegável que envolve os seus horizontes: “‘Tempo’ e ‘Lugar’ são tomados, aqui, como elementos inerentes e imprescindíveis ao surgimento e afirmação do romance como gênero literário e, simultaneamente, ao campo da história como disciplina”.²⁰

¹⁹ NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Historiadores e texto literário: alguns apontamentos*. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, p. 37-48, jan./jun. 2006, p. 46.

²⁰ *Ibid.*, p. 40.

Se o romance é legatário da epopéia, ele tem uma característica que lhe é própria; ele pode, em suas narrativas, inventar papéis, porém, segundo LaCapra, não perde seu valor quando associado a um fato documentado, e que carrega vestígios históricos.

O romance pode tomar empréstimo de um repertório documental, e esse processo põe em pauta um efeito de transposição que invalida uma concepção do romance no sentido de pura ficção ou uma suspensão total de referência à realidade 'externa'. (...) Mas o romance, ao contrário da historiografia, pode inventar papéis e eventos que dão origem a configurações que não são avaliáveis na escrita da história.²¹

Machado de Assis, ao escrever um conto ou um romance, não só idealiza papéis para seus personagens, mas constantemente faz referências históricas que alterna com suas narrativas. Por exemplo, ao iniciar o enredo de *A cartomante*, menciona uma frase de Shakespeare: "(...) há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia". Por meio dessa citação, admite uma marca do tempo histórico e da importância da obra de Shakespeare.²²

Nesta mesma perspectiva, o linguista Mikhail Bakhtin escreve que o romance é uma compilação da cultura moderna, e também uma forma acentuada de expressão em linguagens, linguagens que dialogam entre si. Assim, todas as palavras podem provocar um diálogo ininterrupto quando encontram autores que as recriam e as reinterpretam retirando-as da escuridão e do anonimato. O romance, por meio de suas narrativas, contribui para ampliar e enriquecer a linguagem de uma comunidade, como também oferece uma maior compreensão sobre o seu papel social. O romance transporta questionamentos múltiplos como, por exemplo, sobre as regras e padrões rígidos de estilos interpretativos.

Dessa forma, também Bakhtin entende o romance como o "(...) epítome da cultura moderna e a mais pronunciada forma de uso 'dialogizado' da linguagem em

²¹ LaCAPRA, Dominick. História e Romance. **Revista de História**, Campinas, n. 2/3, p. 107-124, 1991. p. 119.

²² ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Organização: Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 477.

geral.”E o “(...) romance polifônico dito por Dostoievsky fala que a voz do autor é apenas mais uma concorrente em um campo de forças mais amplo... .”²³

Se a voz do autor pode ser apenas mais uma que disputa espaço na narrativa de um romance, o diálogo é um dos fundamentos dessa linguagem e poderá ter um conjunto harmonioso de sons apenas numa única palavra que tem a força de um conceito. Desse modo, num romance a linguagem não pode ser acabada, ela reinterpreta constantemente, pois é dinâmica e não estática.

Döblin questiona o reaparecimento de caracteres remotos e estilos que caracterizavam os romances e que hoje não seriam mais necessários, pois eles eram necessários na epopéia quando os relatos eram transmitidos oralmente e as memórias significativas eram repetidas para que perpassassem por várias gerações:

(...) a antiga intrínseca e não extinta função do romance, que é a de transmitir e preservar os grandes acontecimentos da realidade, especialmente aqueles grandes acontecimentos na consciência das massas, do coletivo. Todavia, o que devemos dizer deste verdadeiramente atávico movimento, quando ele hoje retorna, depois de séculos, à escrita?²⁴

O movimento atávico, possivelmente, virá à tona com predominância de características intelectuais, linguísticas num romance, pois é legítimo que resquícios do velho reaparecerão permeando o novo contexto do romance. O processo simbólico do livro transcende o tempo e o espaço, assim, esses vestígios e marcas não serão descartados de um romance, mesmo que este se utilize de uma nova linguagem, recriada e transformada em seus significados.

LaCapra percebe o romance, quando convertido em informação útil, como uma possibilidade referencial de como viviam as comunidades e personagens de uma época, e revela que ele poderá ser um complemento para a reconstrução dos fatos do passado, pois

Se o romance é lido em sua totalidade em história, é porque ele pode ser empregado tipicamente como uma fonte que nos conta algo factual sobre o passado. Seu valor está na sua função referencial - na maneira em que ele funciona como uma vitrine da vida ou das transformações no passado. O

²³ LaCAPRA, Dominick. História e Romance. **Revista de História**, Campinas, n. 2/3, p. 107-124, 1991. p. 107.

²⁴ DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, p. 13-36, jan./jun. 2006. p. 22.

enfoque do historiador se concentra, deste modo, sobre o conteúdo do romance – sua representação da vida social, seus personagens, seus temas e assim por diante. Numa palavra, o romance é relevante à pesquisa histórica na medida em que pode ser convertido em informação ou conhecimento útil.²⁵

A importância do romance situa-se em revelar-se como um referencial dos acontecimentos, da vida dos personagens e temáticas do passado. LaCapra critica as interpretações que carregam em si dois valores, como texto e contexto, mundo real e imaginário, sujeito e objeto; todas essas realidades com seus horizontes de acepções estão dentro de uma configuração maior: “O ponto suplementar é que o texto influencia reciprocamente outros textos e contextos de forma complexa, e uma questão de interpretação é exatamente como um texto chega a um acordo com seu passado”.²⁶

Segundo Lloyd S. Kramer no texto *Literatura, crítica e imaginação histórica*, os historiadores Hayden White e Dominick LaCapra, embora se apoiem em teóricos distintos, comungam de um mesmo pensamento sobre os arcabouços narrativos, afirmando que “(...) as estruturas narrativas e os pressupostos ontológicos não examinados prefiguram todas as obras históricas, bem como nossa compreensão de realidade, fora dos âmbitos dos livros. Assim, o grande valor da teoria literária provém de sua análise dos códigos e das convenções retóricas dos quais os historiadores inconscientemente dependem”.²⁷

Na abordagem sociológica de Niklas Luhmann, os movimentos transmitidos pelas representações simbólicas da linguagem irão perpetuar-se, apesar do tempo, pois

A literatura reflecte os efeitos da literatura, tal como o romance ressurgue no romance. Isto torna possível que os temas morais sejam colocados no primeiro plano da mera retórica, permitindo o domínio da temática temporal. Aquilo que se apresenta como <virtude> é na verdade um interesse pela duração, pela serenidade – quase se poderia afirmar, pela redenção.²⁸

²⁵ LACAPRA, Dominick. História e romance. **Revista de História**, Campinas. n. 2/3, p. 107-124, 1991. p. 116.

²⁶ *Ibid.*, p. 119.

²⁷ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 146.

²⁸ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 96-97.

Assim, uma obra literária pode trazer evidência histórica e por isso poderá registrar aspirações e sentimentos coletivos de uma comunidade. Como as duas disciplinas história e literatura são construções de sentido, cada uma, por caminhos e métodos distintos, nos indica, na voz de seus agentes e personagens, as visões e acepções de mundo presentes em cada momento histórico e cultural. Tanto o discurso histórico quanto o literário são linguagens e, como tal, o que fazem é representação simbólica, ou seja, ambos lançam um olhar sobre o mundo em busca de interpretá-lo, compreendê-lo e dar-lhe significado. É certo que as duas áreas conferem, cada qual a seu modo, sentidos e experiências com o real, portanto, é possível aproximá-las. Até mesmo em se tratando dos sentimentos e intimidades a literatura permite transmitir seus códigos semânticos, conforme se pode observar nas palavras do historiador francês Jean Bottéro, no artigo *Tudo começa na Babilônia*, ao afirmar que:

É na literatura propriamente dita que temos maior possibilidade de encontrar alguns ecos destes suspiros, destes enlevos, desta chama, doçura e ternura, por vezes destes tormentos e deste furor, que traduzem a afeição visceral pelo <<outro>>, a irreprimível necessidade que se experimenta pelo outro – o verdadeiro amor do coração, que por certo pode suscitar erotismo e dele se apossar, embora não precise dele para se alimentar, mas sim para o animar e fazer dele algo de nobre e à escala do homem.²⁹

Segundo o historiador Cláudio DeNipoti, pode-se depreender que, por existir uma pluralidade de interpretações em um conteúdo objetivado de qualquer matéria, a leitura linear de um tema, na contemporaneidade, está relegada à desconsideração. Qualquer autor é reflexo de seu tempo, recria, de certa forma, o que já foi construído por alguém. A literatura é um documento, uma fonte rica de significados, aberta à análise do historiador. O passado pode ser interpretado e recriado, considerando a produção do conhecimento existente no contexto em que o autor viveu e narrou: “(...) História e Literatura, longe de se excluírem, se complementam e dialogam uma com a outra.”³⁰

²⁹ BOTTÉRO, Jean. Tudo começa na Babilônia. In: DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998, p. 31.

³⁰ DeNIPOTI, Cláudio. Introdução. In: GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio. **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 9 e 13.

Alain Corbin, historiador francês, em entrevista sobre *O prazer do historiador*, explica seu entusiasmo pela história e sua opção pela história das sensibilidades; ele mostra-se insistente sobre a indispensável atenção do historiador ao inatural, ao incomum e às trivialidades do cotidiano, como ele mesmo propõe:

Creio que tudo que é da ordem da experiência humana é útil para o historiador, mesmo se essa experiência deriva de narrativas. Mais vale termos o maior número de experiências humanas possíveis na existência, quando nos pretendemos historiador: isso facilita a adoção de uma ótica compreensiva com relação às pessoas do passado.³¹

De certa forma o pensamento de Alain Corbin assemelha-se ao do historiador Peter Burke, pois este considera como objeto de estudo dos historiadores o que é representação e simbolismo, ou seja, o que explica por meio de signos, idéias e imagens o que concebemos do mundo, assim tudo o que “(...) pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas representações. Símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras”.³²

Burke está de acordo com o pensamento de Corbin, ao afirmar que os historiadores reagiram com as mudanças do mundo, mobilizando suas capacidades de pensar, desejar, perceber, porquanto existem outras potências que contribuem para o discurso e análise do jogo do poder de linguagem na história, tornando mais amplo o espaço dos historiadores e enriquecendo-os com as novas possibilidades de representações que estão à espera de ser reinterpretadas. Elas interferem nas estruturas intelectuais e simbólicas dos seres humanos e nas maneiras destes perceberem o mundo.

³¹ CORBIN, Alain. O prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan./jun. 2005. Entrevista. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a02v2549.pdf>.> Acesso em: 26/5/2010.

³² BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 10.

1.2 TEMÁTICA DO AMOR NA HISTÓRIA

No clássico estudo sobre as origens do amor na cultura ocidental, *O amor e o Ocidente*, Denis de Rougemont destaca questões sobre as profundas mudanças socioculturais do século XII dizendo que:

Se procurarmos imaginar as situações psíquica e ética do homem nessa época, constatamos logo de início que ele se acha envolvido, quer queira quer não, na luta que divide profundamente a sociedade, os poderes, as famílias e os próprios indivíduos: a luta entre a heresia presente em toda parte e a ortodoxia romana frontalmente atacada (...) à poderosa ascensão do culto do amor.³³

Naquele século, ocorreram várias mudanças e questionamentos importantes sobre a continuidade da transmissão de valores sociais, políticos e religiosos que prevaleciam. A sociedade entrou em colapso e esse dinamismo a fez redefinir múltiplos apegos que predominavam. A Inquisição e as Cruzadas contribuíram nesse processo conflituoso. Emergiram doutrinas consideradas como falsas pela igreja, pois não tinham conformidade absoluta com o padrão ou norma estabelecida. Preponderavam idéias e verdades da ortodoxia romana e seus dogmas. O amor celebrado, respeitado, reverenciado e dedicado era para homenagear o amor divino.

Em *Idade Média, Idade dos Homens*, também Georges Duby analisa documentos que aparecem no século XII e, com certa frequência, fala de "dois sistemas de enquadramento" que parecem ser opostos, um modelo leigo que é estruturado para preservar de geração em geração os patrimônios fundiários, e outro modelo eclesiástico cujo objetivo primeiro é "refrear as pulsões da carne."³⁴

Os modelos leigos e eclesiásticos aparecem como aliados num sistema social que rege as leis e as práticas diárias de um determinado tempo, promovendo, desse modo, discursos de interesses comuns. Por meio de alianças, estabeleciam-se padrões para se viver de acordo com as leis vigentes. Os bens de família costumavam permanecer entre as gerações de uma mesma linhagem evitando-se, assim, casamentos ou concubinatos fora desse contexto. Acreditava-se que, no

³³ ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 85.

³⁴ DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*: do amor e outros ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 15.

casamento, os apetites carnis do homem poderiam ser satisfeitos e a infidelidade diminuída.

O historiador Duby, ao referir-se ao sentimento de amor na França do século XII, escreve que os pensadores da Igreja, com as narrativas de seus textos, contribuíram para que os historiadores discernissem como era o amor nessa época. Os teólogos meditavam sobre a relação de amor entre Criador e criatura. As reflexões sobre as relações humanas de casal foram evoluindo de uma união pensada eminentemente pelo masculino; a mulher, aos doze anos, saía da tutela da casa familiar onde vivia desde pequena para a tutela de um homem adulto ou jovem. A mulher não fazia escolha de um objeto de amor e quando se rebelava contra a escolha masculina, era punida. Outra opção da menina era a vida num convento, porém com olhar de reticências dos homens. Nesse contexto, o sentimento de amor era concebido como esquecimento de si e entrega ao outro em plenitude, ou seja, por meio do amor “Caritas”.

O autor desvela, apesar do “silêncio dos documentos”, e narra os sentimentos de dor e humilhação pela exposição do encontro do casal na noite de núpcias, que poderia ser o encontro do amor e, ao mesmo tempo, o encontro do sentimento de ódio pela violação da liberdade de escolha e de autonomia dos indivíduos, acrescido da brutalidade que poderia envolver as condutas dos despreparados para o amor. Os herdeiros de uma dinastia possivelmente eram concebidos por meio de duelo, na luta de corpos que nem de longe se configurava a imagem de um amor “Caritas”, de esquecimento de si e de encontro com o outro, o qual era promovido e esperado pelos enquadramentos da época.

A mulher nesse reino era súdita de dois senhores: ao marido pertencia seu corpo, com direito à exploração e a fazer gerar frutos; a Deus pertencia sua alma: “(...) o amor tal como é definido pelos pensadores sacros, só pode, segundo a justiça, dirigir-se para Deus.”³⁵

Nesse relacionamento interpessoal, o amor era exigido apenas da figura feminina que deveria ter o perfil de obediência, frieza e, de certa forma, permanecer casta; não poderia sentir prazer na relação sexual com o parceiro. E ao marido cabia tratá-la de forma a não excitá-la para o prazer, não fazê-la arder em paixão. Segundo o autor, existia uma dissociação do amor no casal, ele era vivido fora do

³⁵ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 34.

casamento. O amor não podia ser celebrado, exaltado na união, na alegria e no entusiasmo dos corpos; era proibido o sentimento de prazer, de entrega, de completude ao homem carnal; esse amor era delegado apenas a Deus.

Na educação para o amor “Caritas,” havia interesses velados das instituições vigentes de que esse casal ampliasse os discursos sobre a teoria do amor; só assim o amor que visava ao esquecimento de si poderia ser ampliado de “seu legítimo lugar, na célula de base da organização social, ou seja, no quadro conjugal.”³⁶

Mesmo com essas contribuições, Duby pensa ser difícil obter reflexões originárias sobre essa época, pois “As poucas luzes se dirigem todas para o cume do edifício social, para os grandes, os ricos, a mais alta aristocracia, os príncipes.”³⁷ A base da pirâmide onde se concentrava a maior parte da população não era o foco dos documentos. As letras que retratam os escritos de Duby falam de um amor construído no mundo realístico de uma sociedade que impõe uma vivência do tipo de amor “Caritas”, de entrega e esquecimento de si mesmo para o outro, cujo objetivo primeiro é a formação do casal, enquanto o pensamento de Rougemont percorrerá outra concepção, a de um amor mítico, instituído pelo amor-paixão, o qual não poderá ser vivido, apenas poderá ser alimentado na ilusão de posse.

Rougemont escreve a respeito da importância dos discursos religiosos, seus poemas e literaturas, que fazem confluir acepções de verdades influenciando a linguagem de um tempo, já que “(...) as idéias religiosas de uma época influenciaram geralmente a concepção que se tem do amor e, sobretudo que o vocabulário da galanteria se pauta pelo da devoção.”³⁸

Podem-se observar, nas frases dos poemas de Tereza de Ávila, no século XVI, referências ao amor de forma majestosa, sedutora, criando imagens na consciência coletiva dos leitores que, seguidamente, propagam essa linguagem. Assim acontece na composição seguinte: “Meu Amado é para mim, E eu sou para meu Amado” ou “Nos meigos braços do Amor Minh’alma aninhou-se, quieta.”³⁹

³⁶ DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 29 e 32.

³⁷ *Ibid.*, p. 29.

³⁸ ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 74.

³⁹ SANTA TEREZA DE ÁVILA. **Obras completas**. Texto estabelecido por FR. Tomas Alvarez, O.C.D. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 967 e 969.

Tais expressões parecem ser de confiança, certeza plena de ser amada e protegida nos braços do amor, superando todas as dúvidas e inseguranças que a vida de sofrimento causou. Em *Canções entre a Alma e o Esposo*, São João da Cruz diz: “Olha que esta doença /De amor jamais se cura, / A não ser com a presença e com a figura.”⁴⁰ Inclinar-se docilmente aos desejos e projetos do amor revelado para receber da fonte que jorra água pura é o prazer mais abençoado que se pode desejar de uma união mística com o amado. Esse, possivelmente, é o verdadeiro amor que a humanidade deveria sentir para com o Amado Criador.

Freud diverge radicalmente sobre a acepção de amor indicado acima quando diz que o amor-paixão “nada mais é que uma catexia de objeto por parte dos instintos sexuais com vistas a uma satisfação diretamente sexual, catexia que, além disso, expira quando se alcançou esse objetivo: é o que se chama de amor sensual comum.”⁴¹

Ao referir-se à *catexia*⁴² Freud quer significar uma grande concentração de energia mental focada diretamente numa representação precisa, num objeto. Essa potência produz impressão que adormece no momento de satisfação do desejo realizado. A força e entusiasmo podem diluir-se e submergir temporariamente; no entanto, a fonte de energia originária é capaz de aflorar a qualquer momento do inconsciente e exigir satisfação imediata, ou seja, a frustração temporária deste desejo lascivo é difícil de ponderar.

Representando a acepção do amor-paixão, Rougemont conta a história lendária do Cavaleiro e da Princesa fazendo convergir o amor trágico que ganhou forma mais definida no século XII: *Tristão e Isolda*. Esse mito auferiu força a partir do século XIX até nossos dias.

É o amor-paixão, força propulsora, puro desejo, vontade plena. O não poder vivê-lo é a sua fortaleza, seu ideal, mas ele pode sim ser acalentado no coração dos amantes, alimentado por uma espera que jamais deverá terminar. Conforme as palavras do sociólogo Zygmunt Bauman: “Todo amor luta para enterrar as fontes de

⁴⁰ SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 31-32.

⁴¹ FREUD, Sigmund. **Obras completas**: cinco lições de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 2, p. 113.

⁴² Segundo FREUD (1969), *catexia* (do alemão *besetzung*) significa *ocupar*.

sua precariedade e incerteza, mas, se obtém êxito, logo começa a se enfraquecer e definhar.”⁴³

Esse amor corresponde à morte, se vivido e realizado em plenitude. O desejo do amor-paixão é ser transfigurado na sua totalidade em detrimento da felicidade corporal dos que amam. A dor e a infelicidade são seu maior alimento. O significado do amor como sofrimento está sendo delineado, no momento, em não se poder possuir aquele objeto de desejo. O prazer sucumbe à realidade e exigência da cultura vigorante.

Rougemont confirma isso, ao esclarecer que:

(...) precisamos de um mito para exprimir o fato obscuro e inconfessável de que a paixão está ligada à morte e à destruição quem quer que se entregue completamente a ela. Isto porque desejamos salvar a paixão e adoramos essa infelicidade ao passo que as morais oficiais e nossa razão as condenam.⁴⁴

Ao descrever o amor-paixão, o autor reforça a idéia da acepção de amor que se revela até mesmo na ausência do outro, depois que foi flechado por esse sentimento. O principal componente do amor-paixão é o desejo e a vontade e, quando despertado, pode ser comparado à fúria incontrolável de um vulcão em erupção espalhando violentamente suas lavas. A ausência é pensada e construída com objetivo de sentir maior prazer e desejo pelo bem que não se pode possuir, mesmo no momento do encontro com o bem amado. Essa idéia paradoxal de querer e não querer ao mesmo tempo alimenta a pulsão do desejo.

Confirmando essa máxima, Rougemont diz que os amantes: “Precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro tal como cada um é; precisam mais da ausência que da presença do outro.”⁴⁵

Os amantes que são flechados pelo amor-paixão vivem de memórias afetivas e lembranças deslumbradas, de encantos e encontros imaginativos. Os sentimentos são assaltados por idéias cristalizadas em direção ao objeto de amor possuído pela paixão, mas toda essa energia deve ser assentada numa vida de transcendência

⁴³ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 22.

⁴⁴ ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 21.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 35.

mística do Cavaleiro e da Princesa. Esse amor parece ser deslocado da realidade, seu desígnio é atingir o transcendente, o Uno, o Absoluto.

A irracionalidade que possui o universo dos apaixonados faz empobrecer a diversidade e o mundo rico de possibilidades existentes em outros horizontes. O olhar egoístico e narcísico dos apaixonados embota a multiplicidade das relações com os outros. Reforça essa idéia Rougemont, ao dizer: “Perdemos o mundo, e o mundo a nós.”⁴⁶

Em *Heloísa e Abelardo*, Étienne Gilson analisa por meio de cartas a história de amor entre os personagens que, no palco do século XII, vivem uma “história de carne e sangue, que a paixão mais brutal e ardente conduziu ao desfecho a que se sabe.”⁴⁷ A emoção humana é tão complexa e irracional que, muitas vezes, emergem fragmentos do depositário inconsciente, despossuídos de ponderação e racionalidade, permitindo condutas além do normatizado, consentindo no acesso livre ao prazer. O ego, fonte psíquica mediadora dos conflitos internos entre a busca do prazer imediato e a frustração da espera, parece embotado pelas emoções. Muitas vezes, os personagens envolvidos na trama amorosa submergem em seus sentimentos perdendo-se no seu idêntico. Fundem-se num amor concupiscente, egoístico, avassalador, conforme demonstra a frase de Heloísa a seu amado:

Essas volúpias amorosas que juntos gozamos me foram tão doces, que não posso lhes querer mal, nem mesmo apagar-lhes a lembrança sem dificuldade. Para qualquer lado que me volte, elas se impõem sempre à minha vista, elas e seus desejos. Mesmo quando durmo, suas ilusões me perseguem.⁴⁸

As imagens mentais arquivadas durante a arte da efetivação do amor tornam-se marcas indeléveis que dificilmente serão descartadas com o passar dos tempos. Parafraseando a linguagem freudiana, essas memórias e lembranças de união com o outro, um oceano de emoções, de entrega e plenificação, podem significar encontrar-se consigo mesmo ou encontrar a homeostase de um útero materno.

Esse tipo de amor confirma uma entrega plena de si mesmo para o outro que se assemelha ao seu si mesmo. Mergulhar-se e perder-se no outro, sem medo de

⁴⁶ ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 106.

⁴⁷ GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução: Henrique Ré. São Paulo: Edusp, 2007, p. 156.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 107-108 e 156.

fundir-se simbioticamente no universo dele, permitirá sentir a plenitude do verdadeiro amor. É na vulnerabilidade da entrega que se ganha a força e se tem a convicção de ser amado. É o derreter-se como metal precioso no fogo incandescente no seu próprio eu por meio do outro. O outro confirma de certa forma o próprio existir, o eu encontra-se dentro de si mesmo naquele momento de plenitude.

Admitindo também a aceção sobre o amor como perda da consciência de si mesmo no outro, o sociólogo, escritor e poeta Roland Barthes prevê que “A cada instante do encontro, descubro no outro um outro eu mesmo.”⁴⁹ Esse encontro é possível quando as semelhanças e afinidades são despertadas pelo encontro da confiança com o outro. Como diria Freud, é um momento de êxtase do encontro na homeostase do útero materno; é como se voltasse à “fixação do protótipo materno” do modelo primeiro de amor que permitiu ao outro ser gerado.⁵⁰

Para Freud, *apud* Abbagnano, “(...) todas as formas superiores do amor são apenas sublimações da libido inibida.”⁵¹ Ele afirma que as atividades intelectuais superiores prescindem do amor instintivo, primitivo. Freud pensa o conceito de amor como energia originária do desejo libidinoso que é deslocado de seu objeto real para outras iniciativas aceitas socialmente. O homem intelectual canaliza seu desejo para objetivos além da natureza primitiva. Esta força propulsora pode ser objetivada para o bem da humanidade renunciando ao egoísmo primário.

A escolha objetal de amor, para Freud, em alguns homens neuróticos ou normais tem características próprias e impõe condição “ininteligível e até desconcertante”; para incidir na escolha do objeto de amor é necessário que uma terceira pessoa seja prejudicada, isto é, precisam existir rivalidade e hostilidade para com outro homem. A segunda condição para a escolha do objeto de amor é a imagem de a mulher deixar atrás de si traços de dúvida sobre sua fidelidade e integridade, só assim ela será arrebatada e desejada com intenso e delirante amor. O sentimento de ciúme é condição para os amantes desse tipo de escolha e eles não perdem a oportunidade de criar emoções fortes e poderosas de prazer como essas.

⁴⁹ BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 138.

⁵⁰ FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 2: Cinco lições de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 152.

⁵¹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 45.

Ao contrário desse amor efêmero, no amor normal o objeto de amor é tanto mais “aferido” quanto maior for a fidelidade e entrega a um único parceiro. A origem psíquica de escolha do objeto de amor tanto no comportamento neurótico como no normal nascem, pois, do “protótipo materno”, de fixação infantil e sentimento de ternura pela mãe.⁵²

Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Barthes, ao referir-se ao ciúme, tem fala correlata a Freud:

O ciúme é uma equação de três termos permutáveis (irresolúveis): sentimos sempre ciúme de duas pessoas ao mesmo tempo: sinto ciúme de quem eu amo e de quem o ama. O rival é também amado por mim: ele me interessa, me intriga, me atrai.⁵³

Barthes profere que o amor percorre três caminhos que, de certa forma, são complementares e interdependentes. Num primeiro momento, o amor é despertado por uma imagem que encanta e embriaga o ser que a vê. Em seguida os encontros de exploração, de afinidades, de empatia, de trocas e reciprocidades confirmam a imagem idealizada como se fosse real. Como por desencanto, inicia-se um processo a que o autor chama de “lastro de sofrimento”, ansiedade, espera, aflição, desgosto, solidão, o indivíduo torna-se prisioneiro desse desencanto, pois ocorre um processo de desconstrução da imagem idealizada.⁵⁴

No entanto, se ultrapassar esses momentos de dores e sofrimentos o amor será purificado e sua essência legítima permanecerá de forma alegre como um jardim de primavera, florido e perfumado, que exala amor disseminando-o no encontro com os outros. Esses momentos plenos de energia farão brotar um movimento dialético relacional que promoverá gestos de vida, olhares de encanto, toques de ternura a todas as pessoas que desfilarem pelo universo desse ser que ultrapassou a duras penas o sofrimento do fogo abrasador. O amor foi purificado, renasceu como uma fênix.

Pode-se inferir, após as leituras dos textos dos autores referenciados, que os ocidentais são tributários de um amor-paixão, da mística cortês que significa

⁵² FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 2: Cinco lições de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 150-152.

⁵³ BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 81.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 135-136.

sofrimento, renúncia; herdou-se também um amor místico, de entrega e plenitude, de amor-paixão, de amores e amores, tradições e culturas que transbordam em linguagens, metáforas e signos que consciente ou inconscientemente foram legados ao universo insondável do amor.

Ronaldo Vainfas, ao tratar sobre *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*, escreve que o amor cristão era fundamento na relação do homem com Deus. Sendo, pois, semelhante ao desenvolvimento das virtudes e concentração do espírito na busca da verdade e nas coisas divinas. Existia uma erotização do amor de Deus, e esse amor poderia ser vivido intensamente pelo espírito, assim desencarnado das concupiscências do mundo dos desejos lascivos. O amor deveria ser assexuado e entregue ao espírito, e o corpo, continuar imaculado. O amor conjugal de entrega apenas foi atribuído mais tarde.

Na Antigüidade clássica, os filósofos e os poetas imaginaram o amor como ascese, entrega mútua, sentimento entre iguais. Sensível e sexualizado, o amor era um privilégio dos homens e excluía o casamento. Muito mais tarde, idênticos valores seriam transferidos para a relação entre o homem e a mulher e, sobretudo, para o casamento. As raízes dessa mudança encontram-se espalhadas no tempo, e podemos vê-las nos estóicos e até mesmo em alguns teólogos medievais. No entanto, o amor conjugal não se imporia como valor ideal do casamento antes do século XIX, ou talvez, do XX.⁵⁵

Na atualidade sabe-se que o amor nas relações humanas, partilhado entre tantos indivíduos, pode ser interpretado e fundamentado no entrelaçamento de bases biológicas, culturais e sociais, como diz Abbagnano:

O amor entre homem e mulher, entre pai e filho, entre cidadãos e entre homens que se considerem como “próximos” tem diferentes bases biológicas, culturais e sociais e não permite a reunião sob o mesmo tipo ou a mesma forma de solidariedade, de concórdia e de co-participação emotiva.⁵⁶

Ou, ainda, os signos gráficos de Duby sobre *Amor e sexualidade no Ocidente* e as máscaras que se impõem nos escritos, em qualquer linguagem, quer dizer,

(...) aquilo que as pessoas dão a entender neste domínio dos seus sentimentos e dos seus actos, aquilo que exibem – como uma capa,

⁵⁵ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992, p. 49.

⁵⁶ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 39.

justamente para dissimular o resto, que é talvez o essencial – é sempre o que o sistema de valores, a moral, o que lhes diz respeito, as conveniências exigem que se mostre.⁵⁷

Duby escreve na introdução de *Amor e sexualidade no Ocidente*: “Na cultura européia, desde a antiguidade até os nossos dias, tudo o que se relacionava com o amor tem a ver com o íntimo; por outras palavras, isola-se, retira-se para o seio do mais privado, foge dos olhares.”⁵⁸

Ao analisar algumas concepções do século XIX referentes ao privado e ao público, o historiador Philippe Ariès assegura que alguns fatores mostraram-se patentes para as profundas modificações das mentalidades. O que deu liberdade a essa evolução foi o novo papel do Estado, que interferiu no espaço social antes entregue às comunidades; o alto desenvolvimento da alfabetização e a propagação dos livros propiciada pela descoberta da imprensa; embora a leitura oral não tenha perdido seu valor, a leitura silenciosa permitiu a formação de novas concepções e visões individuais que causaram a perturbação da ordem, a agitação nas comunidades, como no caso do moleiro de Carlo Ginzburg; e, por fim, as novas configurações de experienciar a religiosidade que, antes, consistiam mais na participação em assembléias e, depois, passaram a ser de foro íntimo, solitário ou, como o próprio Ariès se refere: “Entre os laicos, a oração cada vez mais assume a forma da meditação solitária, num oratório privado, ou simplesmente num canto do quarto, num móvel adaptado para esse fim, o genuflexório”.⁵⁹

Algumas características que fundamentam as modificações desse século são as “categorias” originárias, relacionadas ao corpo, que não é mais exposto aos olhares curiosos, mas sim volta-se ao recato, ao pudor. Os escritos íntimos emergem como uma modalidade de individualidade que vai configurando-se e deixando marcas exteriores de personalidades e de seus valores. O gosto pela solidão, que antes era tido como inconveniente, tem a permissão de algumas horas sem a companhia de muitos. A amizade brota como sentimento mais atencioso, calmo, sereno, prazeroso, oportunizando a experiência de espelhar-se num outro eu.

⁵⁷ DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998, p. 9.

⁵⁸ *Id.*

⁵⁹ ARIÈS, Philippe. Introdução. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**: da Renascença ao século das luzes. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 10.

As imagens da construção mental do processo familiar não mais são eminentemente de interesse econômico, e os prazeres não necessitam ser buscados fora da residência habitual do casamento; a família adquire uma posição que não havia conquistado até então: “(...) lugar de refúgio onde se escapa dos olhares de fora, lugar de afetividade onde se estabelecem relações de sentimento entre o casal e os filhos, lugar de atenção à infância (bom ou mau).”⁶⁰

Os interesses econômico e carnal abrem caminhos para um processo de união e consolidação de novas mentalidades, sendo permitido o estreitamento dos laços de amor e amizade no âmbito familiar.

Contribuindo com as ideias dos autores citados, Anthony Giddens, em *A transformação da intimidade*, escreve que somos legatários de princípios e valores dos sistemas socioculturais anteriores ao século XIX. Essas manifestações de amores anteriores deixaram vestígios de como se deve manifestar e expressar o amor, de seus conteúdos e de como o amor pode ser vivido. Segundo o autor, por exemplo, a ideia de amor romântico deve ser compreendida em relação a vários conjuntos de influência que afetaram as questões de gênero desde o século XIII; entre elas, algumas estão aqui elencadas: as representações de expressões de intimidade apareceram mais nitidamente com a criação do lar; com as modificações nas relações familiares, entre pais e filhos, com a maternidade valorizada, com o amor feminilizado, a agregação do companheirismo na família e na propriedade.⁶¹

Duby, ao referir-se ao amor que já não é o que era, diz:

Enquanto o véu dos conformistas se desfazia em farrapos, o mundo ocidental apercebeu-se, há bem pouco tempo, de que, na sua essência, os comportamentos transformavam-se: as maneiras de amar já não são o que eram, tal como o não é a relação entre masculino e o feminino. É um dos aspectos mais perturbadores de uma modificação simultânea das relações familiares, uma mutação incômoda, talvez a mais importante das transformações que afectam a nossa civilização...⁶²

⁶⁰ ARIÈS, Philippe. Introdução. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 15.

⁶¹ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993, p. 53.

⁶² DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998, p. 13.

Duby faz uma crítica aos conservadores pela cegueira gerada pelo poder engendrado. Os comportamentos humanos, as questões de gênero e o processo de realizar o amor sofreram transformações na origem de onde eram promanados e os olhos fechados dos conservadores não tomaram consciência das transformações decorrentes dessas mudanças temporais. Aceitava-se sem questionamento e sem luta uma situação vigente, mesmo incômoda e desconfortável, fechava-se os olhos para as mudanças, não percebendo o processo de ruptura de valores que eram tidos como absolutos e inquestionáveis. Tais mudanças nas relações familiares causaram profundas modificações na civilização.

Contrariamente às leis do vínculo matrimonial vigentes na França, o antropólogo Alan Macfarlane argumenta que, na Inglaterra, o casamento era eletivo e por amor desde o século XIII, porém, compreendido e recebido com relutância pelos ricos: “(...) o casamento era visto como algo que envolvia consideráveis custos econômicos e sociais que deveriam ser pesados contra suas vantagens.”⁶³

A união conjugal, na Inglaterra, era uma opção livre tanto do homem quanto da mulher. A orientação para a idade da escolha de um parceiro era entre vinte e cinco e trinta anos. O amor era por escolha, racionalizado, ponderando as vantagens e desvantagens de manter-se em um vínculo com um parceiro e a possibilidade de ter filhos para sustentá-los. Existia uma preocupação constante em não dividir as riquezas com várias pessoas, mesmo com parceiro e filhos, pois, na mentalidade dos ingleses, a divisão dos bens criava um sentimento de medo de empobrecer, de perder o *status*, o lazer e o prazer. Do outro lado da margem, os casamentos aconteciam também mais tarde, pois o medo de ser humilhado por não conseguir sustentar uma família era maior que o sentimento e o desejo.

Macfarlane, ao trazer à baila o amor romântico, recua no tempo, analisa documentos que comprovam a importância dos escritos para a consolidação das idéias sobre a concepção que se faz do amor na união conjugal. Diz que os ingleses são legatários culturais do sistema de casamento malthusiano, em que prepondera o amor como premissa básica do casamento. “Malthus afirmou em toda sua obra que

⁶³ MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra: 1300-1840. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 24.

o casamento se devia sobretudo ao amor, e que a relação conjugal seria, desde que assumida, a mais importante na vida de uma pessoa.”⁶⁴

Expressa, em muitos documentos, que o amor cristão é fundamentado na relação de amor entre marido e mulher e comprovado pelas palavras escritas em *Gênesis*, isto é, Deus criou o homem, mas percebendo sua solidão deu a ele uma mulher; ao vê-la, o homem disse: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne!” para serem companheiros e viverem no amor. Também, “Por isso um homem deixa seu pai e mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (GÊNESIS, 2: 23-24).

Por essas palavras, pode-se perceber a possibilidade da revelação de idealidade e complementaridade do amor no casal. A “(...) natureza do casamento cristão era baseado no amor e na primazia da relação marido/mulher.”⁶⁵ O amor e afeto devem ser correspondidos e comprometidos, nesse caso, então, ninguém, por prescrição escrita, seria forçado pelas circunstâncias a casar-se, mas, no momento em que aceita o afeto, o casal deverá respeitar-se na fidelidade e confiança, pois a fragilidade da relação exige dedicação e sensibilidade no trato interpessoal; o amor e o erótico unem-se.

Macfarlane expressa-se sobre o ideal de casamento e o amor esclarecendo que o vínculo conjugal era a fonte de firmeza, solidez e consciência plena de satisfação ou que o amor era a mais importante característica que conferia uma identidade ao casamento. O autor refere-se a um modelo de casamento e amor que foi sendo construído pelos moralistas e filósofos e materializou-se de certa forma no imaginário das personalidades que compunham aquele espaço.

Em *A gênese do casamento cristão*, o historiador Michel Sot diz que o casamento cristão originou-se mais tarde que o cristianismo e que foi uma invenção medieval que a Igreja tornou prática corrente no século XIII e, com o passar dos tempos, foi consolidando-se como “(...) monogâmico, indissolúvel, e fundamentado no consentimento recíproco de dois indivíduos”. Ou “O consentimento espontâneo e

⁶⁴ MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra: 1300-1840. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 186.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 186-187.

legítimo, pelo qual o homem e a mulher se constituem devedores um do outro – eis o que se institui o casamento.”⁶⁶

Volta à cena a responsabilidade, cuidado e compromisso após a aceitação livre de união de dois indivíduos que legitimam de certa forma esse pacto.

O historiador Peter Gay, em *A paixão terna*, examina os estilos e modos de proceder das classes médias em relação ao amor e suas diferentes nuances ao manifestar ou esconder os sentimentos e intenções. Diz que o amor tem implicações culturais e que:

Os burgueses corretos do século XIX, quando procuravam uma esposa, precisavam estabelecer-se numa profissão ou num ofício antes de se arriscarem a propor o casamento (...) o período do noivado era um estágio intermediário em que certas familiaridades eram permissíveis; essa fase de transição na educação dos sentidos era muito mais agradável, embora, ao mesmo tempo, ainda mais atormentadora, do que o momento das primeiras aproximações amorosas.⁶⁷

Rougemont diz que o mito do amor foi totalmente profanado na cultura ocidental, pois os romances de amor tanto no meio opulento quanto no meio operário fizeram diluir os componentes de sua originalidade; o impulso sensível prepondera sobre o amor delicado e imaginado. De certa maneira, pode-se dizer que o conceito de amor foi desvelado e banalizado. Assim também é citado no poema *Ley de Amor*, de Francisco de Ossuna *apud* Rougemont, escritor místico franciscano (1492?-1540?), ao escrever sobre o sentimento de amor metaforizado pelas armas de guerra como:

Não penses que o combate do amor seja como as outras batalhas em que o furor e o fragor de uma guerra assustadora arruinam os dois lados, pois o amor só combate por meio de carícias, e suas ameaças são apenas palavras. Suas flechas e seus golpes são benesses e os dons. Seu combate é uma oferenda de grande eficácia. Seus suspiros compõem sua artilharia. Sua conquista é um abraço. Sua matança consiste em dar a vida pelo amado.⁶⁸

Dar a vida pelo amado ou pela amada parece ser possível quando existe reciprocidade, incondicionalidade, generosidade que suplantem o egoísmo, os

⁶⁶ SOT, Michel. A gênese do casamento cristão. In: DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998, p. 209 e 213.

⁶⁷ GAY, Peter. **A paixão terna**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 16-17.

⁶⁸ ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, p. 174.

impulsos e as frustrações meramente pessoais. Quando os corpos parecem esquecer as nuances do erotismo e vivem a união do corpo com a expressão vital plena, a consciência parece adormecer temporariamente.

José Murilo de Carvalho, historiador e cientista político brasileiro, analisa o perfil das políticas brasileiras do século XIX, metaforizando como se fosse um palco iluminado por refletores que focam sobre o Império e suas encenações e enredos de cunho eminentemente político e econômico. Segundo o autor,

(...) as características da elite, sobretudo sua homogeneidade ideológica gerada por educação e treinamento políticos comuns, com as características do Estado herdado da tradição portuguesa absolutista e patrimonial (...) dessa união surgiram alguns traços marcantes como a monarquia, a unidade, a centralidade, e a baixa representatividade (...) e controle da sociedade.⁶⁹

As acepções registradas nas mentalidades dos homens do século XIX no Brasil continuam ressaltando as concepções construídas pelo olhar masculino não só em se tratando de política, economia e interesses sociais, mas até na escolha do objeto de amor, como no século XII na França. Unir-se por afeição e amor era proibido às famílias; os laços permitidos eram apenas os de negócios lucrativos. Havia empenho em manter as linhagens de poder aquisitivo, em somar seus patrimônios, impedindo assim de entrar em suas famílias pessoas que não participassem de grupos sociais seletos. Essas idéias estereotipadas perpetuaram-se como um alargamento de discriminação por longos tempos. Nesse contexto o sentimento de amor continuava sem o assentimento de escolha. Os códigos e os preceitos vigentes enfraqueciam as afeições espontâneas, pois, segundo Duby, “(...) os acordos de casamento se concluíam quase sempre sem levar absolutamente em conta os sentimentos dos noivos; na noite de núpcias, uma criança jovem demais, apenas púber, era entregue a um rapaz violento que ela jamais vira”.⁷⁰

Nesse tempo e lugar, um país agrícola e um sistema escravista de mão de obra explorada, foram construídas e promovidas alianças políticas, econômicas e

⁶⁹ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial / Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 249.

⁷⁰ DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998, p. 62.

religiosas que, de certa forma, poderiam determinar e condicionar a maneira como a maior parte dessas pessoas viveria a partir daquele momento histórico. O homem que nascia nesse contexto oligárquico era educado para mandar, conquistar, desbravar, seduzir. A mulher, para acolher, agradar, submeter-se e ser mãe. As mulheres, principalmente, deveriam ser modeladas com uma educação de comportamento recatado, sóbrio, delicado e casto. Os casamentos eram arranjados e focados no prestígio econômico (dote) dos escolhidos. Contrariando essa idéia, Octavio Paz, escritor e poeta mexicano, ressalta que “O amor é um nó no qual se amarram, indissoluvelmente, destino e liberdade.”⁷¹

O jogo das dinâmicas de sedução e erotismo nas questões de gênero dava-se pelo olhar do homem; a mulher, o objeto focado do desejo, não podia corresponder; seu comportamento deveria ser irrepreensível diante das figuras que regulam procedimentos e atos normatizados pela sociedade. Um dos objetos de desejo dos homens eram os pés e os braços das mulheres que podiam ser vistos apenas eventualmente, pois o pudor e a moral exagerados não permitiam a exposição dos contornos femininos em ambientes públicos. O interesse econômico sobrepujava a escolha e os sentimentos. As jovens eram condicionadas a não violar os interesses da família, deveriam sublimar seus sentimentos e canalizá-los de forma a manter a estrutura edificada pelo grupo de elite do momento.

Para Freud, o que as crianças experimentam até a idade de dois anos irromperá em épocas posteriores como

impulsos obsessivos, governará suas ações, decidirá de suas simpatias e antipatias e, com muita frequência, determinará sua escolha de um objeto amoroso, para a qual quase sempre é impossível encontrar uma base racional.⁷²

Segundo Freud, a qualquer momento podem brotar condutas infantis nos comportamentos, impedindo a evolução de atitudes elevadas intelectualmente. As emoções irracionais são de certa forma, superiores às intelectuais quando permanecem sem a ponderação e imparcialidade da racionalização mental. Viver de forma compensada e tranquila com as exigências do meio e comunhão dos

⁷¹ PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001, p. 39.

⁷² FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 2: cinco lições de psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 149.

sentimentos, moralidades, ética, exige empenho mental contínuo e não apenas confiança de que se terá êxito.

Peter Gay confirma essa idéia freudiana ao dizer que:

O amor precisa chegar a um acordo com as memórias, especialmente as memórias inconscientes. As ligações infantis continuam a afirmar suas pretensões no jovem adulto no momento em que algum intruso favorecido, algum estranho atraente, procura suplantá-las as escolhas anteriores.⁷³

Mary Del Priore, historiadora, retrata cenas de amor nos eventos sociais do século XIX dizendo que o evento social mais importante era a oportunidade de participar de uma celebração religiosa (missa), pois, nesse palco, era encenada a comemoração do amor na fase mais abrasadora da paixão, do encantamento. Os enamorados podiam expressar seus sentimentos mais de perto, observando o rubor de suas faces, os suspiros, contudo sem tocar na idealizada ou idealizado.

Segundo a autora: “Era costume dos salões brasileiros essa mistura de devoção e distração, graças aos quais ressoavam, ao mesmo tempo, ladainhas e jaculatórias, quadrilhas, valsas e serenatas, preces e cochichos enamorados”.⁷⁴ Era também hábito enviar cartas por meio de escravos a seus eleitos revelando sentimentos ou marcando encontros fugidios. Como nestas passagens: “Ó virgem! Li o céu em seus olhos”, ou “Aquele que morre de amor por ti implora uma resposta à sua carta.”⁷⁵

Del Priore revela que essas regras eram negligenciadas em momentos de ocorrências fortuitas como bailes nos salões de algumas casas ou por meio de danças folclóricas no interior de pequenas cidades. O olhar era de reciprocidade entre os casais e os corpos bailavam vertendo-se em sedução. Parece que, por mais que a literatura romântica continuasse cantando as expressões de amores vários, a escolha do objeto de amor no século XIX permanecia sendo preponderantemente pelos discernimentos paternos. Os partidos masculinos disputados entre as famílias para o namoro eram os que estavam no alto do edifício de comando. Mesmo assim, a rebeldia de algumas moças contra as escolhas dos

⁷³ GAY, Peter. **A paixão terna**: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 24.

⁷⁴ DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 130.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 127-128.

pais não era incomum. À margem de todo o sistema de elite, outros tantos relacionamentos continuavam acontecendo entre as famílias mais pobres, no entanto, sem as prerrogativas e princípios da corte.

A autora registra ainda que, a partir de 1882, a família é mais eminentemente urbana, surgindo com uma nova roupagem constituindo-se de marido, mulher e filhos. O amor vitorioso apaixonante de antes, passa do aposto ao enfado. “O casamento é ainda uma conveniência e passa a ser usado como degrau de ascensão social”. O interesse econômico lucra em relação às emoções ou o manancial de desejo é suplantado pelas bases econômicas.⁷⁶

Sob uma ótica diferente, a socióloga Maria Ângela D’Incao refere-se ao *Amor e família no Brasil* afirmando que a família burguesa

(...) caracteriza-se por um certo conjunto de valores, que são o amor entre os cônjuges, a maternidade, o cultivo da mãe como um ser especial e do pai como responsável pelo bem estar e educação dos filhos, a presença do amor pelas crianças e a compreensão delas como seres em formação e necessitados, nas suas dificuldades de crescimento, de amor e de compreensão dos pais.⁷⁷

Parece evidente que a família ganhe uma aparência diferente num espaço eminentemente masculino, pois as mulheres, diante das dificuldades, inovavam o seu cotidiano, flexibilizavam comportamentos rígidos, estereotipados e normatizados. Nas situações de opressão, reinterpretavam o cotidiano, redefiniam seus pensamentos, reorganizavam aceções, reestruturavam suas redes de relacionamentos amorosos, reconstruindo novas visões e infinitas possibilidades de assistir à vida.

Aceções múltiplas sobre o amor constam também dos registros de Tobias Barreto, filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro. Sobre Barreto, escreve Del Priore:

(...) o amor era um sentimento unificador: andava por onde quisesse não se detendo nas barreiras de raça ou preconceito de cor. O sentimento fundia todos os povos em uma mesma etnia (...) imagina um tipo de mulher ideal, que simbolizaria, em sua beleza perturbadora, o duplo encanto unido da branca e da negra.⁷⁸

⁷⁶ DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 217.

⁷⁷ D’INCAO, Maria Ângela. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989, p. 10.

⁷⁸ DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219.

Barreto em 1889 canta o amor transformado em um todo coerente, livre, singular, despertado pela irracionalidade, entretanto racionalmente acolhido ou refutado por temor de entregar-se ao que não obedece a padrões aceitos como originais. Esse amor independe de raça, língua, religião, quantidade de melanina na pele, ele transcende ao sociocultural estabelecido. Vivê-lo, muitas vezes, é nadar contra as correntezas das tradições que legitimam ou não esse potencial. Como nos escritos de Paz, “O amor é uma prova que a todos, felizes e desgraçados, enobrece (...) o mistério da condição humana reside em sua liberdade: que é queda e é vôo.”⁷⁹

Amor que é capaz de unificar, embelezar, nobilitar, no entanto, também pode criar caos e destruição, é amor de plenitude e leveza, de dores e sofrimentos, tendo capacidade para transportar aos céus ou aos infernos, dependendo do foco de surgimento do encantamento e do objeto de escolha. No amor eletivo, a relacionalidade é componente básico para sua afirmação; os indivíduos querem ser um: essa fusão de corpo e alma traz felicidade que transcende ao temporal. É uma morte provocada voluntariamente pelo êxtase do momento que se eterniza no agora. Quando um feixe de raio luminoso sai das fronteiras do eu e atravessa com luz o outro, já, nesse momento, interrompem-se outras possibilidades de viver encantos diversos, ocorrendo, assim, ganhos e perdas que são inevitáveis nas relações amorosas.

Ainda nas palavras de Paz:

O amor é atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que atravessa pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira.⁸⁰

Nos relacionamentos humanos flui um universo de sentimentos, expectativas, idealizações conscientes e inconscientes que o casal construiu no contrato de fidelidade e lealdade; esse contrato, quando frustrado, poderá arrastar para a beira da desordem o encantamento. Assim, nessa dialética do amor vão consolidando-se apegos, afetos, amores, dores, fidelidades, infidelidades, entre tantas outras afeições.

⁷⁹ PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001, p. 87.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 34.

A historiadora Maria Odila Dias analisa as relações femininas na sociedade paulista do século XIX. Escreve sobre a diversidade dos papéis sociais vividos pelas mulheres. Leila Algranti recupera a história das mulheres no Brasil Colonial e estuda, em particular, a condição feminina nos *Conventos e Recolhimentos do Sudeste do Brasil de 1750 a 1822*. Del Priore faz repensar a história da mulher no Brasil Colônia, reconfigurando sua condição feminina na maternidade e analisando as funções nas relações familiares e conjugais.

As autoras recriam imagens, interpretam lacunas, contribuem para olhares amplos e diferenciados sobre os acontecimentos no Brasil Colônia. Os documentos, como ofícios, processos, testamentos, entre outros, não falam por si mesmos, é necessário lê-los nas entrelinhas para evidenciar organizações implícitas das mulheres ou de questões relacionadas ao gênero humano.

O perfil apresentado pela historiadora Eni de Mesquita Samara a respeito das relações humanas em São Paulo reafirma as interpretações de Dias, Algranti e Del Priore sobre os alicerces das famílias no Brasil do século XIX, quando diz que:

(...) a coexistência de livres, escravos, libertos e agregados determinava uma rede complicada de relações, parte absorvidas – unidades familiares e de produção ao mesmo tempo – no plano social mais amplo, laços de solidariedade, parentesco e trabalho redundavam em dependência mútua entre os indivíduos e as famílias locais.⁸¹

Os princípios norteadores que tracejam as narrativas criam possibilidades de rompimento de concepções totalizantes sobre as questões do amor e das intimidades no aspecto de gênero, presentes desde o Período Clássico. De certa forma, a configuração do que se pensa sobre as mulheres, homens, família, filhos e seus sentimentos está sendo remodelada e reescrita. A mudança de percepção singular das grandes figuras para acepções plurais, a partir da Nova História Cultural, quando outros personagens podem subir ao palco, desempenhar papéis, contribuiu para essa reconfiguração. As matrizes que fundamentam parte dessas mudanças são as organizações de espaços que as mulheres vêm ocupando como família, trabalho, educação, feminismo⁸².

⁸¹ SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: século XIX. São Paulo: Marco Zero / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989, p. 169.

⁸² Ao se referir a esse contexto, Dias (1984, p. 71) argumenta que: “Alguns estereótipos e valores ideológicos relativos aos papéis sociais femininos têm menos a ver com uma condição universal feminina do que com tensões específicas das relações de poder numa dada sociedade.”

A historiadora Dias escreve que o estereótipo da mulher branca construiu-se ao longo do período colonial, inicialmente, devido à própria falta de mulheres brancas nas novas terras, o que levou a uma idealização do seu *status* de liderança. Não é uma liderança tradicional, e sim uma forma de preencher uma lacuna essencial no processo de colonização devido à necessidade de manutenção dos privilégios dos colonizadores.

O poder era perpetuado através da ritualização da mulher branca, que fazia parte do sistema de repressão social para evitar a miscigenação e, possivelmente, manter a herança sanguínea e cultural da metrópole portuguesa. Para esse fim, mulheres não proeminentes em Portugal eram enviadas à Colônia em troca de facilidades como terras, escravos, papéis em organizações sociais e religiosas, entre outras.

Com a decadência do sistema colonial e o aumento demográfico exorbitante incapaz de absorver mesmo os brancos, surge uma nova configuração feminina branca empobrecida que se esconde num meio marcado por ostentação e poder de poucos. É visível o sentimento de vergonha estampado quando da leitura dos documentos presentes da época.

A historiadora e pesquisadora Algranti descreve o ideal dos Mosteiros e Casas de Recolhimento, que se tornaram espaços de liberdade e autonomia, contrariando objetivos e funções determinados pelo poder constituído e pela regência das autoridades vigentes. De certa forma, as mulheres encontravam, nas práticas sociais, brechas para escaparem da submissão e da dominação do patriarcado. É visto que a imposição de disciplina nos Conventos e nas Casas de Recolhimento pelas leis dos prelados escapava como líquido entre os dedos.

Possivelmente, a liberdade em conviver com constelações de pessoas diferentes além família, problemas de superpopulação e empobrecimento gradativo, despertou nas reclusas novos olhares, novos valores, incitando a outros desafios. A autora escreve que:

O fato de os estabelecimentos da Colônia assumirem funções mistas, servindo tanto como casa de devoção, correção e outros objetivos leigos, contribuiu para dificultar ainda mais o respeito às normas de vida comunitária e o controle da disciplina.⁸³

⁸³ ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da Colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUNB, 1993, p. 213.

Contrariando os esforços das leis para impor silêncio, oração, castidade e submissão, as mulheres dos Recolhimentos encontravam meios de viver certa liberdade e certa autonomia, burlando e desafiando as ordens que tentavam aprisioná-las. A mentalidade que foi tecida no imaginário coletivo, durante séculos, pelos escritos dos homens, de que as mulheres são inferiores a eles, essa universalização que se impunha de que o masculino é superior ao feminino é uma maneira de pensar equivocada e manipulada por quem estava olhando de cima do edifício de poder constituído.

Del Priore recria a condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Também olhando sobre a ótica das alturas, os comandos das instituições constituídas da Colônia, Estado e Igreja, criaram alianças e projetaram seus ideais por meio de discursos na tentativa de adestramento da população. Esse condicionamento consistia em que a mulher deveria estar sob o comando do marido de forma submissa e gerar uma prole. Os documentos revelam que esse ideal de família foi esfacelado por um modelo amplo de constituição familiar. Novos padrões surgiram, destronando a hegemonia pretendida. Reforça essa idéia o texto de Dias, no qual fica claro que a mulher branca, por exemplo, tinha um papel crucial de liderança nas organizações coloniais.

Outras constelações familiares surgiram: mães solteiras, mães abandonadas, mães que geraram de fonte de estupro, concubinatos, entre outras. Mesmo que a base do edifício familiar fosse para gerar filhos e educá-los para se submeterem às regras assentadas pelo masculino, as mulheres encontraram espaços múltiplos para burlar esse sistema misógino, criando um sistema que Del Priore chama de “madrefocal”.

As instituições de poder da Metrópole tentaram recriar na Colônia o mesmo padrão de organização social de relações familiares vivido na Europa; no entanto, a diversidade de cultura aliada aos vários êxodos masculinos proliferou novas formas de relações sociais. A ideia cristalizada de matrimônio sacramentado apenas entre brancos católicos portugueses foi paulatinamente esfacelada.

Quando da leitura e análise de documentos que descrevem a vida das mulheres no Brasil Colônia, como nas crônicas de Dias, nos ofícios eclesiásticos de Algranti, nos testamentos e processos de Del Priore, percebe-se que essas mulheres possuem provavelmente um espírito desafiador que transcende o que é

sancionado, regido, condicionado e modelado por um sistema; que essas mulheres em sua diversidade social no Brasil Colônia recriaram as formas corroboradas pelo poder de poucos é fato expresso pelas autoras. Que apesar da opressão masculina do poder constituído, as mulheres abriram caminhos múltiplos para conviver com uma realidade diversificada, com filhos de relações de concubinatos, de pobreza aguda, de famílias constituídas apenas por mulheres..Essas situações exigiram novas configurações e comportamentos, transformando em dança, muitas vezes, seu sofrimento.

No entanto, é evidente também que essas mulheres, diante das dificuldades, inovavam o seu cotidiano, flexibilizavam comportamentos rígidos, estereotipados e normatizados. Nas situações de opressão, reinterpretavam o cotidiano, redefiniam seus pensamentos, reorganizavam acepções, reestruturavam suas redes de relacionamentos, reconstruindo novas visões e infinitas possibilidades de assistir à vida e ao amor.

Demonstraram ter horizontes amplos diante de inúmeros papéis que, de forma sancionada ou não, o sistema hegemônico lhes possibilitou.

Imagine-se um Rio de Janeiro tranquilo, a natureza ainda bela em sua fase originária, ser assaltado por uma multidão de outros cidadãos que se multiplicaram de um dia para outro, com a vinda da Corte para o Brasil. A constelação de diferentes indivíduos, escravos, administradores, membros da comitiva chegavam ao país, alargando as necessidades numa Capital que não comportava espaços adequados para acolher todas as gentes vindas de Portugal e outros países da Europa. E assim o Rio de Janeiro foi transformado, enriquecido por todas as culturas que atravessaram os mares. Sabe-se, porém, que não foram herdadas apenas as virtudes, linguagem, arte, mas todas as formas de ser dos que aqui chegaram. É com este legado real e imaginário que Machado de Assis comporá seus escritos. As modificações na arquitetura da cidade já eram efetivadas e cristalizadas há algum tempo antes até de seu nascimento, em 1839. Com o passar do tempo, mais especificamente, entre os 15 e 16 anos, Machado de Assis cria e recria compondo suas narrativas como nas palavras de Del Priore:

(...) desenvolverá temas importantes relacionados com o amor e a família, como o casamento por amor *versus* o casamento por aliança econômica,

assim como o adultério. Nos primeiros romances, o amor que ele desenha é sufocado na alcova. Entre amor e dignidade ergue-se uma barreira.⁸⁴

É possível que as construções mentais dos indivíduos sejam elaboradas na esteira de comportamentos morais e éticos predominantes e que elas submetam-se aos costumes, modos de viver e sentimentos, formando percepções e acepções de mundo que se perpetuam no imaginário coletivo de uma população.

Assim, o conceito de amor se constrói também de discursos – portanto de narrativas – que se fazem compor como crenças e verdades. O cotejamento das representações discursivas apontadas constitui a hipótese de que podemos com este debate teórico interpretar parte da visão machadiana como inserida em contexto teórico-ideológico da época. Ao buscar diferentes interpretações das representações do conceito de amor em Machado de Assis, se pretende elucidar algumas dinâmicas relacionais interpessoais de práticas de amor na sociedade do Rio de Janeiro do século XIX.

⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005., p. 216.

2 O RIO DE JANEIRO DE MACHADO DE ASSIS

Não há originalidade absoluta em literatura.
De camada em camada, de época em época,
podemos penetrar no mundo literário,
pelos vários gêneros ou famílias, que formam
verdadeiras linhas ininterruptas de filiação.

Afrânio Coutinho

2.1 MACHADO DE ASSIS E O RIO DE JANEIRO

Segundo Peter Gay, quando os indivíduos vem ao mundo, absorvem “Corredeiras culturais [que] caem torrencialmente sobre eles”. E também: “Não é segredo que desde o momento do seu nascimento a criança está em interação contínua com o mundo dos outros”.⁸⁵

Nessa interação dinâmica e sistêmica, nasce Machado de Assis, no Rio de Janeiro, cidade onde residiu por toda a vida; na época, havia uma aglomeração humana de aproximadamente duzentos mil habitantes com ruas estreitas e sujas passando ao longo das bordas do mar e morros próximos. Casarões e casebres, escravos e senhores configuravam e desenhavam esses espaços e relevos. Machado de Assis viveu uma infância com seus pais entre a vida de sua casa pobre e a da “fidalguia”. Desde cedo, percebeu as diferenças de que se constituem os grupos sociais. Aprendeu a conviver com perdas afetivas como a morte da única irmã, a de sua mãe e, aos doze anos, a morte de seu pai. Sua vida familiar, após esses incidentes, é obscura. Sabe-se que morou por pouco tempo com sua madrasta. Aos dezesseis anos mais ou menos, iniciou seus escritos em jornais, percorrendo, construindo e recriando esse caminho que o leva ao mundo das letras por toda a vida. Casa-se com Carolina, irmã de um amigo literato. Sabe-se que

⁸⁵ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 132.

Carolina, leitora também de escritores ingleses, influenciou suas leituras, ampliando com sua cultura o universo literário de Machado de Assis.⁸⁶

Na *Introdução da Obra completa* de Machado de Assis, o crítico literário Afrânio Coutinho analisa as possíveis influências sofridas por Machado de Assis de ações e agentes físicos, emocionais e de inteligência dados pela cultura na construção de sua vida de literato, dizendo que é preciso considerar que:

Ele possuía em germe todos os elementos que caracterizam a sua visão de mundo. Todavia eles não existiam mais do que em estado latente, e foi preciso o estimulante das leituras, ou mais exatamente, foi necessário o encontro das teorias e formas que se amoldaram à sua sensibilidade, para que as reservas fossem despertadas e a sua fisionomia espiritual e estética definitivamente firmada.⁸⁷

Coutinho diz que Machado de Assis bebeu das fontes literárias e das teorias que existiam, fez investimento na prática, promovendo assim, seu desenvolvimento por meio de estímulos e estratégias adequadas para a construção de sua obra, e emenda que percebe que um “Certo vezo brasileiro de encarar o artista como um produto espontâneo e precoce não dá lugar para se compreender que a arte é a resultante de longa paciência, de esforço continuado de pesquisa, estudo, reflexão. Machado de Assis é um exemplo disso”.⁸⁸

Machado de Assis viveu num país de sistema escravista, onde a mão de obra era explorada e sacrificada pela discriminação e o estereótipo da cor da pele e pelo egoísmo de alguns. Era mulato, pobre e sentiu no âmago de seu ser a discriminação e a rejeição de classe social; padecia desde pequeno de uma doença, possivelmente epilepsia.

Contrariando essa visão trágica perpassada por alguns autores sobre o contingente instável da vida de Machado de Assis, Jean-Michel Massa escreve que o autor, apesar de nascer em um ambiente instável e inseguro de recursos econômicos, relacionava-se com mediadores que o estimulavam de inúmeras formas. Era privilegiado, segundo ele, pois conviveu, na primeira infância, com seu

⁸⁶ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 68-69.

⁸⁷ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 43.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 26.

pai, que lhe ensinou as primeiras letras, o que lhe possibilitou a leitura do mundo com o olhar dos signos. O ambiente familiar em que foi criado

(...) pertencia à minoria (...) entre o que recebeu de berço, como herança do patrimônio familiar, como legado de sua gens (acrescentemos mesmo a voz dos ancestrais açorianos) e o que acrescentou à sua bagagem particular quando, por volta dos quinze anos, deixou os seus e abandonou a vida na chácara...⁸⁹

É possível que Machado de Assis tenha tolerado muitas pressões sociais e discriminações também quando se apaixonou por Carolina, branca e da corte portuguesa. Seus familiares arranjaram objeções, no entanto, parece que grande parte delas foi superada, pois Machado de Assis viveu com ela por toda vida.

Segundo Coutinho, Machado de Assis era comedido e contrário a colocar em evidência e a público sua vida íntima; nunca se dispôs a autorizar a publicação de suas cartas, às quais não concedia valor literário; no entanto, algumas foram publicadas e revelam suas dificuldades financeiras no início de sua vida de casado, assim como sua paixão pela música e o pessimismo que permeava seus pensamentos. As cartas também revelam os sentimentos de amor quando se dirige a Carolina, como nessa declaração:

Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? (...) aqui está uma alma que te compreende e te ama também. (...) amamo-nos; e eu vivo e morro por ti. Escreve-me e crê no coração do teu / Machadinho.⁹⁰

Mesmo vivendo nesse contexto de preponderância e dominação de poucos que se aliavam para continuar tendo a hegemonia do poder, Machado de Assis encontrou sabedoria, inteligência, perspicácia para não se deixar dominar por esse clima que imperava. Quando convidado para ajudar a organizar e edificar a Academia Brasileira de Letras, em 1896, aceita o desafio e toma a frente; torna-se seu primeiro presidente no ano seguinte, ocupando uma cadeira até sua morte. Seus escritos são reconhecidos, admirados e respeitados por muitos escritores,

⁸⁹ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 60-61.

⁹⁰ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 1029-1030.

historiadores, sociólogos, críticos literários que se empenham em mostrar suas habilidades formais linguísticas, bem como sua perspicácia narrativa latente demonstrando a realidade cultural, política, econômica e religiosa, sem, contudo, provocar a ira de seus contemporâneos. É idealizado por uma grande parcela da população nacional e estrangeira que o tem como modelo e referencial de escritor nos vários gêneros: romance, poesia, conto, teatro.

É admissível que Machado de Assis fosse tolhido até na arte de escrever. É uma condição elementar a liberdade, pois o talento não consente transbordamento sob pressões e exigências. Além da liberdade são necessários também os atributos de empenho, disciplina, concentração para que os germes iniciem seu estágio de desenvolvimento e possam brotar e desprender-se das amarras sistêmicas. Machado de Assis pôde ser um exemplo desse desprendimento, mesmo mantendo-se por mais de trinta anos em um emprego público no qual era respeitado, e solicitado frequentemente em ocasiões especiais para fazer a redação para eventos sociais importantes, documentos e registros da época, porém sem se descuidar do que as letras poderiam falar. Nas palavras de Massa: “Machado de Assis era prudente e perspicaz (...) media de antemão as consequências de seus escritos. Cuidava para não ferir ninguém. Escrever era correr o risco de ser derrotado”.⁹¹ Era mestre nas virtudes que fazem prever e evitar as inconveniências e os perigos quando se escreve, não contrariando uma provável expectativa vigente. Machado de Assis escreveu para jornais e revistas, no início de sua carreira, por necessidade de recursos econômicos de sobrevivência, contudo não se deixou manipular pelos preceitos categóricos.

O contexto sociopolítico, conforme exposto nos escritos de José Murilo de Carvalho, mostra como havia sido formada a herança social na qual Machado de Assis cresceu e desenvolveu seus talentos:

(...) a elite política que tomou o poder no Brasil após a Independência apresentava características básicas de unidade ideológica e de treinamento que, pelas informações disponíveis, não estavam presentes nas elites dos outros países. O núcleo da elite brasileira, pelo menos até um pouco além da metade do século, era formado de burocratas – sobretudo de magistrados – treinados nas tradições do mercantilismo e absolutismo

⁹¹ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 353.

portugueses. (...) por sua educação, pela ocupação, pelo treinamento, a elite brasileira era totalmente não representativa da população do país.⁹²

Ainda segundo Carvalho,

(...) pode-se dizer que o sistema imperial começou a cair em 1871 após a Lei do Ventre Livre. Foi a primeira clara indicação de divórcio entre o rei e os barões, que viram a Lei como loucura dinástica. (...) A coroa foi esgotando seu critério de legitimidade perante os fazendeiros ao ferir seus interesses e o imperador ficou sozinho em 1889, em vivo contraste de sua prematura coroação em 1840. (...) essa base ao final do século XIX dificilmente poderia ser popular, pois 90% da população vivia ainda sob o controle dos donos de terra.⁹³

Outros acontecimentos do século XIX foram fecundos em configurações sociais, tais como a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. No contexto dos anos 1864 a 1908, Machado de Assis escreveu sua obra. As influências desses eventos concorreram de forma intensa, segundo historiadores, para a execução do arcabouço literário do autor.

Machado de Assis viveu numa época em que o predomínio político e hegemônico era do Império, durante quarenta e nove anos, legitimado por Dom Pedro II. Nesse contexto, Machado de Assis narra suas histórias e cria personagens que podem ser uma amostra da sociedade. Observe-se as palavras que seguem como um exemplo:

(...) o método de veicular a verdade política pode ser facilmente descrito como alegórico, pois requer que o leitor enxergue o paralelismo entre o âmbito privado do romance (cuja ação é limitada a duas ou três famílias) e a história pública do Segundo Reinado. (...) Machado torna suas tramas capazes de transmitir essa mensagem histórico-política.⁹⁴

Nicolau Sevckenko, ao referir-se aos fundamentos sociais e expectativas com o novo regime de governo, aborda as crises sociais e construção das concepções culturais na I República, e é enfático e severo ao dizer que: “A sociedade nascida com o novo regime passava por um processo turvo de ‘desencanto’ – a ‘selva

⁹² CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial / **Teatro de sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 230-231.

⁹³ *Ibid.*, p. 322-323.

⁹⁴ GLEDSON, John. **Machado de Assis**: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 13.

escura’ – dando origem a uma ‘época de cerrado utilitarismo’; em que a situação é dos espertos”. E ainda que

As transformações sociais, políticas e econômicas, ao contrário do que se esperava, só trouxeram a exacerbação do egoísmo e do interesse na luta pelos cargos e comissões altamente remunerados, acompanhada pelo maior desprezo e indiferença pelos assuntos públicos.⁹⁵

Com o destronamento da ordem social vigente, um novo perfil de homens entra em cena. Observe-se como o autor descreve o teatro e as cenas de crueldade e de egoísmo de poucos que deixaram caótica a situação de vida da maioria dos brasileiros, pois, segundo Sevcenko,

Apesar do adesismo imediato e maciço que maculou a pureza da República já nos dias da Proclamação, serão esses ‘Homens Novos’, vindos à tona com a nova situação, que irão dar tom geral à ordem que se criava, marcando o novo sistema de governo com o timbre definitivo do arrivismo sôfrego e incontido.⁹⁶

Foi nesse contexto social que as tramas literárias machadianas foram delineadas e escritas. De certa forma, suas narrativas demonstram perfis de personagens que se determinaram a triunfar a qualquer preço, mesmo fazendo de tapete muitas vidas. Apresenta homens ávidos, ansiosos para devorar as presas fáceis, pois não possuem instrumentos apropriados de defesa para se lançar contra seus destruidores. A necessidade básica, a segurança, o sentir-se agregado e legitimado numa sociedade foram-lhes negados. As possibilidades de desenvolver e sonhar uma vida com abundância foram-lhes ceifadas antes mesmo de nascer.

De acordo com Gledson - na perspectiva de crítico do contexto social e por meio de suas narrativas - Machado de Assis era um profundo conhecedor da estrutura política do século XIX. Vivia em seu contexto sem, contudo, ser alienado: seus escritos eram formas de denúncia de uma sociedade corrompida pela discriminação, estereótipos e desrespeito pela grande maioria de seres humanos que viviam à margem da sociedade como o trabalhador, escravo ou não. “(...) de modo disfarçado, os pontos de vista de Machado eram rigorosamente críticos em

⁹⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 146-147.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 26.

seu âmago, e seus romances bem podiam ser classificados de sátiras”⁹⁷. Bastava ler nas entrelinhas o que estava implícito nas letras tão significativas e incorporadas pelos personagens machadianos. As máscaras, as dissimulações utilizadas pelas figuras, retratavam possivelmente parte de certa face das políticas da sociedade do século XIX. Ou como acentua Gledson: “É a galeria dos medíocres e convencionais que formam o grosso da sociedade”.⁹⁸

Gledson tece elogios a Machado de Assis comparando-o aos grandes romancistas e dizendo que se utiliza de meios argutos para anuviar a clareza dos fatos:

Os estudiosos acentuam repetidamente a perspicácia psicológica de Machado, e é certo que ele possui a faculdade dos grandes romancistas de alterar a compreensão que o leitor tem dos seus semelhantes (geralmente para pior). Mas, pelo menos nos maiores romances de Machado, o enredo das personagens são determinados, em primeiro lugar, por fatores sociais.⁹⁹

Também o historiador Sidney Chalhoub afirma que: “Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX. Essa hipótese vem sendo defendida, a meu ver de forma bastante convincente, por críticos literários como Roberto Schwarz e John Gledson”.¹⁰⁰

Machado de Assis, em suas narrativas, por meio de jogo de linguagem, encena a sociedade brasileira. Manifesta, pela descrição literária, o drama que a sociedade viveu e transforma suas narrativas em contexto cultural; representa por meio dos personagens, o perfil de homens ávidos pelo poder, predominando assim, atitudes de egoísmo e crueldade; as benesses eram oferecidas a poucos que permaneciam na mesma classe social privilegiada.

Reafirmando esse pensamento, Roberto Schwarz diz que a narrativa machadiana permite representar a dramaticidade e a morbidez ao retratar a sociedade; ele abre as portas com sua linguagem ao observar o cenário caótico de

⁹⁷ GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 13.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 42.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 13.

¹⁰⁰ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17.

divisão da sociedade que acabara de posicionar-se no poder, e isso pode ser observado no trecho abaixo.

O dispositivo literário capta e dramatiza a estrutura do país, transformada em regra da escrita. E, com efeito, a prosa narrativa machadiana é das raríssimas que pelo seu mero movimento constituem um espetáculo histórico-social complexo, do mais alto interesse, importando pouco o assunto de primeiro plano. (...) Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica.¹⁰¹

Contribuiu para o esclarecimento da obra de Machado de Assis Raymundo Faoro, historiador, sociólogo e cientista político, ao interpretar parte da obra machadiana. Destaca que o autor manifesta, por meio de representações, uma visão do conjunto social da vida no Segundo Império. Relata que as personagens que se apresentam ao observador já estão repletas de marcas preconcebidas por essa cultura e que são perceptíveis pela descrição da narrativa. Diz que a cúpula reinante opera no comando da escala superior da pirâmide, enquanto a rede de humanos, no trapézio, trabalha para sustentação das estruturas impostas. Essa visão sociológica do autor alarga a percepção do mundo percorrido por Machado de Assis e cria novas possibilidades para a reinterpretação dos seus escritos. Quando Machado de Assis retrata o perfil de seus personagens, por meio de papéis e diálogos, está interpretando, de certa forma, as situações que ocorreram nos fenômenos sociais, culturais e, possivelmente, de acordo com os usos e costumes de sua época. Conforme suas palavras, não se pode ser ingênuo ao ler os registros de Machado de Assis:

Ninguém se engane com o painel aparente da sociedade na obra de Machado de Assis. (...) Nitidamente, há uma estrutura de classes - banqueiros, comerciantes e fazendeiros - sobre outra estrutura de titulares, encobrendo-a e esfumando-lhe os contornos. É a camada da penumbra que decide os destinos políticos, designa deputados e distribui empregos públicos. (...) a classe em ascensão coexiste com o estamento; muitas vezes, a classe perde sua autonomia e desvia-se de seu destino para

¹⁰¹ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 11.

mergulhar no estamento político, que orienta e comanda o Segundo Reinado.¹⁰²

Na perspectiva de Faoro, coabitavam na sociedade de classes os ricos em expansão, como os grandes comerciantes, os senhores de terras e engenhos; todavia, o que permanecia em relevo eram os legados de crenças, o estilo de vida, a formação e o desenvolvimento intelectual de alguns e a origem nobre. No conto *Adão e Eva*, Machado de Assis retrata esse perfil social, no início do enredo, ao referir-se aos personagens que estão reunidos em torno à mesa: “Uma senhora de engenho, na Bahia, (...) o juiz-de-fora, (...) e Frei Bento, carmelita”.¹⁰³

E ao referir-se à nobreza e à beleza de Divina Quintília, no conto *A desejada das gentes*, Machado de Assis enfatiza: “Olhe, a casa era aquela... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado; tinha outra casa no Cosme Velho. (...) Ela andava então no galarim; era bela, rica, elegante, e da primeira roda”.¹⁰⁴ Ou em *A cartomante*, referindo-se aos cargos dos personagens: “Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo (...)”.¹⁰⁵

Quando o autor descreve os personagens, com características e estilo de nobreza, cargos políticos, casas e sobrados, possivelmente está a referir-se à posição social que frequentam; pela arquitetura que priorizavam, os personagens demonstravam seu *status* social. O arquiteto Key Imaguire Junior destaca, em sua tese de doutorado *O espaço burguês: arquitetura eclética em Machado de Assis*, os aspectos de construções de casas que predominavam no Rio de Janeiro do século XIX; recria a linguagem machadiana expressando significados múltiplos de casas, varandas e janelas que corresponderiam possivelmente aos lugares de onde se poderiam perceber as diferenças e níveis sociais que, naquele momento, imperavam. “O prestígio social da casa vem tanto de sua qualidade arquitetônica

¹⁰² FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976, p. 4.

¹⁰³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 525.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 505-506.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 478.

intrínseca, que fica subentendida, quanto de seu valor como capital estável e seguro”.¹⁰⁶

De certa forma, as construções arquitetônicas diziam mais que as construções intelectuais e literárias. Raymundo Faoro ressalta que, quando Machado de Assis fazia parte do contexto social do Rio de Janeiro, a literatura poética não era bem vista pelos políticos que administravam o poder, e registra frequentes críticas aos literatos, até de forma sarcástica: “O poeta ou o escritor, pobres de outras qualificações, não têm ingresso nessa comunidade que dirige o Estado e distribui migalhas de poder aos famintos”.¹⁰⁷ Percebe-se certo desdém para com a obra e a criação dos literatos. Observe-se o que é sentenciado a Taunay, artista plástico, historiador e sociólogo brasileiro:

Taunay, Taunay, amigo Taunay, deixa as coisas da arte onde elas estão, achadas ou perdidas; muda a fraseologia, atira-te aos cachorros, pombos, leões, todo esse vocabulário, que só aparentemente dá ares de aldeia, mas [que] encerra grandes e profundas idéias.¹⁰⁸

Jean-Michel Massa comenta que a crítica machadiana aos literatos dizia que a obra de literatura não podia ser vendida como se fosse um tecido de pano ao preço de quem paga mais por seu produto, como faziam alguns escritores de sua época, “Machado de Assis reclamava para o homem das letras a dignidade. Como o Cristo expulsava os vendilhões do templo. O talento não era uma máquina...”.¹⁰⁹

Consoante Faoro, a obra machadiana compõe-se de elementos que fazem parte do seu contexto social: “Há, em todos os gestos e atos dos personagens, motivando-as ou determinando-as, a mola, secreta ou ostensiva, forjada com o material da ordem social, globalmente considerada. (...) No ato de fixar esse retrato, os homens realizam seu destino, perseguem a felicidade, amam e se reproduzem, esquecidos das suas angústias”.¹¹⁰

¹⁰⁶ IMAGUIRE JUNIOR, Key. **O espaço burguês: arquitetura eclética em Machado de Assis.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. p. 59.

¹⁰⁷ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio.** São Paulo: Nacional, 1976, p. 16.

¹⁰⁸ *Id.*

¹⁰⁹ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 268.

¹¹⁰ FAORO, op. cit., p. 354.

Machado de Assis era sutil e diplomático no reconhecimento da realidade, nas afeições e no modo de proceder social, assim como no uso de palavras ou imagens para a exposição de acontecimentos reais ou imaginários. Os elementos com que compunha sua prosa literária eram de cognição elevada, emoção e sensibilidade que transpareciam de formas várias, entre elas a sátira, o humor e o pessimismo. Era perspicaz em não deixar perceber, em suas narrativas, as críticas que, hoje, captam com inteligência os críticos atuais.

O autor em estudo, num processo de construção, estruturou com disposição e ordem os elementos essenciais que arranjaram sua vida de escritor, como se construísse o arcabouço de uma casa tijolo por tijolo. Faoro escreve que

Machado de Assis, depois de evocar as fontes coloniais de seus heróis, de seus comerciantes, fazendeiros e proprietários, sente que, no fim do século, suas personagens nada têm a realizar, nada mais têm a dizer. Entram em cena outros homens, os especuladores do *encilhamento*, os militares e os propagandistas de uma nova fé.¹¹¹

Gledson, ao referir-se ao romance *Dom Casmurro*, enuncia que:

(...) o romance revela verdades de todos os tipos acerca de dinheiro, religião, sexo, família, classe, política, relações pessoais, sobre o uso da linguagem, da imagem, da metáfora, e assim por diante. (...) Machado está, de fato, bem distante do ponto de vista deles: o fato de todos serem, em graus diversos, convincentes e simpáticos como personagens é parte essencial desse distanciamento – foram intencionalmente concebidos para agradar o leitor, aliciá-lo no sentido de aceitar o ponto de vista do narrador. (...) Machado foi capaz de iludir o leitor por ter sido capaz de lisonjear seus preconceitos.¹¹²

A expectativa de uma sociedade com predomínio de mentalidade sonhadora é diametralmente oposta ao horizonte representado, e Machado de Assis consegue perceber e escrever sobre amor mesmo em meio à desordem e o caos que ora propagava-se no meio social: “Para Machado, o amor (ao menos nos últimos livros)

¹¹¹ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Nacional, 1976, p. 354.

¹¹² GLEDSON, John. **Machado de Assis**: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 7-9.

não é uma emoção que possa ser isolada de pressões sociais, o que não significa dizer que seja apenas um tipo de egoísmo”.¹¹³

Os conceitos de amor constroem-se também por discursos que são elaborados e mediatizados por interesses múltiplos, difíceis de serem abarcados e percebidos no âmbito social. Quando se legitimam os alicerces que fundamentam as leis de uma sociedade, cujos privilégios recaem sobre os indivíduos que têm educação, posses, estilo de vida e nobreza, o conceito de discriminação é cristalizado. O egoísmo, como possessão do outro por interesse, faz parte da obsessão egóica de quem o propõe como acepção definitiva. Se o escritor apresenta acepções de amor, que podem ser a união de duas mentes numa só, como ocorre na paixão, esse estigma permanecerá como uma verdade a ser buscada frequentemente por aqueles que se guiam por essa verdade.

Consoante Coutinho, Machado de Assis era leitor obstinado dos autores ingleses, preferindo o gênero literário do humorismo, o que revela assimilação para escrever verdades essenciais em forma de humor:

Em Machado o humorismo é aliado ao pessimismo, à amargura, ao ódio do gênero humano, à irritação que lhe causava o espetáculo da vida. (...) em Machado o divertimento é sempre coberto por uma idéia do homem, de uma idéia realista, observada da vida real, cotidiana, individual, porém ligada ao universal da condição humana. (...) Para compreendê-lo, pois, é preciso aliar o humorismo à melancolia e a tristeza, à amargura e ao tédio, ao ódio da vida e ao pessimismo.¹¹⁴

Machado de Assis tinha afinidades com as leituras de cunho pessimista, era leitor contumaz de Arthur Schopenhauer e da *Bíblia (Eclesiastes)*. Possivelmente deixou-se influenciar pela teoria de *O mundo como vontade e como representação* de Schopenhauer, cuja temática é a Vontade soberana, considerada como mola propulsora que permite aos seres humanos agirem de acordo com ela. A Vontade desconsidera qualquer iniciativa em benefício do outro ser humano, conforme se pode observar em: “À luz de toda a nossa visão, contudo, a Vontade é não apenas

¹¹³ GLEDSON, John. **Machado de Assis**: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 68.

¹¹⁴ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 43.

livre, mas até mesmo todo-poderosa. Dela provém não só seu agir, mas também o seu mundo”.¹¹⁵

A Vontade é amoral e atemporal, está além do bem e do mal, diz sempre sim aos interesses individuais e não existe regra ou norma que possa apreendê-la.

Schopenhauer deixa claro que o ser humano tem uma centralidade para agir, direcionando suas cognições, emoções e condutas para o egoísmo e a crueldade. Todavia, o que poderá negar essa Vontade de vida ou amenizar o egoísmo são as formas ascéticas que alguns indivíduos ritualizam para o caminho de santidade:

No cristianismo mais letrado vemos aquele gérmen ascético desabrochar em vistosa flor nos escritos dos santos e místicos. Estes pregam, junto com o mais puro amor, também completa resignação, voluntária e absoluta pobreza, verdadeira serenidade, indiferença completa pelas coisas mundanas, mortificação da própria vontade e renascimento em Deus, inteiro esquecimento da própria pessoa e imersão na intuição de Deus.¹¹⁶

Elogia a compaixão como forma de diluir essa mola propulsora egoística que move os seres humanos: “Todo amor (caritas) é compaixão”.¹¹⁷ O pensamento desenvolvido teoricamente por Schopenhauer em *O mundo como vontade e como representação* é tido por muitos críticos como um pensamento pessimista.

Machado de Assis censura a forma como seus críticos o percebem e possivelmente fala de sua condição física e social em carta de 29 de setembro de 1903, em que

reage ele contra increpação de pessimista, embora dizendo que ‘talvez seja verdadeiro’. Mas afirma que faz ‘às vezes mais justiça a natureza do que ela a nós’, pois ‘não posso negar que ela respeita alguns dos melhores, e estou que os fere por descuido, mas logo emenda e põe o bálsamo na ferida’.¹¹⁸

¹¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 354-355.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 490.

¹¹⁷ *Ibid.* p. 476.

¹¹⁸ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 1027.

2.2 ALGUMAS TONALIDADES PRESENTES NA OBRA MACHADIANA

Dentro do tempo histórico e do espaço social,
reintegrados na realidade da arte e do mundo, a obra literária consiste por si,
com perspectiva peculiar, inteligível por valores comuns.
Nem a abordagem extrínseca lhe dá conteúdo,
nem o isolamento no mistério a purifica das impurezas do século.
Incorporada no momento sociocultural, ela, parte dele,
o revela, revelando-se a si própria.

Raymundo Faoro

Quando o escritor constrói sua obra, ele está demarcando um tempo, um lugar e um conteúdo que servirão de registro para as gerações futuras. A representação linguística da obra percorrerá o seu caminho; despertará sentimentos, imaginação nos horizontes dos indivíduos leitores que beberem daquela fonte. A obra literária é apresentada ao leitor por meio de configurações que foram delineadas pela singularidade e condicionamentos culturais do autor. A veracidade do teor da escrita dependerá, em parte, do que foi construído implicitamente na narrativa e que revela verdades da época. Aquilo que é comum, genuíno, é o que faz a perpetuação da obra literária, sem, contudo, purificá-la totalmente das influências dos conceitos objetivados e expressos pelas ciências do tempo. O autor fala de seu palco, já que se tornou o ator principal ao construir uma rede de espectadores que bebem de sua fonte literária. A obra literária manifesta o pensar ideal e realístico do momento, muitas vezes transcendendo os muros e as fronteiras dos estereótipos vigentes. De acordo com Raymundo Faoro, “Há em toda obra literária omissões significativas, com o mesmo alcance das referências explícitas. O que não se diz significa, às vezes, mais do que aquilo que se proclama, com solenidade ou a altas vozes”.¹¹⁹

A obra literária permite vários tipos de configurações. Entre elas está o movimento do Romantismo. Alfredo Bosi, citando Paul Valéry, diz que:

(...) seria necessário ter perdido todo o espírito de rigor para querer defini-lo.
(...) Mas aqui, como nos outros ciclos culturais, o todo é algo mais que a soma das partes: é gênese e explicação. O amor e a pátria, a natureza e a religião, o povo e o passado, que afloram tantas vezes na poesia romântica,

¹¹⁹ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional. 1976, p. 353.

são conteúdos brutos, espalhados por toda a história das literaturas, e pouco ensinam ao intérprete do texto, a não ser quando *postos em situação tematizados e lidos como estruturas estéticas*.¹²⁰

Machado de Assis construiu suas configurações literárias em porções que não perdem suas capacidades reais quando separadas. A totalidade expressiva de sentimentos e realidade de vida, no conto *A cartomante*, é uma amostra do que os personagens podem oferecer quando revelam as tramas em seus diálogos. No enredo, a linguagem surge numa multiplicidade de conteúdos significativos que ampliam e recriam as mentes de seus leitores: “A senhora gosta de uma pessoa... Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...”.¹²¹ Ou basta ler uma carta endereçada a um amigo, um verso de um poema, um romance, para enriquecer-se cognitiva e intelectualmente. Ali estão contidas inúmeras possibilidades para serem recriadas no imaginário de cada leitor ou ouvinte.

O contexto em que a obra machadiana foi elaborada compunha-se de vários movimentos estéticos, entre eles o romantismo, que, segundo Abbagnano, é um “movimento filosófico, literário e artístico que começou nos últimos anos do século XVIII, floresceu nos primeiros anos do século XIX e constituiu a marca característica desse século”¹²², cujos princípios estéticos eram os “(...) sentimentos sobre a racionalidade, a imaginação sobre o espírito crítico, a subjetividade sobre as regras rígidas do Classicismo, as tradições históricas e nacionais sobre os modelos da Antiguidade”.¹²³

No movimento romântico, o indivíduo é o sustentáculo e o centro, ou nas palavras de Alfredo Bosi, “O fulcro da visão romântica do mundo é o sujeito. Diz-se na época atual, em termos de informação, que é o emissor da mensagem”.¹²⁴ Seguindo esse ponto de vista, pode-se perceber que Machado de Assis, ao escrever *Dom Casmurro*, permite centralidade e voz a personagens que antes pareciam não

¹²⁰ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 91.

¹²¹ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 477.

¹²² ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 860.

¹²³ ROMANTISMO. In: DICIONÁRIO virtual Houaiss da língua portuguesa 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

¹²⁴ BOSI, op. cit., p. 93.

existir nos enredos de grandes clássicos, como o agregado, a tia, o vizinho. O sujeito entra em cena e manifesta-se com palavras e gestos, fazendo o diálogo acontecer, ele faz e promove seu discurso, torna-se a base da temática do enredo, promovendo uma linguagem rica de sentimentos. Os sentimentos e a imaginação encontram expressões e representações múltiplas.

Com a centralidade do sujeito, a linguagem transborda em expressões de sentimento e emoção. Os sentimentos encontram um canal aberto e fluem em representações inúmeras. Esse universo das afeições pode ser metaforicamente comparado a um mar repleto de conteúdos a serem explorados. Os seres, feitos eminentemente de afetos, porém sem racionalidade e ponderação, tornam-se caóticos. Metaforicamente falando, são cavalos selvagens sem montaria.

A aparente irracionalidade dos poetas tinha causa lógica e seria leviano criticá-los por seus exageros, pois, segundo a opinião do historiador Jean-Michel Massa, eles viviam diante do processo iminente de morte. Ainda mais que o século XIX foi marcado por epidemias como a cólera, o sarampo e a tuberculose; a interrupção definitiva de suas vidas era a única certeza, caso contraíssem a doença. A poesia possivelmente era um dos meios de se tornarem imortais.

Machado de Assis foi influenciado pelas leituras de muitos mestres e poetas no início de sua carreira literária, entre eles Victor Hugo e Eugène Pelletan. Este foi um de seus prediletos, pois considerava que ele possuía uma visão dialética da realização contínua e prolongada da vida. Machado de Assis, ainda jovem e com muitas dúvidas sobre as questões da existência, deslumbrava-se diante de expressões como estas: “A vida, A vida! extasiemo-nos com estas palavras, porque é a embriaguês sagrada. A vida é a esperança, é a imortalidade, é a mediação do finito com o infinito, a ligação do tempo com a eternidade, a destruição do limite, a arca divina lançada ao abismo...”.¹²⁵

As expressões de esperança desses versos, de que a vida é a obra que merece respeito em sua magnitude, são perceptíveis aos olhos de quem lê parte desse poema. A vida é exaltada em sua grandeza, quando não é desperdiçada pelo egoísmo de pessoas que desejam destruí-la por terem o mecanismo do poder em suas mãos.

¹²⁵ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 210 e 212.

Nesse tempo de expressão romântica, Massa afirma que “Machado de Assis teve (...) uma breve fase poética marcada pelo espírito boêmio que por essa época reinava (...) essas experiências foram mais livrescas ou imaginárias do que reais”.¹²⁶

O autor criou poemas para cantoras e dançarinas em linguagem poética, que parecem ser versos para uma personalidade idealizada, como por exemplo:

Eu amo teu canto,/ Eu amo, o meu pranto/ Não deixo correr;/ Esqueço meus
males/ Ou cantes ou fales/ Ou rias ou chores,/ Ou meiga descores/ Com
divo prazer.¹²⁷

Novos caminhos são trilhados por Machado de Assis, e a poesia não é mais o centro de sua literatura. Sabe-se que a vida é um processo de crescimento contínuo. O autor sonhava e encenava esperança, amores idealizados de jovem, época de descobertas e experimentos. Com o passar dos anos, o conhecimento e a maturidade foram dando novas formas a seu processo de crescimento literário. Criou e ainda cria explosões de sentimentos em muitos leitores ao narrar histórias tão humanas, de sensibilidades extremas, reais e atuais. Seu pensamento é causador de imaginação, fantasias, medo, curiosidade, é desafiador ao desestabilizar o inflexível de seu rigorismo.

Bosi critica o “eu romântico” que é incapaz de examinar e resolver os conflitos com a sociedade e por isso “lança-se à evasão”.¹²⁸ Machado de Assis, por sua vez, não foi evasivo, não escapou furtivamente dos compromissos sociais e da coletividade; ao contrário, legou instrumentos valiosos histórico-literários.

Evadir-se das responsabilidades sociais e coletivas utilizando-se da subjetividade do sentimentalismo e da idealização - categorias que predominam na tendência literária romântica - seria o mesmo que estabelecer um vínculo estreito com as realidades psíquicas e emocionais do próprio eu. Além dessas categorias, segundo Abbagnano, existem ainda “caracteres comuns e fundamentais de todas as manifestações do Romantismo, que seriam o otimismo, o providencialismo, o

¹²⁶ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 153.

¹²⁷ ASSIS, *apud* MASSA, *op. cit.*, p. 137 e 127.

¹²⁸ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 93.

tradicionalismo e o titanismo”¹²⁹ que permeiam todo o processo literário romântico, que tem

(...) a convicção de que a realidade é tudo aquilo que deve ser, e de que é em todos os momentos racionalidade e perfeição. É devido a esse otimismo que o Romantismo tende a exaltar a dor, a infelicidade e o mal, pois a infinidade do espírito também se manifesta nesses aspectos da realidade, superando-os e conciliando-os em sua perfeição.¹³⁰

Pode-se afirmar que essa concepção é ingênua, porquanto não se alimenta das realidades sociais e culturais que regem as leis e seus condicionamentos. Uma visão de confiança plena e absoluta poderá ter distorções desastrosas, pois é linear.

Já no “providencialismo” existe a concepção de que a história é um processo necessário e nada do que acontece é vão ou ilógico; tudo é providência divina. O que é legado da tradição é manifestação da “Razão Infinita: é verdade e perfeição”. O salmista que canta a proteção divina concedida ao justo conhecerá a provação, todavia Deus o libertará. O que se observa nos versos de *Sob as asas divinas*. É uma promessa de vitória para aqueles que creem na manifestação do poder Absoluto.

Quem habita na proteção do Altíssimo/ pernoita à sombra de Shaddai,/ dizendo a lahweh: /Meu abrigo, minha fortaleza,/ meu Deus, em quem eu confio!/ (...) Porque a mim se apegou, eu o livrarei./ protegê-lo-ei, pois conhece o meu nome./ Ele me invocará e eu responderei:/ Na angústia estarei com ele,/ livrá-lo-ei e o glorificarei;/ saciá-lo-ei com longos dias/ e lhe mostrarei a minha salvação. (SALMO 91: 1-2 e 14)

A exaltação da beleza infinita cantada pelo salmista parece assemelhar-se ao modo como Machado de Assis canta uma manifestação interminável de beleza e idealização do feminino nos *Versos a Corina*, em que descreve e assinala o amor romantizado por uma mulher que ele elegeu como musa bela e perfeita que o fará exultar de alegria em suas fantasias “Mas tu passaste... Houve um grito/ Dentro de mim. Aos meus olhos/ Visão de amor infinito,/ Visão de perpétuo gozo/ perpassava e me atraía,/ Como um sonho voluptuoso/ De sequiosa fantasia”.¹³¹

¹²⁹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 861.

¹³⁰ *Id.*

¹³¹ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 31.

Outro aspecto que fundamenta o Romantismo é o “titanismo”, em que o

culto e a exaltação do infinito têm como contrapartida negativa a inaceitabilidade do finito ou a impossibilidade de satisfazer-se com ele. Nessa inaceitabilidade (ou insatisfação) estão as raízes da atitude de rebeldia contra tudo o que parece ser ou é limite ou regra e do desafio incessante a tudo o que, por sua finitude, parece inferior ou inadequado ao infinito. Prometeu é adotado como símbolo desse titanismo (...) Prometeu era o homem que transgredira a lei do destino para possibilitar a sobrevivência do gênero humano, sofrendo as consequências dessa transgressão”. O aspecto marcante do titanismo no espírito romântico é não se contentar com parte do todo, ele quer absorver toda a verdade, a *gestalt*, elegendo a ‘ciência que é sua manifestação humana preferida, o infinito da verdade’ (...) como única diretriz dos homens em todos os campos.¹³²

Não se espera mais que a ideia de absolutismo prevaleça em qualquer linha de pensamento, o mundo é feito de diversidades. No recriar de muitos pensadores, Prometeu seria o símbolo dessa investigação incessante e múltipla pelo conhecimento, e essa busca tem um caminho delineado que é o diálogo entre todas as ciências em benefício de toda a humanidade. Entretanto, hoje, sabe-se que mesmo as ciências têm suas limitações e estreitamentos e não conseguem trazer seus benefícios para todo o gênero humano.

Machado de Assis parece não comungar com as idéias filosóficas genéricas que propõem para a história humana um progresso necessário, mesmo com sacrifício de muitos. Nas palavras de John Gledson, Machado de Assis, por meio de suas narrativas, critica e despreza as teorias que legitimam e justificam os atos egoísticos, cruéis e de escravidão. Assinala, ainda, que o pensamento filosófico que rege a

premissa repetida de que todo homem é uma redução da entidade maior, Humanitas; uma vez admitindo isso, os indivíduos podem, com justiça, ser sacrificados para o progresso da coletividade. Esse elo vital entre o princípio e sua aplicação prática dá à sátira machadiana sua substância filosófica, e uma importância que se estende, além do positivismo, àqueles outros sistemas, tão característicos do século XIX, que consideravam o progresso inevitável rumo à perfeição de uma única entidade que abrangesse as qualidades do homem e de Deus – o Absoluto de Hegel é outro exemplo evidente.¹³³

¹³² ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 861-862.

¹³³ GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 144.

Roberto Schwarz diz que o século XIX assistiu ao brotar, no país, de várias idéias novas como o

Positivismo, Naturalismo e diversas formas de Evolucionismo que disputavam a praça com outras escolas. A sua terminologia, tão prestigiosamente moderna quanto estranha à vida corrente, anunciava rupturas radicais; prometia substituir o mecanismo atrasado da patronagem oligárquica por espécies novas de autoridade, fundadas na ciência e no mérito intelectual.¹³⁴

As novas idéias emergem e apostam sobrepor-se à mentalidade construída pelo sistema que prevalecia. É sabido que as expectativas com as novas teorias assinalaram mais miséria, fome e destruição. A ciência, esse modelo por excelência do conhecimento humano, preconizava sua elevação em detrimento das reflexões metafísicas e filosóficas. Esse pensamento contribuiu para estreitar e dividir as mentes dos indivíduos que acreditavam apenas numa parte do *holos*, e não na totalidade dos mecanismos mentais.

Para Antonio Carlos do Amaral Azevedo, esse movimento intelectual-literário romântico emerge na Europa no século XVIII; tem sua fase áurea no decorrer da primeira metade do século XIX, principalmente através de poetas, e logo se espalha a outras partes do mundo, anunciando “mudanças inovadoras nas suas tendências morais e nos seus modelos”, declinando com o romper do Realismo. “(...) No Brasil, a maioria dos autores indica Gonçalves de Magalhães, com a publicação, em 1836, de *Suspiros Poéticos e Saudades*, como introdutor do Romantismo”.¹³⁵

Bosi escreve sobre a idéia do Romantismo, que tinha como expectativa fortificar grandes mitos, proferindo que:

Na ânsia de reconquistar ‘as mortas estações’ e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos: a nação e o herói. A nação afigura-se ao patriota do século XIX como uma idéia-força que tudo vivifica. Floresce a História, ressurreição do passado e retorno às origens; (...) Acendra-se o culto à língua nativa e ao folclore, (...) novas bandeiras para os povos que aspiram à autonomia (...)¹³⁶

¹³⁴ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 151.

¹³⁵ AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3. ed. amp. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 402.

¹³⁶ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 95.

Trata-se de construções mentais herdadas que foram cristalizadas no imaginário de uma sociedade. Essas representações sociais estão impregnadas de verdades e mentiras desde longa data. Percebem-se alguns aspectos ao serem expressos por personagens que desempenham papéis no palco do cotidiano, assim legitimando os propósitos e leis dos que regem o poder.

Ainda segundo Bosi, são questões complementares e interdependentes os vínculos que unem e regem as leis mentais no processo do subjetivismo e da racionalidade construída. Observe-se como o autor recria essa linguagem complementar, ao dizer que:

O liame que se estabelecia entre o autor romântico e o mundo estava afetado de uma série de mitos idealizantes: a natureza-mãe, a natureza-refúgio, o amor-fatalidade, a mulher-diva, o herói-prometeu, sem falar na aura que cingia alguns ídolos como a 'Nação', a 'Pátria', a 'Tradição', etc. O romântico não teme as demasias do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se poderia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização dos temas que escolhe.¹³⁷

Infer-se que o indivíduo romântico percebe as temáticas da vida em tonalidades várias, de acordo com seu crivo de percepções imaginativas e sonhadoras de seu universo subjetivo. Possivelmente os esquemas mentais e acepções da visão romântica são de confiança absoluta de que o mal não prevalecerá sobre o bem. Os sentimentos têm expressões dialéticas e alguns deles estruturam os mecanismos emocionais, mentais no gênero humano, como a dor, a alegria, o riso e o medo. Em *Enigma do olhar*, Bosi afirma que “Machado nunca foi, a rigor, um romântico (o Romantismo está às suas costas); mas sim, pelo gosto sapiencial da fábula que traz, na coda ou nas entrelinhas, uma lição a tirar”.¹³⁸

Coutinho destaca que Machado de Assis fez parte desse movimento intelectual romântico em sua evolução como escritor, no entanto ele mesmo deixa clara a não linearidade dos processos de evolução de um sistema para o outro, como se percebe em seguida nos seus escritos. Parte da centralidade do Romantismo em Machado de Assis pode ser visualizada ao viver os

¹³⁷ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 79.

¹³⁸ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003. p. 167.

primeiros anos de vida intelectual consciente em pleno Romantismo, as décadas de 50 e 60, e tal foi a impregnação recebida que ele mesmo a confessou (...) Não é só nos livros da primeira fase, entretanto, que se encontram impregnações românticas. (...) Sua posição era equilibrada em relação ao Romantismo, e o fato repete-se no que concerne ao Realismo...¹³⁹

Nos *Versos a Corina*, Machado de Assis fala do amor que a gerou:

Tu nascestes de um beijo e de um olhar. O beijo/ Numa hora de amor, de ternura e desejo,/ Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,/ Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;/ Depois, vestindo a forma peregrina,/ Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!". "Ou ainda: A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,/ Palpitou, reviveu a pobre criatura;/ Do amor grande elevado abriram-se-lhes as fontes; /Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes...¹⁴⁰

O amor que o autor manifesta em seus versos, de certa forma, transmite um amor universal, que pode ocorrer em qualquer fase da vida. É abertura da correnteza do bem, do processo gerador de justiça que pode frutificar em benefício de muitos que estão em desalento esperando por um olhar que os torne pessoas. É um amor por todo o gênero humano em que a crueldade de alguns não habita. Assim, pode-se dizer que "O período romântico da literatura brasileira (especialmente a literatura urbana) apresenta o amor como um estado de alma".¹⁴¹

O processo de vínculo no amor romântico faz-se também, por meio da busca pela unidade incondicional e gratuita entre os amantes, pois sua identificação é para com o infinito; é necessário o abandono, a renúncia de uma possível e autêntica relação amorosa na expectativa da futura paz infinita. A vida real deverá caracterizar-se pelo desprendimento e altruísmo, superando as tendências egoísticas da personalidade. O presente é percebido como uma quimera, uma fantasia, pois o bem maior, a exaltação do ilimitado, deverá ser deslocado num movimento de espera. É a idéia esperançosa de futuro que deverá imperar, onde as almas livres poderão unir-se em perfeita harmonia e plenitude; esta visão de tempo e espera está implicitamente fortalecida no vínculo do amor romantizado que circula nos romances e poemas de amor.

¹³⁹ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 29-30.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 28.

¹⁴¹ D'INCAO, Angela Maria. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989, p. 66.

Bosi faz distinção entre a natureza dos Clássicos e o Romantismo:

A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa. Ela *significa e revela*. Prefere-se a noite ao dia, pois à luz crua do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação.¹⁴²

Isso é observável no poema *Horas vivas*, de Machado de Assis: “Noite; abrem-se as flores.../ Que esplendores! (sic)/ Cíntia sonha amores/ Pelo céu/ Tênuas as neblinas/ Às campinas/ Descem das colinas,/ Como um véu”.¹⁴³

Ao expressar metaforicamente a natureza do amor, o autor compara-o ora ao universo do reino vegetal, ora ao universo do reino animal. O escritor realiza uma semelhança do anoitecer que aparenta preparar uma dinâmica, ao mesmo tempo, para o descanso do corpo e a recomposição das forças, as quais o sol do dia gastou com seu poder e vontade; como também provavelmente abre um espaço para que o inconsciente entre em cena por meio de sonhos e fantasias. Na mesma correspondência da expressão do anoitecer em *Canções da Alma*, São João da Cruz sente prazer por ter chegado ao estado de perfeição quando canta: “Oh! Noite que me guiaste, Oh! Noite mais amável que a alvorada; Oh! Noite que juntaste Amado com amada, Amada já no amado transformada!”¹⁴⁴

A noite pode ser comparada ao inconsciente, ao involuntário, ao irracional que tem um mecanismo próprio; mesmo que o exterior seja de serenidade e calma, o inconsciente pode estar em turbulência mental ou em harmonia perfeita. A noite é acessível aos sonhos e aos amores livres ou frustrados, pelos mitos, tradições e condicionamentos culturais.

O crepúsculo abre espaço para imaginar, fantasiar, ser ou não ser plenamente, pois o amor pode ser livre quando supera parte da força que emana do superego que a cultura cristalizou. O sonho de liberdade irrompe quando o fulcro do processo inconsciente atravessa as barreiras dos modelos e configurações de uma sociedade que prega valores e moralidade rígidos.

¹⁴² BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003. p. 93.

¹⁴³ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 27.

¹⁴⁴ SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 37.

Com uma ternura apaixonada e alegre, o amor romântico é revelado à semelhança das fragrâncias que atraem o amado para a amada, como nos versos do *Cântico dos Cânticos*:

Que me beije com beijos de tua boca! Teus amores são melhores do que o vinho, o odor de teu perfume é suave, teu nome é como o óleo escorrendo, e as donzelas se enamoram de ti... Arrasta-me contigo, corramos! Leva-me ó rei, aos teus aposentos e exultemos! Alegremo-nos em ti! Mais que o vinho, celebremos teus amores! Com razão se enamoram de ti... (CÂNTICOS, 1: 2-3)

Ou ainda:

- Como és bela, minha amada, como és bela!... Teus olhos são pombas. – Como és belo, meu amado, e que doçura! Nosso leito é todo relva... [...] Como açucena entre espinhos é minha amada entre as donzelas. Macieira entre as árvores do bosque, é meu amado entre os jovens. (CÂNTICOS, 1: 15-16 e 2: 2-3)

O *Cântico dos Cânticos*, entre muitas possibilidades de interpretação, pode ser uma declaração de amor, de desejo e paixão que os enamorados imprimem um ao outro na ocasião de êxtase. Metaforicamente, pode ser comparado aos relevos áridos e sulcados da natureza que recebem água quando estão sedentos e já a morrer de sede. A água penetra em seus sulcos preenchendo e saciando as fissuras provocadas pelo desamor. É desastroso não amar, permanecer narcísico, a olhar apenas e continuamente para seu espelho, não visualizando nada ao seu redor a não ser a si próprio. O amor pode ser comparado a um diamante com tantas facetas quantas o indivíduo permite: ele emite luz, celebra a vida e para cada lado que se olha reflete um tipo de amor; mirando-se para os outros lados, exibirá faces de amores desconhecidos e ainda não representados.

Em cada processo evolutivo da vida ama-se de uma forma diferente e única. Quando se é criança, ama-se com contornos de pureza e inocência; quando jovem, com desejo ardente, onipotência, curiosidade e medo; e na maturidade, com a promoção do outro, no compromisso, na responsabilidade, na gratuidade e incondicionalidade, regozijando-se com a presença, porém sem descartar as possibilidades do desejo que é irracional e atemporal.

Para Schwarz, “Nos romances de sua fase edificante, Machado examinava esta diferença pelo prisma da riqueza tradicional, atribuindo ao comerciante ou, mais

genericamente, ao homem capaz de cálculo econômico a maior parte da baixa disponibilidade".¹⁴⁵

Ao ponderar sobre a linguagem narrada em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, no livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz aponta para aspectos da vida burguesa ao analisar a conduta do personagem do cunhado Cotrim. Recria novas possibilidades de interpretação e expõe as ocorrências desumanas que perpassavam o aspecto social privilegiado em meio aos homens de posse. Revela as disputas que os líderes do meio social perseguiram para acesso ao poder e à ascensão financeira. Schwarz desvenda o que estava latente na linguagem oculta machadiana, como laços que firmavam e consagravam o casamento e a política, tratados como alternativas de benefícios, marcando o caráter insaciável pelos bens financeiros. A transmissão desse pensamento estava impregnada na mentalidade do século XIX. Esse perfil de homens de negócios, que tem como objetivo último obter lucros ilícitos, egoísticos, deveria ser preservado. Casamento e benesses caminhavam unidos, de mãos dadas, mesmo que essas mãos fossem aprisionadas pela tirania dos gestos de desamor entre os parceiros. O importante era o que poderia ser convertido em moeda no exercício de uma atividade econômica. Esse realismo mórbido era claramente delineado, segundo os críticos, por meio das narrativas em que se visualizavam as manifestações das ações escandalosas nos enredos propostos aos leitores.

Assim, pode-se considerar que a posição intelectual de Schwarz sobre literatura é inseparável da reflexão ampla da política e da sociedade; ele faz uma análise da linguagem machadiana, retirando a crosta latente dos signos que permeiam seus escritos, possibilitando um novo recriar e entendimento da obra.

Contrapondo-se a atitudes e comportamentos de expressão romântica, surge um novo ideário que já transportava vestígios do realismo de romances do século XVIII e início do século XIX. Esse movimento artístico, político e filosófico brotou com mais força nas últimas décadas do século XIX na Europa, mais especificamente na França.

Nesses grandes romances, já se vislumbravam, segundo Bosi,

¹⁴⁵ SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 117.

poderosos dons de observação e de análise, razão pela qual não se deve cavar um fosso entre elas e as obras do século XIX. No entanto, a sucessão de mudanças que pontuavam a ascensão da burguesia durante o século XIX foram rasgando os véus idealizantes que ainda envolviam a ficção romântica. Desnudam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (raça, clima, temperamento) ou culturais (meio, educação) que lhes reduzem de muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento.¹⁴⁶

Ao considerar com minúcia as causas do comportamento humano, dissecadas pela racionalização e análise dos fatos que, obrigatoriamente, para serem considerados, necessitavam ser mediados e medidos pelo crivo científico, a doutrina positivista propôs a existência de valores inteiramente humanos e lógicos, distanciando-se dos princípios teológicos e de expressão de fé que, no momento, predominavam. Com seu advento, passou-se a questionar com intensidade os valores morais, os costumes e as tradições, relativizando-os, pois o objetivo era perpetrar o que as ciências lógicas anunciavam. Era a declaração de uma nova era que prenunciava mudanças até então não pensadas pela humanidade.

Essa mobilidade realista caracteriza-se pelo surgimento das teorias científicas como o Positivismo, que pretendia dar uma explicação racional para todas as coisas, sendo o caráter racional o que realçava o sentido dos seres e não mais a subjetividade, o individualismo que predominavam no Romantismo. O Determinismo pronunciava a sentença de que os comportamentos dos homens se faziam aliados a fatores de herança biológica e ao meio ambiente como preponderantes. Esse determinismo declara que todos os seres humanos estão submetidos a fases de desenvolvimento que necessariamente devem ultrapassar para serem considerados normais; que há uma causa para cada pensamento, para cada memória vivida, sentimento ou ação. Cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o precederam. Já o Evolucionismo recusava a origem divina do homem e declarava-o um ser vindo dos primatas. É sabido que a evolução científica permitiu a ampliação de várias formas de perceber o mundo, no entanto, a memória coletiva não descarta os esquemas mentais e representações anteriores; é possível que vestígios delas permaneçam cristalizadas no imaterial por longa data.

¹⁴⁶ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 169.

Bosi assegura que “O Realismo se tingirá de naturalismo, no romance e no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se aos destinos cegos das ‘leis naturais’ que a ciência da época julgava ter codificado...”.¹⁴⁷

A tinta que tingia as acepções e representações deverá mudar de tons românticos, místicos, subjetivos para a descrição dos fatos reais. O predomínio da objetividade, da racionalidade, que as novas ciências possibilitaram deverá dominar no meio circundante. Os representantes dos cenários da cientifização constroem novos enredos, novos conceitos que requerem outros olhares para traduzir a vida e os comportamentos. Machado de Assis, quando censurado pela possibilidade de se apresentar como homem que encontra satisfação apenas nas coisas materiais, definiu sua posição dizendo: “Nós não somos nem espiritualista puro, nem materialista; harmonizamos as doutrinas de ambas as escolas e seguimos assim em ecletismo com o qual nos damos às mil maravilhas”.¹⁴⁸

A obra machadiana não segue uma linha única de pensamento; como o autor mesmo se refere, é eclética. Por meio de signos, é capaz de ampliar e compreender o universo de forma brilhante e harmoniosa, navegando por inúmeras bases teóricas. Também, a obra machadiana não se fecha em apenas uma possibilidade de leitura e interpretação, ela demonstra capacidade incomensuravelmente ampla, não só para reinterpretar como para criar representações do mundo e do horizonte da cultura do século XIX.

Segundo Gledson, os romances do realismo machadiano revelam as verdadeiras faces da sociedade de seu tempo, não só em termos genéricos, mas em seus detalhes, quando

(...) mostra a ordem social conservadora empenhada numa tentativa dolorosa e, de muitas formas, fracassada e autodestruidora de conservar seu poder e sua autoconfiança: o microcosmo familiar, visto como uma metáfora de toda classe dominante, também desvenda verdades sobre a composição política, ideológica e religiosa do Segundo Reinado.¹⁴⁹

¹⁴⁷ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 168.

¹⁴⁸ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 196.

¹⁴⁹ GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 13.

Essa ordem social conservadora pode ser visualizada por meio dos aspectos linguísticos e condutas manifestadas pelos personagens nos contos e nos romances. Machado de Assis reveste-os de sentido figurado em diálogos nos quais implicitamente observam-se posições, funções e papéis sociais.

O Realismo assumiu, na filosofia moderna, diversas formas, entre elas o Realismo Transfigurado de Spencer, que evidencia um modelo que permite mais clareza e compreensão da linguagem que Machado de Assis concebe nos contos e romances:

O realismo com que estamos comprometidos sustenta simplesmente que a existência objetiva é separada e independente da existência subjetiva. Mas não afirma que cada um dos modos da existência objetiva seja na realidade aquilo que parece ser, nem que as conexões entre os modos sejam objetivamente aquilo que parecem ser. Por isso, esse realismo distingue-se claramente do Realismo cru...¹⁵⁰

O Realismo de Spencer consente em uma leitura dialética e complementar entre a objetividade e a subjetividade. O movimento prolonga-se sem interrupção na ordem narrativa, sem desconsiderar as representações afetivas, quando se focalizam episódios que aludem a sentimentos na fala e nas atitudes dos personagens. Considerado pelos críticos como introdutor do Realismo no Brasil, Machado de Assis permite, com seus escritos, um transbordamento de aspectos da realidade sem, contudo, dar um significado de transparência na primeira leitura de seus textos; sua linguagem deixa reticências e interrogações a respeito de verdades reveladas. Como na citação seguinte do conto *Viver*: “A terra está deserta; nenhum outro homem respira o ar da vida. Sou o último; morrer. Morrer! Deliciosa idéia!”¹⁵¹

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis apresenta um modelo de enredo e ordem da narrativa que desafia o leitor a continuar seu intento para decifrar os signos gráficos, pois brinca com a realidade de morte de forma sádica e mórbida.

Inicia a história do romance com a morte do protagonista, dizendo: “Ao verme/ que/primeiro roeu as frias carnes/ do meu cadáver/ dedico/ com saudosa lembrança/ estas Memórias Póstumas”. Esse realismo não deixa de ser sarcástico e cruel, pois

¹⁵⁰ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 835.

¹⁵¹ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 563.

o gênero humano, na maioria das vezes, age pela pulsão de vida, quer viver, busca o prazer e evita o desprazer.

Machado de Assis utiliza-se de várias formas para chamar a atenção do leitor. Em *Dom Casmurro*, a narrativa é de suspense e interrogação até o final do romance e o autor manipula “as peças do enredo - complicação, clímax, solução, (...) e varia ao grado das circunstâncias de cada caso, tendo em vista, sobretudo, a criação e a manutenção do interesse e suspense”.¹⁵²

Em *Quincas Borba*, mais especificamente no capítulo VI, Machado de Assis desenvolve a temática do *Humanitas*. Num diálogo com Rubião, Quincas Borba fala que “Humanitas é o princípio. (...) Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível”.¹⁵³ Através de linguagem expressiva, substância originária, pode-se inferir que, no âmago de todo ser, existe uma célula proveniente que deverá ser respeitada como princípio comum. A concepção é a gênese dessa existência, dever-se-á reverenciá-la, pois ali se encontra a potência da vida. Quando ele fala de Humanitas descreve a morte de sua avó, que foi atropelada pela carruagem como se fosse um rato ou qualquer outro objeto. A carruagem esmagou sua avó simplesmente porque seu patrão acenou para que acelerasse a sege, pois estava com fome. A fome na hierarquia do desenvolvimento é uma necessidade básica, todavia ela pode esperar para ser nutrida. Sem a vida, o que é o alimento? Possivelmente Quincas Borba referia-se ao egoísmo doentio e destruidor de grupos que desprezam a vida e os sentimentos de uma ampla população que vive abaixo da escala de sobrevivência e miséria. Sua narrativa pode ser também um alerta para a atitude de compaixão e amor incondicionais dos governantes para com os que lhes são tutelados.

Chalhoub, parafraseando Machado de Assis, diz que existem alguns aspectos do realismo literário que é necessário trazer à baila no compromisso com a representação da realidade, porém sem a crueza dos fatos.

(...) a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da ‘matéria’ social que representa e sobre a qual interfere. (...) A representação literária desses sentidos mais cruciais da história exigia uma narrativa mais

¹⁵² COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 49.

¹⁵³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1..Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 648.

sinuosa, cheia de mediações e nuances; na experiência do leitor, assim como na do dependente, a verdade não se lhe apresentava tal qual, o sentido dos acontecimentos não era evidente – distanciamento crítico e observação perseverante tornavam-se requisitos básicos.¹⁵⁴

O Brasil entra em crise, segundo Bosi, depois da metade do século XIX, cujo sintoma era a

ruptura mental com o regime escravocrata e as instituições políticas que o sustentavam. Já transparecendo um ‘espírito realista e democrático’ apesar dos versos de alguns poetas serem em linguagem romântica, previam que um novo quadro para a nação brasileira estava se delineando, propício ao fermento de idéias liberais, abolicionistas e republicanas. (...) serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo.¹⁵⁵

De forma exímia, Machado de Assis construiu suas narrativas, descreveu uma realidade vivida por seus personagens, sem revelar as dificuldades das estruturas sociais e políticas, manifestando, de certo modo, as verdades dos fatos. Era perspicaz em não deixar que os sistemas vigentes percebessem suas intenções implícitas. Machado de Assis diz: “Voltemos os olhos para a realidade, mas excluamos o realismo, assim não sacrificaremos a verdade estética”¹⁵⁶

Ao retratar e criar seus personagens, Machado de Assis não faz menção apenas aos heróis e às majestades, às mulheres ingênuas e sonhadoras, mas também tenta representar um perfil de homens e mulheres humanizados e virtuosos, que trazem em si traços de caráter e temperamento. Em *A desejada das gentes*, os amigos conversam sobre a pretendida Quintília, que

(...) era lhana, graciosa e tinha uma espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos. (...) Não tínhamos contato com ela, que nos enfeitiçou a ambos, violentamente. Em algumas semanas já pouco falávamos de Quintília, e com indiferença; tratávamos de enganar um ao outro e dissimular o que sentíamos.¹⁵⁷

¹⁵⁴ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 92-93.

¹⁵⁵ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 163.

¹⁵⁶ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 913.

¹⁵⁷ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 507.

Os aspectos psicológicos de amor, de perversidade, de vulnerabilidade e fragilidades também estão presentes, definindo as personalidades de suas personagens. Descreve comportamentos de figuras dramáticas, configurando-as sistemicamente e, de certa forma, universalizando-as em suas narrativas. No conto *A cartomante*, Machado de Assis revela um triângulo amoroso que termina de forma trágica e cruel; parece que Vilela prepara a morte dos amantes, esperando para deliciar-se com seus sofrimentos: a crueldade é manifestada pela atitude destituída de emoção. Como se pode observar na frase “Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revolver, atirou-o morto no chão.” Ou ainda, “Camilo não pôde sufocar um grito de terror: - ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada.”¹⁵⁸

Chalhoub confirma a perspicácia e prudência do autor: “Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX”.¹⁵⁹ Quando Machado de Assis narra suas histórias, é a partir de seu universo psíquico, emocional e cognitivo que seus enredos são construídos. Observe-se o sentimento descrito em *A cartomante*: “A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir.”¹⁶⁰

Tais palavras estão repletas de conteúdos vividos e experienciados nos fatos reproduzidos pelo autor, assim como os condicionamentos e modelos assimilados do cotidiano.

Schwarz e Gledson têm defendido a posição acima de maneira firme, ao mesmo tempo em que revelam e desvelam os interiores dos textos machadianos, possibilitando, assim, uma abertura maior para o conhecimento das estruturas do século XIX no Brasil. Para Gledson, a ligação “entre a ficção de Machado de Assis e a sociedade em que viveu não é secundária e sim absolutamente fundamental”.¹⁶¹

É categórico que o ser humano brote num sistema social e já encontre implantados alguns aspectos básicos de aprendizagem e de ensino instrumentalizado que irão servir de alicerce para o futuro desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo. Massa, na leitura de novos documentos, percebe o

¹⁵⁸ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 483.

¹⁵⁹ CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17.

¹⁶⁰ ASSIS, op. cit., p. 483.

¹⁶¹ GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11.

desenvolvimento da vida infantil de Machado de Assis diferentemente do proposto por alguns críticos, desmistificando, assim, sua ascendência e proferindo que ele nasceu de origem materna açoriana branca, pois “ignorava-se quase tudo a respeito da mãe do escritor, tida por muito tempo por mulata” e que seu pai sabia ler e escrever; portanto, Machado de Assis era um privilegiado, pois fazia parte da pequena porcentagem que, à época, era alfabetizada.¹⁶²

Arthur Schopenhauer, pensador adepto dos mecanismos irracionais psíquicos, afirma que, na natureza, existe um mecanismo propulsor, a Vontade, que tem plenos poderes sobre os reinos mineral, vegetal e biológico. Ele é enfático ao afirmar que o indivíduo é impotente diante dessas forças que promovem a afirmação da Vontade dos poderes desses reinos. Confirmando esta fala, Machado de Assis escreve no conto *Adão e Eva* que as potências do mal precedem as potências do bem:

Aqui está como as cousas se passaram. Em primeiro lugar. Não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo (...) mas, Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício.¹⁶³

Schopenhauer estabelece, em sua teoria, que os seres humanos são preponderantemente egoístas: querem seu próprio bem e, maldosos, querem o mal do outro; procuram invariavelmente a defesa de seus próprios interesses e necessidades. Quando a natureza é cruel em algum aspecto, normalmente os indivíduos expressam contentamento por a situação trágica não os ter alcançado. Schopenhauer é enfático na elocução de que a vida é sofrimento constante e que os homens nascem frágeis e dependentes, e que esse sistema biológico, paulatinamente, caminha para a degeneração e aniquilamento. Esses aforismos o levaram a ser considerado um pessimista, pois analisa o conjunto das coisas materiais e fatos reais de forma fria e objetiva; segundo ele, as emoções são apenas uma quimera. Porém assegura que:

Somente a experiência da compaixão pode me fazer dar esse ‘passo suplementar’ que leva à essência indivisa dos seres (...). Esta compaixão sozinha é a base efetiva de toda a justiça *livre* e de toda a caridade

¹⁶² MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 35 e 45.

¹⁶³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 525.

genuína. Somente quando uma ação dela surgiu é que tem valor moral, e toda ação que se produz por quaisquer outros motivos não tem nenhum.¹⁶⁴

O autor elogia a compaixão como única motivação das ações humanas que tem caráter de ser destituída de qualquer interesse que não seja amar, cuidar e proteger o outro, como um outro eu mesmo. A compaixão quer o bem do outro indistintamente, pois nascemos todos de uma única essência.

Gledson, conhecedor dessa doutrina, afirma que Machado de Assis tinha afinidades com esses pensamentos de Schopenhauer, e declara que a “(...) existência é destituída de qualquer objetivo verdadeiro, seja qual for, vê a história como uma sucessão de acasos, e transforma em realidade suprema o sofrimento cuja existência outros buscam justificar”.¹⁶⁵

É consenso entre alguns críticos que Machado de Assis passou por fases no crescimento intelectual; numa primeira fase, ele é considerado mais imaturo e idealizador, possivelmente pelo desenvolvimento natural do crescimento humano; e mais realista em sua fase final, de maior maturidade e consciência crítica. Massa escreve sobre Machado de Assis que, aos vinte anos, “realizou uma mutação completa, mudou de alma, renegou-se a si mesmo e, num nobre movimento de sacrifício, queimou tudo aquilo que adorava”.¹⁶⁶

É possível que os pensamentos e escritos da obra machadiana anteriores a sua maturidade intelectual não se tenham tornado apenas cinzas. Como na metáfora da fênix, ele construiu e recriou sua vida literária incansável e paulatinamente até seus últimos dias; apenas diminuiu seus esforços quando Carolina morreu, sua inspiração maior e grande amor de sua vida. As representações personificadas e narradas na obra machadiana perpassam modelos do universo emocional da subjetividade e do realismo da sociedade brasileira, podendo ser ampliadas, permitindo melhor entendimento das relações humanas para outras sociedades, como modelo de sentimentos e comportamentos. Como se percebe em Bosi:

¹⁶⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral**. São Paulo. Ed. UNESP, 2001, p. LXXXI e 136.

¹⁶⁵ GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 148.

¹⁶⁶ MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 215.

Sob as espécies de uma perspectiva universal agônica e fatalista, Machado foi o mais 'realista' dos narradores brasileiros do seu tempo; aquele que mais desassombradamente entendeu e explorou o espírito da nova sociedade e mais nitidamente o inscreveu em figuras e enredos exemplares.¹⁶⁷

Existem muitas retificações a serem feitas com relação a afirmativas que alguns críticos fazem a respeito da obra machadiana. Entre tantas, citem-se as separações de fase romântica e realista. Veja-se, pois, a perspectiva de Key Imaguire Junior:

Machado de Assis é uma poderosa individualidade no panorama brasileiro. 'Romântico' e 'Realista' são rótulos que lhe assentam com desconforto. Apesar de se aceitar comumente que tenha percorrido as duas fases, parece mais correto admitir que, simplesmente, houve uma mudança com o autor, que assimilou as tendências de seu tempo sem se deixar dominar por elas.¹⁶⁸

Assim, é possível existir uma interdependência relacional e dialógica dos escritos e representações das narrativas e dos conteúdos romântico e realista permeando toda a obra machadiana.

¹⁶⁷ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2003, p. 88.

¹⁶⁸ IMAGUIRE JUNIOR, Key. **O espaço burguês**: arquitetura eclética em Machado de Assis. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999. p. 37.

3 TRAMAS AMOROSAS NA TEIA HISTÓRICO-LITERÁRIA MACHADIANA

A epopéia era sobretudo a forma de comunicar,
de preservar e de divulgar os fenômenos efetivamente ocorridos.
Era o tempo em que não havia jornais e revistas e,
como só havia comunicação oral, podiam se mesclar para serem bem mais preservados.

Alfred Döblin

3.1 SENTIMENTOS ENTRELAÇADOS

Em versos poéticos eram narrados os conteúdos dos eventos e das tradições que, oralmente, promoviam sua representação cristalizando o significado simbólico da mensagem, de forma a reproduzi-la do modo mais verossímil possível no futuro. Assim, de certa forma, fixavam-se nas memórias coletivas das comunidades os princípios, os mitos, os legados, os pensamentos e as condutas que condiziam com as verdades instituídas daquele momento. E o processo construtivo de cognição estabelecia-se por meio das relações de comunhão, de força, de conflito e de dissociação entre os indivíduos que nasceram naquelas comunidades sociais e produziram em suas vivências cotidianas códigos e linguagens. Estes códigos e símbolos primeiramente foram experienciados, depois se tornaram conteúdos legitimados que perpassaram suas tradições e inseriram significados às gerações futuras. As palavras de Alfred Döblin revelam como era importante a recitação de um poema que narrava ações, feitos memoráveis de um herói histórico que representava, de forma genérica, os sentimentos e os procedimentos de uma comunidade.

Fixavam-se aí também mensagens em versos; a forma em versos facilitava a repetição e assegurava, com razoável probabilidade, a exatidão do conteúdo, e nestes fatores residia o verdadeiro motivo pelo qual os épicos antigos e as narrativas eram apresentados em versos.¹⁶⁹

¹⁶⁹ DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, p. 13-36, jan./jun. 2006. p. 16-17.

Pode-se também perceber o épico no poema de Fernando Pessoa ao referir-se à mitologia, no verso do *Primeiro Ulysses*: “O mythos é o nada que é tudo. O mesmo sol que abre os céus/É um mytho brilhante e mudo/...”.¹⁷⁰

Com frequência, o épico aparece na obra machadiana. Prometeu e Ahasverus são imagens de personalidades mitológicas promovidas pelo inconsciente coletivo da humanidade, que se apresenta no conto *Viver*, sonhando um diálogo de confissão idealista, sobre os fins dos tempos, parecendo promover um apocalipse esperançoso, auspicioso. Prometeu e Ahasverus conversam longamente a respeito dos fatos e acontecimentos ocorridos na Terra relacionados à vida e à morte, *Eros* e *Thanatos*, conforme expressão freudiana.

O conteúdo de intensidade e grandeza épica pode ser lido no início da narrativa do conto *Viver*: “Fins dos tempos. Ahasverus, sentado em uma rocha, fita longamente o horizonte, onde passam duas águias, cruzando-se. Medita, depois sonha. Vai declinando o dia”.¹⁷¹ Conta a mitologia grega que o personagem Prometeu, depois de ter roubado o fogo divino e o entregado aos homens, permitindo o conhecimento na Terra, permaneceu amarrado até o fim dos tempos numa rocha, com pássaros a devorar-lhe o fígado, que se regenerava a cada amanhecer. É o cenário da morte a expressar vida. Enquanto morria para si mesmo, gerava possibilidade de conhecimento e autonomia ao gênero humano. Nas palavras de Machado de Assis, “Onde quer que o zelo penetrou numa alma subalterna, fez-se cruel ou ridículo. Foi a minha culpa irremissível”.¹⁷²

Ou ainda em *Adão e Eva*, quando a serpente instiga Eva a desobedecer às leis de Deus, dizendo: “Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis de teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo”.¹⁷³

Machado de Assis narra que Ahasverus, um personagem mítico judeu que vivia nas ruas de Jerusalém e observava o desfile dos condenados para a

¹⁷⁰ PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990, p. 72.

¹⁷¹ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 563-564.

¹⁷² *Ibid.*, p. 565.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 527.

Crucificação, não teve compaixão por aqueles que sofrem. Não auxiliou a suprir as necessidades que geram vida, não suavizou o peso das dores e sofrimentos dos humanos como fez o homem de Cirene, que foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Jesus, quando este passava por ele antes da Crucificação. “(...) encontraram um homem de Cirene, de nome Simão. E o requisitaram para que carregasse a cruz de Jesus” (MATEUS, 27: 32).

A compaixão é um ato de amor incondicional, que promove e possibilita a vida, a alegria ao outro, como se fora a si mesmo. Amparar e proteger o desprovido são atitudes de compaixão, que abrandam as tristezas dos indivíduos que com olhares ávidos de expectativas esperam ser saciados. Esses atos de compaixão apenas são possíveis àqueles que têm olhares que transcendem a ação empática.

No conto *Viver*, os personagens revelam que a moléstia no percurso da vida será abolida, que a vida em sua plenitude excluirá todas as lesões morais e físicas, que não existirá velhice, hipocrisia, e até mesmo a culpa será revogada, existirá a promessa de um tempo e lugar concebido, imaginado e esperado, como na expressão seguinte: “O mal acabará: os ventos não espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão somente a cantiga do amor perene e a benção da universal justiça...”.¹⁷⁴ Esse amor como totalidade dificilmente será possível, pois é fato notável que o egoísmo e a crueldade são fontes de malignidade que exigem espaços para existir em suas potências, confrontando-se cotidianamente com as pulsões do bem. O amor convive numa dialética constante com as potências malignas, que tentarão destronar os gestos e as atitudes que aquele porventura promover.

A obra machadiana, por meio de recursos literários, denunciava o distanciamento hierárquico de classes sociais que preponderava entre as populações do cenário social do século XIX. Em *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, Raymundo Faoro, ao tratar sobre a *mimesis* - a verdade na arte e na história – ou seja, a recriação da realidade na obra literária, destaca: “O objeto que se apresenta ao expectador está predeterminado pela significação que o valor lhe infunde, transformando-o em objeto cultural”.¹⁷⁵ E ainda ressalta que:

¹⁷⁴ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 564.

¹⁷⁵ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976.

Coerência e unidade que se vinculam à realidade por via dos tipos ideais, que simplificam, hipertrofiam e deformam os dados empíricos. A verdade de um e a verdade do outro, o campo do imaginário e do real, encontram-se na verdade total, que indica missões aos homens – personagens de papel ou personagens vivas – na busca da plenitude cultural.¹⁷⁶

A literatura e a história desejam ambas interpretar acontecimentos de acordo com suas metodologias e linguagens. Por isso, tanto o universo histórico quanto o literário podem constituir-se em manancial de abordagem do pensamento e da visão de mundo de um dado tempo. No entanto, é possível que as verdades se encontrem em muitos campos do conhecimento. Faoro também expressa que:

A corte imaginária dos personagens não se compõe de outro tecido, apesar de expressas no papel, que os da legião dos homens que freqüentam as ruas. Todos são filhos de igual teatro, comprometidos na mesma existência, quer a suscitada pelo historiador, quer a evocada pelo romancista. Quem os veste, arranca-os do anonimato e do caos, será o olho organizador, classificador, o olho do biógrafo ou do ficcionista.¹⁷⁷

A abordagem teórica luhmanniana conceitua o amor como construção histórica. Nessa concepção, é mais enfatizada a história de um amor construído, que consistiria numa edificação sistêmica social, na qual símbolos de concepções mitológicas, históricas, literárias e sociológicas, entre outras, ganham referência no imaginário dos indivíduos e aparecerão possivelmente expressas nos comportamentos posteriores.

Ao contrário de uma acepção de construção, ao referir-se ao amor, como elaborou a teoria freudiana, ele provém das primeiras manifestações de amor e estímulos de cuidadores, nutridos por um processo psíquico primário inconsciente e conscientemente do protótipo materno firmado pelos estímulos recebidos desde o berço. O sociólogo alemão Luhmann delinea e conceitua o amor paixão como trágico e sinônimo de morte ou punições severas. A intimidade e como esta foi formando-se no tempo e nas culturas pode estar relacionada aos vestígios que permaneceram das dinâmicas de relacionamento do amor polido e idealizado de outrora. Veja-se, pois, como o autor esclarece a codificação da intimidade. Ocorreram

¹⁷⁶ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976, p. 487-488.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 486.

diversas transformações até aos nossos dias (...) espalha-se sobre as ruínas do código do amor cortês, que concebia a união mundana como metáfora do amor de Deus, e simultaneamente à formação de outros códigos da intimidade, o <amor paixão> reivindica a liberdade na escolha amorosa e encontra-se em parte na origem do amor romântico.¹⁷⁸

A acepção de intimidade sob essa perspectiva é construída a partir dos restos da concepção do amor cortês que predominava na classe de grupos minoritários desde o século XI. Esse amor podia ser comparado à metáfora do amor de Deus transportado para o amor dos amantes. Nesse jogo amoroso, pressupõe-se que a mulher mantenha-se distante do pretendente, pois, normalmente, é um amor proibido, exige submissão, virtudes físicas e morais para corresponder aos encantos. Já na compreensão do conceito do amor paixão, a escolha do objeto de amor não quer ser prisioneira, quer a liberdade do encontro; ao contrário, no amor cortês, o sentimento é mantido de forma velada. Reivindica para si o amor paixão a livre escolha, mesmo sabendo da trajetória antiga da pena de morte e da punição máxima para o casal apaixonado. Essa linguagem assegura a comunicação de que a paixão deve ser punida com a desventura dos personagens acometidos por ela. Ou, conforme as palavras de Luhmann, “(...) se espera, se exige mesmo, que o sujeito fique à mercê de uma paixão, contra a qual nada pode fazer...”¹⁷⁹.

Durante o tempo em que o amor paixão permanece congregado aos laços dos enamorados, a passividade e a impotência aparecem como características que lhes são próprias, no sentido de que nada se pode fazer para não viver esse sentimento. Parece que os apaixonados permanecem à disposição desse acontecimento sem, contudo, terem responsabilidades e compromissos pelos seus atos. Os discursos relatados sobre o poder da irracionalidade da paixão por si só tendem a justificativas. É como se o indivíduo perdesse a capacidade de julgar e ponderar seus comportamentos, deixando de ter atitudes que correspondam ao esperado pela realidade social. Quando tomados pela paixão, os indivíduos perdem temporariamente os valores referenciais de suas tradições e princípios morais e passam a viver de acordo com os instintos mais irracionais. Esse aspecto aparente da retratação do amor paixão, segundo a visão sociológica luhmanniana, já havia

¹⁷⁸ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. xi.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 73.

sido elaborado há muito tempo, pelos códigos e discursos nas regras da semântica da comunicação por instituições culturais que as reforçaram constantemente, por meio de romances e mitos, entre outros.

Anthony Giddens, em *As transformações da intimidade*, escreve sobre o amor paixão e o amor romântico, afirmando que eles têm características distintas. Ressalta que:

O amor apaixonado tem sido sempre libertador, mas apenas no sentido de gerar uma quebra da rotina e do dever. Foi precisamente essa qualidade do *amour passion* que o colocou à parte das instituições existentes. (...) No amor romântico, a absorção pelo outro, típica do *amour passion*, está impregnada na orientação característica da 'busca'. A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro.¹⁸⁰

O autor apresenta o amor romântico como promotor da intimidade: o amado percebe o outro como idealizado, quer criar uma vida e uma história compartilhadas, orientadas para um futuro longo e previsto, pensa que o encontro de suas almas preencherá o vazio de sua "auto-identidade", que o fragmentado eu encontrará sua metade, para assim torná-lo inteiro. Esse é o caráter sonhador do amor romântico. Ao contrário, o amor paixão quer extirpar o coração do outro para colocá-lo dentro de si mesmo, quer absorver o outro por inteiro, quer viver o momento como único e irrepetível. Essas atitudes irracionais que permitem as expressões do amor paixão desestabilizam a vida e a rotina das pessoas de maneira genérica.¹⁸¹

Em *Machado de Assis: o enigma do olhar*, Alfredo Bosi escreve que

Se hoje podemos incorporar à nossa percepção do social o olhar machadiano de um século atrás, é porque esse olhar foi penetrado de valores e ideais cujo dinamismo não se esgotava no quadro espaço-temporal em que escreveu.¹⁸²

A penetração de valores e ideais de cunho amoroso, ideológico, religioso, moral, que se enquadram nos regulamentos sociais, perpetuam-se por longos caminhos trazidos pela historicidade e podem ser visualizados, após séculos, nas mentalidades e no imaginário de uma população.

¹⁸⁰ GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993, p. 56-57.

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 53.

¹⁸² BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003, p. 11-12.

Machado de Assis, ao escrever, foi além do tempo registrado pelos ponteiros do relógio, trouxe em seu arcabouço as dimensões da imaginação, da memória e do pensamento crítico. A busca do entendimento do comportamento humano parece percorrer suas narrativas frequentemente, na ânsia de apreender os mecanismos que compõem os diálogos humanos. A relacionalidade interpessoal do eu e do outro - esses atores que podem representar a dinâmica do amor e da intimidade - ganham manifestação e ênfase nos modelos de comportamentos, expectativas, imaginação, correspondências e reciprocidades quando personificados nas figuras dramáticas machadianas. Apoiam essa dinâmica os sinais e significados dos condicionamentos que foram construídos e incorporados pela cultura. Coabitam no jogo amoroso configurações de sentimentos e passionalidades nos corações humanos, ora de expressões de união e apego, ora de expressões de dor e ressentimento. As relações interpessoais amorosas significativas são elaboradas por meio de contatos e atitudes cheias de sentidos construídos culturalmente por estímulos naturais ou não. As representações que vão sendo cristalizadas nos esquemas mentais dos indivíduos serão possivelmente vivenciadas por outras gerações. Esses modelos condicionados perpetuam-se no imaginário e na memória e podem expressar-se como sinais, vestígios e condutas que, aparentemente, são originárias naquele comportamento atual. Como se observa no comportamento de Rita, em *A cartomante*, ao ficar embevecida diante do encantado amor por Camilo, mesmo ao se despedir após os encontros amorosos: “Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado”.¹⁸³

Na prática cotidiana, continuam aparecendo nos comportamentos humanos sinais do amor do outro. Essa carência é manifestada e expressa pelas emoções de angústia, de aflição e medo de perder o objeto de amor, como na personagem de Rita, que saiu do estado aflitivo quando encontrou no outro a reciprocidade, sentindo-se, assim, amada e respeitada, mesmo que apenas por alguns momentos.

No amor existe uma linguagem que não se articula apenas pelas palavras e sim pelos gestos e atitudes. Essa complementaridade de fala e atitudes corresponde ao jogo de linguagem simbólica dos amantes, que se enamoram mergulhando um na subjetividade do outro. O eu e o outro, numa relação de entendimento mútuo,

¹⁸³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 478.

parecem chegar à plena união significativa e amorosa naquele momento. No amor, os sinais falam uma linguagem silente e evidente sentida pelos que amam, porém podem parecer loucura para os mais racionais, que pretendem compreender o jogo amoroso, muitas vezes ininteligível pelo intelecto. Pois é na <linguagem do olhar> que, segundo Luhmann,

(...) os amantes conseguem manter entre si um diálogo interminável, sem ter de proferir qualquer palavra. (...) O amor tinge, sobretudo a vivência das vivências e modifica com isso o mundo, enquanto horizonte do viver e do agir. Ele é interiorização da relação subjectivamente sistematizada com o mundo de um outro.¹⁸⁴

Essa relação de subjetividade também brota na perspectiva de Macfarlane, no livro *História do Casamento e do Amor*, onde ele reflete sobre o amor romântico, resgatando a simbologia dos sentidos e significados do amor nas culturas. O autor diz que, para manter a união do casal, certas culturas baseiam-se nos sistemas de valores e de moralidades; em outras, o relacionamento emocional entre o casal é fundamental, é a base para se formar uma família. O reflexo dessa relação interfere até mesmo no número de filhos, pois o vínculo estabelecido entre o casal era de bastar-se a si mesmo¹⁸⁵. Machado de Assis parece entender os significados do amor ao reproduzir as representações simbólicas e sociais e ao narrar possibilidades de sentimentos concebidos pelos sistemas, mostrando aspectos do cenário social. Metaforicamente falando, parece dissecar sentimentos interiores. Ou, como diz Afrânio Coutinho, “decompõe suas almas”¹⁸⁶.

Machado de Assis era profundo conhecedor e analista dos pensamentos, afetividades e sensibilidades dos homens; percebia sinais quase imperceptíveis nas nuances do comportamento, fazendo encenar aos personagens a reprodução de papéis e expressão desses sentimentos do cenário social vigente. O autor, ao escrever sobre os sentimentos de amizade, descreve que os personagens Vilela e

¹⁸⁴ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 28.

¹⁸⁵ MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra: 1300-1840. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 185.

¹⁸⁶ COUTINHO, Afrânio. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 12.

Camilo comungavam, em *A cartomante*, a mesma significância afetiva, o amor amigo, que se transforma em tragédia após a traição da confiança:

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público.¹⁸⁷

“A força da paixão é um dado nuclear na construção dessas personagens”¹⁸⁸, pois quando Vilela apresentou Camilo para Rita, sua esposa, ela, para ser gentil e educada, disse, “‘Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.’ Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras”.¹⁸⁹ Com o passar do tempo, a amizade foi crescendo nessa tríade e o estreitamento dos vínculos aumentou. A dialética dos sentimentos manifestava-se de forma ora ingênua, ora maliciosa, ora verdadeira, contrariando as expectativas primeiras. As fronteiras emocionais tornaram-se lábeis e, nessa fragilidade, Camilo e Rita quebraram os princípios que marcaram a história de afeição entre os amigos. Apaixonaram-se e tornaram-se amantes assíduos. “Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita”.¹⁹⁰

Essa simbologia de amor, quando deslocado de suas intenções primeiras, ou estremecido por acontecimentos negativos, tende à desesperança, pois suas expectativas poderão ser destronadas pela realidade do momento. Mesmo o estado de desânimo, de aflição, conduz os amantes ao esforço para reencontrar a segurança perdida. As dúvidas, as pressões, os sentimentos de culpabilidade imbuídos nos enamorados desencadeiam comportamentos não elaborados racionalmente, possibilitando riscos desnecessários.

De acordo com Luhmann, “Os amantes podem manter uma conversa interminável com o outro, uma vez que tudo o que é vivido é digno de ser

¹⁸⁷ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 478.

¹⁸⁸ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: O enigma do olhar. São Paulo: Ática, 2003, p. 21.

¹⁸⁹ ASSIS, *op. cit.*, p. 478.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 479.

comunicado, pois encontra ressonância comunicativa”¹⁹¹. Essa energia comunicativa vibra por si só ao perceber um sinal, um vestígio ou uma marca da configuração do outro, que possa trazer-lhe a imagem amada para o âmbito do momento. A imagem da paixão numa acepção de insanidade mental temporária é, segundo Luhmann, “(...) uma tradição antiquíssima, possuem o mesmo valor simbólico – assim, quando dizemos o amor é uma espécie de doença, o amor é uma loucura [...]”¹⁹². A imagem da paixão ou do objeto apaixonado não permite o afastamento, é uma idéia cristalizada e poderosa na mente de quem está possuído por esse sentimento.

Podemos observar esses sentimentos de paixão e amor também na clássica obra de Goethe (1774), *Os sofrimentos do jovem Werther*. O autor retrata situações que ocorreram no tempo em que viveu; configura representações de personagens que promovem conceitos de sentimentos, racionalidades, natureza e homem. No romance, Werther apaixona-se por Charlotte, já comprometida com Albert. Sofrendo pela impossibilidade de viver essa paixão, devido às regras da sociedade, Werther desespera-se, pois sente que é correspondido em seu universo sentimental. Werther conhece Charlotte, e fica deslumbrado com a beleza e a delicadeza de sua conduta, ao tratar seus irmãos menores que ficaram sob sua tutela e de seu pai, após a morte de sua mãe. Diz ele que, a partir daquele momento, sua “(...) alma estava inteiramente presa ao encanto do seu rosto, da sua voz, da sua conduta. (...) E desde então, o sol, a lua e as estrelas podem continuar a brilhar, porém eu não mais sei quando é dia e quando é noite; o universo inteiro não mais existe para mim”.¹⁹³

Essa paixão é sentida com desespero. Em um diálogo com Albert, noivo de Charlotte, Werther diz que só se pode falar de certo conteúdo do espírito depois de senti-lo. Se é covardia ou não “arriar o fardo” quando a dor de uma paixão faz o coração sentir-se dilacerado por não poder ser correspondido, é um pensamento que não cabe na mente de Albert, um homem da lei e extremamente racional, e Werther, na ânsia de ser entendido pelo amigo, continua a falar:

A natureza humana (...) é limitada: ela suporta a alegria, a tristeza, a dor, até certo ponto; se o ultrapassar, irá sucumbir. A questão não é saber, pois,

¹⁹¹ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991,, p. 212.

¹⁹² *Ibid.*, p. 29.

¹⁹³ GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 25-31.

se um homem é forte ou fraco, mas se é capaz de suportar a medida de sofrimento, moral ou físico, não importa, que lhe é imposta. Neste caso, acho tão absurdo dizer que um homem é covarde por haver dado cabo da própria vida, como seria absurdo chamar de covarde o que está morrendo de uma febre maligna.¹⁹⁴

Werther, de certa forma, já anunciava que sua dor era incompatível com suas forças para continuar o processo de vida.

Para onde vai levar essa paixão furiosa e sem limites?... não posso dirigir minhas preces senão a ela; nenhuma outra imagem, a não ser a dela, está em minha mente, e o mundo que me cerca, só o percebo quando de algum modo se relaciona com ela. (...) Adeus! Só vejo um final para essa miséria: o túmulo. (...) Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o estampido.¹⁹⁵

Existe uma linha muito tênue que delimita o comportamento do indivíduo entre o que é normal e o que é mórbido; essa labilidade no procedimento para expressar os sentimentos e comportamentos pode manifestar-se a qualquer momento e de acordo com a singularidade e sensibilidade das estruturas emocionais dos indivíduos. A fragilidade interna ou a força da psique de cada pessoa depende de múltiplos fatores, entre eles os individuais, os ambientais, os culturais e os geneticamente predispostos. Tais fatores forneceram ferramentas aos sujeitos para optarem por viver ou morrer diante de situações que exigiriam comportamentos adaptados para a situação momentânea. A vida oferece situações inusitadas a cada dia, exigindo que o indivíduo enfrente-as, pois, dependendo do processo cultural, fará prevalecer, a qualquer preço, condutas e manifestações de vida ou manifestações de morte. Consciente ou inconscientemente, estamos à mercê dos princípios e orientações que os sistemas sociais estabelecem; eles enquadram-se nas estruturas intelectuais do sujeito e, com o passar do tempo, forçam-no a seguir esses direcionamentos e modelos.

Schopenhauer, ao manifestar seu pensamento a respeito da temática suicida, afirma que o ato de tirar a própria vida é um ato egoístico, pois o indivíduo está pensando apenas em si mesmo, na sua individualidade, e não na dor que possivelmente causará aos familiares.

¹⁹⁴ GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 49-50.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 56 e 118.

O suicida quer a vida; porém está insatisfeito com as condições sob as quais a vive. Quando destrói o fenômeno individual, ele de maneira alguma renuncia à Vontade de vida, mas tão somente à vida. Ele ainda quer a vida, quer a existência e a afirmação sem obstáculos do corpo, porém, como a combinação das circunstâncias não o permite, o resultado é um grande sofrimento. (...) O suicida nega tão somente o indivíduo, não a espécie. (...) o suicídio, a destruição arbitrária de um fenômeno particular é uma ação inútil e tola, pois a coisa-em-si permanece intacta como o arco-íris imóvel em meio à rápida mudança das gotas, que por instantes são o seu sustentáculo.¹⁹⁶

Albert, noivo de Charlotte, também pensava e deixava clara sua opinião sobre a atitude suicida, numa conversa com Werther: “(...) Não posso imaginar como um homem possa ser tão insensato para se dar um tiro. Só em pensar nisso sinto repulsa”.¹⁹⁷

A busca desesperada pela confirmação do amor, se ainda é correspondido, ameniza os corações apaixonados, evita, assim, o ato de explosão de dor como o suicídio. No conto *A cartomante*, no momento de dúvida e incerteza em relação ao amor de Camilo, Rita recorre a uma cartomante que lhe assegura que é amada por ele e, assim, restabelecida a confiança, transcorrem os dias sem o desesperançado sentimento de perda total. Em meio ao cotidiano, Camilo, sentindo-se culpado, tenta não corresponder aos afetos de Rita, afastando-se temporariamente. “Rita como uma serpente (...) envolveu-o todo (...) e pingou-lhe o veneno na boca”.¹⁹⁸

A paixão é codificada como um veneno que mata. O envolvimento emocional do casal enamorado cresce e, na continuidade do conto, outras cartas chegaram endereçadas a Camilo, cobrando-o por sua infidelidade que era sabida por todos; o medo, a ansiedade, a culpa e o remorso tomaram conta dele. Todavia, o sentimento de paixão embotou esses afetos negativos, oferecendo asas à imaginação e à continuidade dos encontros, apesar das cartas ameaçadoras. Sentiu que seus encantos e encontros de amor poderiam ter sido descobertos. Estando ele no trabalho, recebeu um bilhete que lhe determinava ir à casa de Vilela imediatamente. Sentiu seu corpo vibrar de medo, entretanto resolveu ir ver o que o amigo queria. Antes de chegar ao destino proposto, houve um obstáculo na pista e Camilo,

¹⁹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005, p. 504.

¹⁹⁷ GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 48.

¹⁹⁸ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 479.

desesperado, mesmo sem acreditar, procura a cartomante que, então, o acalma, dizendo-lhe para seguir seu caminho sossegadamente e que sua aflição não tinha procedência. Mesmo diante de todos os vestígios e fatos, a racionalidade empobrecida não analisa a situação adequadamente e não pondera sobre os perigos iminentes. Antes de subir as escadas da casa de Vilela, contempla o mar à sua frente, parecendo despedir-se da vida; em seguida observa horrorizado a cena trágica: “Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão”.¹⁹⁹

Esse é o momento de clímax no final do conto. É o encontro do egoísmo e da crueldade que eleva a atitude de emotividade dos amantes que não hesitaram em trair a confiança do vínculo de amor e amizade; e a crueldade doentia de Vilela, que planejou friamente a morte de ambos, a destruição dos corpos. Com o desenvolver da trama, é possível perceber contradições de sentimentos, de linguagens, de condutas que perpassam o imaginário dos personagens, enfatizando os sentimentos de infidelidade e deslealdade. Essas representações emocionais do conto criam possibilidades de imaginação e condutas que podem ser disseminadas pelos horizontes emocionais de uma comunidade. Como neste escrito freudiano: “O conteúdo do inconsciente, na verdade, é, seja lá como for, uma propriedade universal, coletiva da humanidade”.²⁰⁰

O universo emocional inconsciente é altamente poderoso, mais que as fronteiras conscientes; é possível que, em muitos momentos, o princípio do prazer prevaleça nos comportamentos humanos ao princípio da realidade; sobretudo quando a paixão entra em cena, poderá apossar-se dos indivíduos, conforme se verifica no triângulo amoroso de *A cartomante*, amostra clara do que a paixão e a infidelidade permitem acontecer. Assim, os comportamentos dos indivíduos podem ser racionalmente ponderados, analisados ou emocionalmente destituídos de razão, principalmente quando os sentimentos são de amor e paixão. Tanto as afeições amorosas como as afeições e potências malignas saem do interior dos homens e de dentro do mesmo universo emocional. No pensamento de Werther, ele compara-se metaforicamente a uma ânfora vazia; como que sufocado ao sentir-se desanimado e sem esperanças de obter o amor de Charlotte, afirma que essa potência para sentir

¹⁹⁹ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 483.

²⁰⁰ FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.156.

as alegrias e as desesperanças sai da mesma fonte, “(...) mas é em mim que está a fonte de todos os males, como outrora a fonte de toda a minha felicidade (...) Mas o coração que assim pulsava está morto. (...) Essa força acabou”.²⁰¹

Com o declínio das forças do sol, vem o anoitecer que propicia o processo de esfriamento e adormecimento da terra; as trevas vão cobrindo os relevos e os ânimos, sendo acalentados, desaceleram os mecanismos físicos; os pensamentos são reelaborados e é possível sonhar. O sonho é o momento em que ocorre a narrativa de *Viver*. Prometeu e Ahasverus sonham uma nova habitação para a humanidade. Para Sigmund Freud, os sonhos têm muitos significados, “(...) são fenômenos psíquicos de inteira validade – realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa”.²⁰²

Quando não se realizam os desejos no campo da vida real, é possível, segundo a teoria freudiana dos sonhos, realizá-los por mecanismos oníricos do sonhar. As aspirações e verdades que devem imperar no campo social são desafiadoras para o processo do prazer e da vontade, pois o mecanismo da realidade boicota as aspirações que não são consentidas pelas estruturas representativas de uma população. As condutas que se apresentam à realidade querem ser livres, satisfazendo seu dinamismo em direção aos objetos de seus desejos, porém, o superego age no papel de inibidor de algumas ações que não condizem com as regras sociais estabelecidas, vedando-as. A estrutura mental do superego, para Freud, manifesta-se da seguinte forma: “No curso do desenvolvimento de um indivíduo, uma parte das forças inibidoras do mundo externo é internalizada e constrói-se no ego uma instância que confronta o restante do ego num sentido observador, crítico e proibidor”.²⁰³

O superego é a expressão do não, do limite às atitudes que não podem ser admitidas ou vivenciadas no âmbito social, aquelas que a cultura determinou como causadoras de algum malefício aos indivíduos. As possibilidades de não viver as

²⁰¹ GOETHE. Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 84.

²⁰² FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 141.

²⁰³ *Ibid.*, p. 139.

atitudes desejadas pelo dinamismo do prazer, que entram em conflito com o superego, são inúmeras. Alguns comportamentos desejados serão coibidos pela rigidez da disciplina que se impõe ao superego, ou até completamente desprovidos de expressão. Os conteúdos conscientes que aparecem nos sonhos, lembranças, sentimentos e frações imagéticas fugazes fazem parte do conteúdo manifesto. No sonho existe o conteúdo mental latente, que permanece no inconsciente, adormecido, e que poderá ser esclarecido por meio de mecanismos psíquicos trazidos à consciência pelo processo analítico:

(...) os sonhos trazem à luz material que não pode ter-se originado nem da vida adulta de quem sonha nem da sua infância esquecida. (...) parte da *herança arcaica* que uma criança traz consigo ao mundo, (...) material filogenético nas lendas humanas mais antigas e em costumes que sobreviveram.²⁰⁴

Ou ainda: “(...) o afeto vivenciado no sonho concerne a seu conteúdo latente, e não ao seu conteúdo manifesto...”²⁰⁵

É possível que o não aparecimento do conteúdo de forma clara nos sonhos deva-se à rigidez do processo da estrutura mental, avaliada pelo superego, construída pelas representações, modelos e condicionamentos sociais. O mecanismo estrutural do superego impõe demarcações, preceitos, leis, princípios, delimitando uma fronteira entre o princípio do prazer e o princípio da realidade de acordo com o grau de civilidade da sociedade. “A realidade sempre permanecerá sendo ‘incognoscível’”.²⁰⁶

Segundo esse pensamento, a realidade não pode ser conhecida pela razão e pela inteligência; será um desafio promover as instâncias das pulsões e desejos sem violar essas construções e estratificações culturais que estão no inconsciente dos indivíduos. Consoante com Gay, “(...) o próprio domínio dos interesses humanos é uma fonte contínua de hesitações e incertezas, (...) um ser humano é uma antologia de ligações, e a sua hierarquia de importância não é sempre evidente”.²⁰⁷

²⁰⁴ FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 139.

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 246.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 225.

²⁰⁷ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989, p. 99-100.

O pensamento expresso em *Viver* de que o mal acabará e que as forças e potências do bem prevalecerão, permite inferir que Machado de Assis esteja referindo-se ao fim de alguns conflitos sociais que perpassaram o século XIX, como o processo do fim da escravidão, a desestabilização do Império. “Na cidade deste havia delitos e enfermidades; a tua exclui todas as lesões morais e físicas”²⁰⁸. Na cidade do Rio de Janeiro havia doenças, epidemias graves que não poupavam a vida de muitos; a adversidade e a fome envolviam a população pobre e destituída de recursos econômicos, que sobrevivia abaixo da linha de miséria humana. O desrespeito pelas autoridades com relação à vida era evidente, os mestres do poder que estavam no andar de cima da construção observavam a miséria que cobria o cenário da maioria. “Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquele que ia morrer”.²⁰⁹

Na vida cotidiana podem aparecer paixões e delírios de grandeza que apetece aos homens carregados de desejo e obsessão pelo poder, pela necessidade neurótica de domínio e controle. O elo que ligaria as possibilidades de gerar vida ou morte é o amor ágape, que se responsabiliza, respeita e promove o bem do outro como se ele fosse um outro eu, como expressa Schopenhauer. No entanto, o egoísmo continua no cenário e as portas e janelas da corrente do bem continuam fechadas. Portanto, “São as paixões da terra que se voltam contra mim; mas eu, que não sou homem, não conheço a ingratidão. (...) Já te disse que uma raça nova povoará a terra, feita dos melhores espíritos da raça extinta; a multidão dos outros perecerá”.²¹⁰

A esperança entra no palco que encena as misérias humanas, e tem intenção de proteger e assegurar atitudes de benevolência de alguns que sobreviveram das sobras e da união dos que acreditam nas forças provenientes do bem. A esperança faz refletir que o mal pode ser destronado e que as atitudes do bem e da justiça equitativa podem iniciar marcas nos corações dos homens. “A alma terá, como a terra, uma túnica incorruptível. (...) tu habitarás Jericó.”²¹¹

²⁰⁸ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p.564.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 565.

²¹⁰ *Ibid.*, p. 568.

²¹¹ *Ibid.*, p. 569.

Túnica incorruptível, vestimenta de bondade, fraternidade e justiça, um novo céu e uma nova terra, para os habitantes do planeta. Machado de Assis pode estar referindo-se à cidade oásis no deserto, onde jorra água límpida e transparente, o sol iluminando as trevas, o verde suplantando a frieza das pedras, os animais vivendo em bandos, rebanhos pastando e a nova terra sendo perfumada pelos gestos amplos de amores construídos incondicionalmente. Tal indumentária usada pela ética racional poderá ser vista como bem supremo e para benefício de todo o gênero humano. “Enquanto o amor era um ideal, cabia à razão representar o homem”.²¹²

No conto *A desejada das gentes*, Machado de Assis, por meio do enredo, cria possibilidades para apreender sentimentos desenvolvidos na imaginação, pelos diálogos de seus personagens. Inicia a narrativa numa frase genérica: “Ah! Conselheiro... Todos os homens devem ter uma lira no coração”.²¹³ Machado de Assis parte da premissa da natureza humana de que todos temos esse germe poético para ser ampliado no decorrer da vida.

A história descreve fatos da vida de Divina Quintília, linda moça, rica e nobre, que morava com o tio, chefe de esquadra, reformado, morto em 1859. Esse perfil físico, emocional e psíquico de Quintília, de musa idealizada, capaz de fazer aflorar nos corações dos homens sentimentos extasiantes por estarem diante do belo, é possível que seja a personificação objetivada da arte, do feminino e da beleza admirada pelos homens, ou pode ser uma idéia cristalizada do século XIX com relação ao feminino: “(...) estando eu num corredor, ouvi um grupo de moços que falavam dela, como uma fortaleza inexpugnável. Dous confessaram haver tentado alguma cousa, mas sem fruto; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação”.²¹⁴ A virgindade, na época em que Machado de Assis viveu, era tida como uma jóia que deveria ser guardada e apenas oferecida para quem perpetuasse as ramagens da família após o casamento. Era um princípio norteador da conduta e da nobreza do feminino. Ceder o corpo antes das núpcias era sinônimo de promiscuidade e leviandade.

²¹² LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 52.

²¹³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 504.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 506.

Os dois amigos, o Conselheiro e o Nóbrega, propõem-se a conquistar Quintília. Não contam com a paixão que iria seduzi-los. Assim, a história transcorre com os percalços que a vida reserva aos que ainda têm esperança de encontrar o amor. Os amigos brigam, pois não contavam com a possibilidade do encanto, que “(...) enfeitiçou a ambos, violentamente”.²¹⁵ Luhmann confirma a possibilidade de a paixão disparar duas flechas ao mesmo tempo no coração de diferentes pessoas. Ele afirma que se ama uma pessoa de cada vez e que o amor é um discurso cunhado pela cultura de cada época. Porém duas ou mais pessoas podem amar a uma mesma pessoa.

O Conselheiro permanece amigo de Quintília, enquanto Nóbrega afasta-se para dar espaço ao amigo que ama e respeita. “Arranjou uma nomeação de juiz municipal lá para os sertões da Bahia, onde definhou e morreu, (...) morreu apaixonado como um simples Werther”.²¹⁶

A morte, na configuração do amor, é literal; quando se está apaixonado, o mundo exterior é recoberto por um véu que apaga outras possibilidades de encontros com a vida. É a cegueira emocional, embotando o universo cognitivo e emocional.

Existe semelhança do enredo do conto machadiano *A desejada das gentes* com o do livro de Goethe *Os sofrimentos do jovem Werther*: dois homens apaixonam-se pela mesma mulher. Mesmo com sentimento de culpa, por amar a mesma pessoa que seu amigo, o Conselheiro permanece ao lado de Quintília, revelando seus sentimentos. O objetivo maior era contrair matrimônio com a jovem e constituir família. No início, os primeiros encontros foram de cautela e elegância, para não ofender os modelos e preceitos familiares da moça. Como já definido no primeiro capítulo, o amor é eletivo, almas e corpos atraem-se mutuamente. O Conselheiro não perde as esperanças de seduzir Quintília, e mesmo que a moça não demonstrasse desejo ardente de casar-se, ele permaneceu a seu lado na expectativa da vitória iminente. Quintília vivia cercada de pretendentes: “(...) muitos vinham ali tomar um cálix de esperanças”, mas ela não manifestava um olhar de predileção a nenhum que se aproximasse.²¹⁷ Era educada e gentil com todos,

²¹⁵ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 507.

²¹⁶ *Id.*

²¹⁷ *Id.*

recebia-os, mas mantinha afastamento afetivo e físico dos concorrentes. A presença do Conselheiro passa a ser a predileta da moça: “(...) conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos”.²¹⁸ Recusar “todos os pretendentes parece um enigma, mas é apenas a falsa ingênua que encobre o desejo de casar com o melhor dos partidos possíveis”.²¹⁹

Encontrar um modelo idealizado de uma pessoa é uma utopia: tanto o homem quanto a mulher podem permanecer à espera desse milagre a qualquer momento. Um perfil idealizado de homem ou de mulher arrasta sofrimentos como uma correnteza em fúria. O ideal existe apenas na mentalidade de quem é um apaixonado e se revela insano temporariamente. Ou, ainda, poderia utilizar-se de toda essa energia para produzir algum bem para a humanidade, se se conseguisse equilibrar o universo emocional com o universo da racionalidade, e, assim, a dialética da paixão idealizada seria complementar. Quintília, ao ser pedida em casamento pelo Conselheiro, diz: “Estou velha, (...) vou em trinta e três anos. Mas se eu a amo assim mesmo, repliquei, (...) Fiquemos amigos, disse-me, estendendo a mão”.²²⁰ Quintília e o Conselheiro permaneceram amigos; ele, mesmo amando-a loucamente, apenas para não afastar-se dela, aceitou a proposta. No leito de morte, ela consente o casamento com o Conselheiro, e morre em seguida; assim, não consuma a união, para o desespero de seu amado. “Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino”.²²¹ Sobre o paradoxo do sentimento maior, Luhmann diz que “Não se sofre por um amor ser sensual ou por despertar desejos terrenos; sofre-se por o amor ainda não ter sido realizado ou porque uma vez realizado não corresponde ao prometido”.²²²

No conto *A desejada das gentes*, Machado de Assis emprega a dinâmica do paradoxo do não para fixar o comportamento de conquista, reforçando assim a

²¹⁸ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 507.

²¹⁹ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003, p. 79.

²²⁰ ASSIS, op. cit., p. 508.

²²¹ *Ibid.*, p. 507 e 511.

²²² LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 81.

insistência do Conselheiro para convencer Quintília a casar-se com ele. Investimento e recuo como metodologia adequada para reafirmar os sentimentos e criar novas expectativas de sentimentos na relação amorosa.

Na literatura, a paixão é punida frequentemente com a morte dos personagens. Quando não correspondida ou não se pode vivê-la por diferentes motivos, muitos optam pelo distanciamento, outros, pelo suicídio, como Werther. No universo das narrativas entrelaçadas e permeadas por emoções, Machado de Assis combina sentimentos ora contraditórios, ora de dependência-interdependência, conforme se pode observar em muitos diálogos presentes nos contos.

A obra machadiana é rica em narrações e ações de personagens, que recriam imagens e configurações sugestivas do real ou, pelo menos, algo possível de acontecer em qualquer tempo e espaço da realidade. Os efeitos provocados por sua linguagem corroboram a ampliação dos mecanismos mentais cognitivos e imaginativos de seus leitores, redefinindo seus conhecimentos e criando novos.

Na narrativa do conto *Adão e Eva*, Machado de Assis apresenta uma história misteriosa que acontece na casa de uma “senhora de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos...”²²³ Os personagens estão à mesa e a anfitriã serve um doce para os convivas; nesse momento, tem início uma discussão sobre a questão do gênero humano: quem é mais curioso, o homem ou a mulher; e se devemos a Eva ou a Adão a perda do paraíso. Veloso, um dos convidados, improvisa um discurso sobre a criação do mundo. A história continua sendo narrada numa visão dialética sobre os aspectos da criação do mundo e da humanidade, sobre o bem e o mal, a vida e a morte, o amor e a inveja na criação.

Pode-se perceber na frase machadiana que

mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício. E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia.²²⁴

Com a permissão de Deus, a configuração do espírito maligno permaneceu em cena e inverteu a história da criação do mundo narrada no *Gênesis*. A história do

²²³ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 525-526.

²²⁴ *Ibid.*, p. 526.

conto diz que o primeiro livro do Pentateuco é apócrifo e revela outra interpretação da criação da humanidade. “Mas a Escritura... (...) Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Veloso conhece outros livros...”.²²⁵ Mesmo com a expressão de espanto dos convidados, a narrativa tem continuidade e, na ordem da criação do enredo, o mal é constituído antes do bem, até o sexto dia. Como escreve Faoro, “O demoníaco é a energia, que está fora do alcance da razão, penetrando a natureza toda, no mundo visível e no invisível”. Ou, “(...) o mal, o grotesco, o vil teriam sido obra do Diabo, em colaboração que desfigura o plano original”.²²⁶

Adão e Eva estão felizes no paraíso, não padecem de sofrimento ou aflição de espécie alguma. O Demônio chama a serpente para induzir Eva a desobedecer a seu criador. Mostra que se comer do fruto da “árvore do bem e do mal”, terá todos os reinos em suas mãos, além da “origem das cousas e o enigma da vida”.²²⁷ Adão, ouvindo o diálogo entre Eva e a serpente, aproxima-se reforçando a lei primeira recebida, que era de não desafiar o poder de Deus. E assim Adão e Eva voltam aos céus e são recebidos pelos anjos e arcanjos, pois não frustraram as expectativas do Absoluto. E a terra ficou à mercê do mal.

Retornando ao conto, Veloso diz que os instintos bons foram criados por Deus e os instintos maus já haviam sido criados antes pela configuração do mal. “Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes”.²²⁸ Luhmann é categórico ao dizer que os sentimentos são interdependentes e oscilam no universo emocional das pessoas.

Amor e ódio podem convergir no excesso ou transferir-se facilmente de um para o outro, (...) o ódio faz parte do código do amor: é natural que se odeie o outro, todo aquele que não encontrar a réplica ao seu amor; (...) amor e ódio dependem assim intrinsecamente um do outro, sendo ambos distintivo de uma relação, que por sua vez se distingue da amizade”²²⁹

²²⁵ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 524-526.

²²⁶ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976, p. 394-395.

²²⁷ ASSIS, op. cit., p. 526.

²²⁸ *Id.*

²²⁹ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 87-88.

Coabitam assim na natureza do indivíduo o amor e o ódio, o bem e o mal, a alegria e a tristeza; não existe um canal linear que faça transcorrer apenas sinais do bem ou apenas sinais do mal nas condutas humanas. Agrega-se no interior dos indivíduos um universo de sentimentos que podem aflorar a qualquer instante, com força impetuosa, avassaladora, ou permanecerem emoções hibernadas por tempo indefinível. As expressões de comportamentos dependeriam, de certa forma, de como os humanos interpretariam as situações de vida diária. “Dentro da vida, sobre a morte, além das pessoas e do seu pobre destino, há uma força que comanda, que guia e que impera”.²³⁰

3.2 PRÁTICAS ENTRELAÇADAS

(...) a cultura não é uma roupagem superficial no homem, mas é parte integrante da própria definição de sua humanidade

Peter Gay

Peter Gay, em seu livro *Freud para historiadores*, ao referir-se à importância da partilha social para o desenvolvimento dos indivíduos, afirma que “(...) a experiência é governada pela passagem do tempo, pelo estigma da classe e pelos acidentes dos eventos, que modelam os ingredientes da natureza humana em configurações dramáticas, nunca completamente repetidas”.²³¹

Os sistemas teóricos são conjuntos de leis e normas elaborados por pessoas que pensaram e examinaram fórmulas para serem executadas pela população. Depois de testados, são encaminhados para serem executados na vida prática, por meio de mecanismos sociais que permitem sua penetração sistemática no cotidiano, por meio de experiência e condicionamentos que transpassam os

²³⁰ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976, p. 387.

²³¹ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 131.

esquemas intelectuais e cognitivos dos indivíduos. As mensagens subliminares ajudam a percorrer os caminhos do universo cerebral preenchendo-os com conteúdos e memórias que se tornarão lembranças significativas, de forma única e irrepetível em cada pessoa. Os conceitos vão tomando forma na medida em que são repetidos como verdades no processo vivido; o tempo e as experiências interpessoais são fundamentais para esse desenvolvimento das condutas humanas. Os estímulos provocados pela rede de relacionamentos iminentes servirão para alimentar outras possibilidades de relacionamentos e condutas futuras. Por exemplo, se uma das facetas do amor é a paixão, sua irracionalidade manifestar-se-á em seus comportamentos e, diante da figura idealizada, toda a fisiologia corporal será alterada temporariamente. Esta é a expectativa de comportamento diante da configuração que corresponde aos traços esperados, desde a infância, conforme o pensamento teórico de Freud. O indivíduo, ao perceber face a face a imagem idealizada de si mesmo no outro, absorve-a como se fosse a mais deliciosa de suas vivências; no entanto, pode ser apenas uma fantasia de suas carências e sentimentos não correspondidos de outrora. Ou, nas palavras de Werther, “desde que te conheci, (...) você está sempre em minha alma”.²³²

Se o amor paixão pode ser sinônimo de destruição, caso seja vivido, ocorrerá automaticamente a morte dos personagens que se apaixonaram e não poderiam ter tido a intenção de realizar essa paixão, pois a cultura imporá, muitas vezes, que fatos mórbidos aconteçam. Parece que se imprimiu um código na memória dos indivíduos, que é apenas desse modo que os fatos podem acontecer, pois nesses casos a racionalidade encontra-se quase que adormecida. Se o conceito de amar é sofrimento e espera, ele será com o tempo sofrimento e espera. Pode ser que Luhmann tenha certa razão ao afirmar que o amor é construído por um “código semântico”. Se essa compilação sistemática, relativa ao significado do amor, não se perder no tempo e no espaço, será perpetuada. Quem a elaborou contribuiu para que esse conteúdo se distribuisse fartamente, numa rede infinita, pelos meios de comunicação, até atingir seu fim último, que é estabelecer-se como regra ditando um pensamento que, devido à sua força, impregnará as mentes humanas. A consolidação de um conteúdo, de um fato como acepção verdadeira na vida social, far-se-á justamente de acordo com esse código estabelecido.

²³² GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 85.

Em *A cartomante*, os personagens apaixonados sofrem como punição a morte corporal de forma brutal e sem misericórdia, pelo ato de deixar transparecer e viver seus sentimentos. Ou, nas palavras de Freud, ao se afirmar implicitamente, os instintos dão morada a Thanatos, que pode entrar em cena a qualquer hora, e cujo objetivo maior é destronar o processo gerador de vida. Esse instinto de morte, segundo o autor, é “(...) o instinto de destruição, que leva no sentido da destruição do que está vivo”.²³³ A punição é um dos obstáculos ao crescimento dos indivíduos, pois impede a execução de ações que estariam na vontade do ser, fechando as portas às novas iniciativas, inibindo a criatividade e impedindo o despertar do genuíno. Muitas vezes, as condutas são punidas, e consideradas inapropriadas ou inoportunas, por pessoas que têm pensamentos distorcidos e construções cognitivas estereotipadas, cristalizadas sobre as acepções do que pode ser verdadeiro ou não.

No enredo do conto *A desejada das gentes*, como visto acima, o amor entre os personagens não foi permitido ser vivido pelo preconceito regido pelas normas impostas pela idade. Quintília diz que já está velha para casar, pois “(...) vou aos trinta e tres (sic) anos”²³⁴; naquela época, aos trinta anos, já se era velha para constituir família, porquanto outros interesses percorriam o universo do século XIX.

Nóbrega afasta-se de Quintília por amá-la e amar o amigo; para não competir com ele, muda de cidade. A morte aparece novamente em cena e Nóbrega expira, provavelmente de paixão. Nóbrega, que também se importava muito com cargos e dinheiro, “Arranjou uma nomeação na Bahia, onde definhou e morreu antes de acabar o quatriênio”.²³⁵

Parece que as potências da morte prevalecem em algumas cenas dos contos escolhidos, como também na fala de Prometeu:

A convulsão trágica precede a do riso, a vida brota da morte, cegonhas e andorinhas trocam de clima, sem jamais abandoná-lo inteiramente; é assim que tudo se concerta e restitui. Tu viste isso, não dez vezes, não mil vezes, mas todas as vezes; viste a magnificência da terra curando a aflição da alma, e a alegria da alma suprimindo a desolação das cousas; dança alternada da natureza, que dá a mão esquerda a Jó e a direita a Sardanapalo.²³⁶

²³³ FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 304.

²³⁴ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 50.

²³⁵ *Ibid.*, p. 507.

Segundo Schopenhauer, as condutas egoísticas sobressaem em primeiro plano e de forma genérica nos indivíduos. As expressões de vida e expressões de morte estão espalhadas pelo cosmo e muitas vezes podem ser percebidas na polaridade da natureza mineral, vegetal e animal que, sistematicamente, sem dor e nem piedade, promovem seu egoísmo em detrimento das condutas geradoras de vida. Existem pessoas que manifestam atitudes que geram benefícios e promoção na vida do outro, assim como as atitudes de compaixão e amor responsável e incondicional que, embora utópicas, são idealizadas pela grande maioria.

A atitude de compaixão não está presente em estados de infidelidade, e a morbidade continua a mostrar seus traços no conceito de infidelidade que leva à morte, em pleno século XIX, no século XX e até no início deste século. Muitos que procedem dessa maneira pensam ser justificados por seus atos cruéis e destituídos de sentimentos de empatia pela dor infligida ao outro. Ou, nas palavras de John Gledson, na Introdução da antologia dos 50 contos de Machado de Assis: “Curiosamente, ainda estamos num mundo bastante repressivo, onde uma mulher pode ser morta pelo marido por cometer adultério”.²³⁷

No conto *A cartomante*, Camilo foi ao encontro do amigo que pedira para ele ir rapidamente a sua casa; em lá chegando, disse: “Desculpa, não pude vir mais cedo; que há? Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror...”.²³⁸ O cenário estava pronto e Vilela esperava com ansiedade e avidez a presença de Camilo, provavelmente para sentir as delícias que a crueldade é capaz de promover apenas para contemplar profundamente e embevecer-se com a dor alheia.

Alfredo Bosi enfatiza que “O mal é explicável, logo, passível de juízos atenuantes sempre que é tido por [um] *mal necessário*, fórmula que já virou lugar-comum no jargão do conformismo ilustrado”.²³⁹ As injustiças sociais geradas pelo

²³⁶ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 566.

²³⁷ GLEDSON, John. Introdução. In: 50 CONTOS de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 13.

²³⁸ ASSIS, *op. cit.*, p. 483.

²³⁹ BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003. p. 18.

egoísmo perpetuam-se, a cada dia, aos olhares de muitos que pedem por clemência, que se sentem impotentes diante desse mar de tragédias. Ou, nas palavras de Gay, ao referir-se às cruéis regras legitimadas nos códigos das instituições sociais: “A instituição da guerra torna o assassinato digno de mérito; a religião recompensa o êxtase; as cadeias de comando simultaneamente controlam e liberam a ânsia de exercer o poder sobre os outros”.²⁴⁰

A violência é legitimada por muitas instituições. Mata-se por amor, por paixão, por injustiça, por ganância, por poder. E há várias teorias que espalham os pensamentos de que o mal está inserido na humanidade, tornando sugestivas as pessoas a serem insensíveis aos sofrimentos humanos. Se o mal existe, por si só justifica-se a maldade, o egoísmo, a falta de justiça e de solidariedade para com o próximo. É a este próximo que, provavelmente, Schopenhauer se refere ao dizer que quem ama o próximo como a si mesmo é um egoísta, pois estaria pensando em si mesmo, antes de pensar em qualquer outra pessoa. Ele elogia a compaixão exercida pelos budistas e cristãos como o ato de maior amor por alguém, ou até mesmo pelos animais.

Nas palavras do *Hino à Caridade*, o Apóstolo Paulo propõe estes versos sobre o amor incondicional:

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria. (...) A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. (...) A caridade jamais passará. (1 CORÍNTIOS, 13: 1-8)

O outro é aquele que representa o humano diante de mim, não importando raça, cor, consanguinidade, etnia. O amor é caridade, como prega São Paulo na Carta aos Coríntios; diferente do amor passional e egoísta, esse amor é fácil de ser visualizado, manifesta-se por gestos concretos de paz, fraternidade e justiça. É possível que parte da miséria humana fosse atenuada se o amor atingisse seu fim último. Pode-se entender esse amor, recriado por Machado de Assis, em *Viver*, conforme já visto, quando diz que os tempos serão corrigidos e surgirão um novo céu e uma nova terra. “Os tempos serão retificados. O mal acabará; os ventos não

²⁴⁰ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 136.

espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão-somente a cantiga do amor perene e a bênção da universal justiça...”.²⁴¹

Luhmann afirma que as idéias simbólicas de amor romântico permitem postergar os acontecimentos amorosos: “(...) o romantismo pressupõe ascese, protelamento da satisfação”.²⁴²

Convencionalmente, o amor deve superar todas as dificuldades, suportar as dores e sofrimentos que advirem durante o tempo em que permanecerem juntos os enamorados. Ele deve ter gestos de companheirismo, tolerância, paciência, amizade, atenção e interiorização constante da pessoa amada. Nesse amor romântico, eletivo, não há espaço para uma vida de realização pessoal, o sujeito mais importante é sempre o outro. O pensar em si mesmo é desconsiderado e avaliado como egoísmo. Prometeu, em *Viver*, não pensou em si mesmo quando roubou o fogo do conhecimento para beneficiar a humanidade. “Dois emissários do céu vieram atar-me ao rochedo, e uma águia, como aquela que lá corta o horizonte, comia-me o fígado, sem consumi-lo nunca. Durou isto tempos que não contei. Não, não podes imaginar este suplício...”.²⁴³ Esse amor que sofre em benefício do outro, que gasta sua vitalidade, seu tempo e entusiasmo pensando no devir, com esperanças de gratificações e prazeres, é o verdadeiro amor caritas que é propagado no discurso das narrativas do cristianismo.

Faoro escreve sobre as emoções que os personagens transmitem na condição de atores e nos papéis por eles representados, ora como potências do mal, ora como sugestões de criatividade e imaginação, que atravessam as narrativas de Machado de Assis: “Sempre a misteriosa atração, recheada de terror e fascínio, freqüenta a imaginação, desarticula a razão e liberta a fantasia”.²⁴⁴

Ao referir-se à figura mitológica de Pandora, Faoro diz que a linguagem das narrativas de Machado de Assis tem o poder de oferecer tudo. Pode ser interpretada, entre tantas possibilidades, como aquela que é proprietária de tudo,

²⁴¹ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 564.

²⁴² LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 204.

²⁴³ ASSIS, *op. cit.*, p. 567.

²⁴⁴ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Nacional, 1976, p. 387.

aquela que oferece tudo, pois tudo é possível esperar das reações dos indivíduos diante de situações que exigem comportamentos de racionalidade e ponderação; reagem, são vulneráveis e impulsivos quando as situações saem de seu controle como, por exemplo, em momentos de ciúme e medo. Permanece, no entanto, nas atitudes e na linguagem de algumas figuras dramáticas a virtude da esperança, mesmo com a desventura e a morbidade predominante, como no caso específico de Camilo, no momento de aflição. Cabe observar que Camilo era descrente, no entanto, quando teve medo da possível atitude do amigo que o convocou a ir a sua casa imediatamente, ele pediu socorro à cartomante, como sua amada já havia feito anteriormente, mesmo sem acreditar em nada. Porém o desespero leva o indivíduo a atitudes às quais ele não chegaria numa situação de ponderação e equilíbrio, isto é, usando o mecanismo utilizado pelos processos racionais.

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.²⁴⁵

Confirmam as expressões acima as palavras proferidas por Luhmann:

(...) amor não é um sentimento em si mesmo, mas antes um código de comunicação cujas regras determinarão a expressão, a formação, a simulação, a atribuição indevida aos outros e a negação de sentimentos, bem como a assunção das consequências inerentes, sempre que tiver lugar uma comunicação deste gênero.²⁴⁶

Segundo Freud,

O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita da nutrição. (...) Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe da criança, que não apenas a alimenta, mas também cuida dela e, assim, desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. (...)

²⁴⁵ ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006, p. 478.

²⁴⁶ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 21.

Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos.²⁴⁷

Machado de Assis, ao referir-se a Divina Quintília, diz que ela veio de uma família nobre e que morava com o tio, chefe de esquadra reformado. Possivelmente, o autor estava referindo-se a um tipo de classe que compunha a estrutura social do Rio de Janeiro do final do século XIX. Da mesma forma, na expressão de Raymundo Faoro, “O dinheiro andava casado ao prestígio social, mas não era, em si, traduzido em bens ou rendas, que explicassem a honra da supremacia. Esta existia fundada em outras bases – tradição, modo de vida, educação e origem fidalga”.²⁴⁸

Luhmann metaforiza o amor como um jogo cheio de sintonia, em que as regras são aceitas sem grandes esforços, pois a expectativa encontra-se em plena realização, e enfatiza o amor como

um meio de comunicação simbólica. Este meio aumenta a disposição para receber comunicações e assegura a interação entre o <<alter>> e o <<ego>>, dois actores que, de outro modo, não poderiam jogar um determinado jogo amoroso.²⁴⁹

Ou “Constitui-se um <código> especial para o amor, quando todas as informações são duplicadas com vista ao significado que detém quer para o mundo geral, anonimamente constituído, quer para ti, para nós e para o nosso mundo”.²⁵⁰

²⁴⁷ FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 217.

²⁴⁸ FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Nacional, 1976, p. 5.

²⁴⁹ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. XI.

²⁵⁰ *Ibid.*, p. 24.

CONCLUSÃO

Após leituras e reflexões sobre a temática proposta aqui desenvolvida - Entrelaçamentos entre História e Literatura -, é possível afirmar, como Lloyd Kramer, que a história não pode ser separada da literatura, da filosofia ou de outras ciências, pois elas completam-se reciprocamente. Tanto a história pode contribuir para a literatura quanto a literatura para a história numa constante circularidade e complementaridade. Percebe-se que nesse imbricamento ambas se beneficiam e bebem da mesma fonte, que é o horizonte infindável do conhecimento, mesmo com diferentes metodologias e técnicas. Assim, os entrelaçamentos entre história e literatura são extensos e infindáveis, pois oferecem possibilidade de recriação constante.

Analisar as representações de amor que permeiam os contos *A cartomante* (1884); *Adão e Eva* (1885); *A desejada das gentes* (1886) e *Viver* (1886), presentes nas tramas e nos enredos machadianos, foi um desafio e exigiu esforços contínuos devido à magnitude de sua obra. Compreender e apreender o contexto histórico em que sua obra foi escrita demandou grande empenho.

Georges Duby escreve sobre o amor no casamento, baseando-se no referencial dos pensadores sacros, e afirma que o amor, segundo a Igreja, só poderia ser vivido se fosse direcionado a Deus, ao Uno, ao Absoluto; de modo algum amor e prazer poderiam ser associados. Em *Viver* pode-se perceber esse amor idealizado à espera de um novo céu e de uma nova terra, onde toda a humanidade possa gozar a felicidade e onde não haverá mais dores e sofrimentos. O amor também é retratado em *Adão e Eva*, nos diálogos dos personagens que devem obedecer a Deus, não comendo da fruta proibida: assim obteriam a felicidade e o paraíso. Porém, a morte entrou no mundo com a permissão de Deus, que deu autonomia ao mal para fazê-lo, mas logo Deus infundiu o bem nos corações dos homens. Em *Gênesis* acontece o contrário: primeiro Deus cria o bem, depois o mal entra no mundo pela configuração da imagem da serpente ao seduzir Eva e Adão. O mal, portanto se espalha por meio das atitudes de Caim - e sua descendência - ao matar seu irmão Abel. Parece que o bem e o mal estão impregnados nos corações e

nas atitudes humanas e são expressões de emoções que aparecem nas relações interpessoais cotidianas.

Denis de Rougemont reflete sobre a acepção do amor mítico, amor paixão ligado à morte. Esse amor também é expresso no conto *A cartomante*, pois os enamorados Rita e Camilo encontram a morte ao se apaixonarem. Já no pensamento de Alan Macfarlane, o amor é eletivo primeiramente, o erótico e o amor unem-se, pois os parceiros faziam suas escolhas e depois ponderavam racionalmente sua união e até o número de filhos. No século XIX, segundo os contos analisados, o amor percorria caminho inverso: a escolha era feita por interesses de posse e *status* e o amor não era considerado como preponderante nas relações do casal. A ligação complementar entre amor e posição social era difícil de acontecer.

O sociólogo Zygmunt Bauman destaca a fragilidade dos laços humanos atuais, principalmente os laços de amor romântico que gera expectativas de perpetuidade, mas que parece escapar como líquido em meio aos dedos, eximindo-se de responsabilidades e vínculos mais permanentes com as pessoas com que se relaciona. Pois, com todas as mudanças de estruturas parentais e as novas constelações familiares, as responsabilidades, os cuidados alteram-se, e os compromissos e contratos de intimidade são redefinidos.

(...) a definição romântica do amor como 'até que a morte nos separe' está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização.²⁵¹

Ou segundo as palavras de Freud:

É verdade que o amor consiste em novas edições de antigas características e que ele repete situações infantis. Mas este é o caráter essencial de todo estado amoroso. Não existe estado deste tipo que não reproduza protótipos infantis.²⁵²

Freud é enfático ao afirmar que o amor promana de repetições de relacionamentos primevos com os pais. Este amor é enraizado pelas primeiras experiências infantis com os cuidadores que o estimulam desde o berço. Assim, o

²⁵¹ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 19.

²⁵² FREUD, Sigmund. **Obras completas**. v. 12: Cinco lições de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 218.

amor busca repetir inconscientemente, na fase adulta, as gratificações que foram estabelecidas nos primórdios da infância. O encontro que atrai para o amor estaria permeado de gestos, olhares, já vividos anteriormente, todavia adormecidos à espera do momento para despertar com todo significado simbiótico e de dependência, como nas primeiras relações humanas. No amor existe uma dependência simétrica do amado e da amada para a realização e satisfação do relacionamento. É possível que, em *A desejada das gentes*, Divina Quintília estivesse à espera do amor idealizado, pois não permite a consumação da união dos corpos antes de estar no leito de morte, levando o amado ao desespero, já que este alimentava expectativa de vida matrimonial.

Contrariamente a esse pensamento, Niklas Luhmann acredita que o amor é uma construção semântica elaborada pela cultura. Um meio de comunicação humana que extrapola os desejos *idiossincrásicos*²⁵³ construídos no viver e no agir sociais. Os efeitos provocados por essas elaborações semânticas estão espalhados por geografias e espaços não delimitados.

Constitui-se um <código> especial para o amor, quando todas as informações são duplicadas com vista ao significado que detêm quer para o mundo geral, anonimamente constituído, quer para ti, para nós e para o mundo. A distinção não pode ser tratada de modo a que uma informação permaneça única, pertencendo quer a um, quer a outro mundo, pois é natural que cada mundo privado projecte os seus próprios infinitos no horizonte total do mundo, que é igual para todos. (...) O amor tinge sobretudo a vivência das vivências e modifica com isso o mundo, enquanto horizonte do viver e do agir. Ele é interiorização da relação subjetivamente sistematizada com o mundo de um outro.²⁵⁴

Ao tingir de amor as vivências humanas nas relações interpessoais, o egoísmo do eu sai de cena para entrar a emoção da compaixão que transcende os atos egóicos. A ação desse amor multiplica benefícios para uma rede maior de pessoas. Pois quando o amor permite ao outro ser como ele realmente é, nessa interação os amados podem sentir-se confirmados em seus mundos, por meio dos gostos comuns, das histórias e desígnios semelhantes, dos assuntos e aspirações percorridas no universo relacional com o outro.

²⁵³ *Idiossincrasia* – Peculiaridade do comportamento característico de um indivíduo. DICIONÁRIO de Psicologia. Lisboa: Dom Quixote, 1981; Predisposição particular do organismo que faz que um indivíduo reaja de maneira pessoal à influência de agentes exteriores. In: DICIONÁRIO virtual Houaiss da língua portuguesa 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

²⁵⁴ LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para a codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991 p. 24 e 28.

Em referência à mesma acepção de amor, em *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*, o historiador Ronaldo Vainfas afirma que “(...) a sexualidade, o casamento e o amor têm também a sua história, uma história de múltiplos caminhos”.²⁵⁵

É aceitável que a edificação de valores e verdades sobre história, literatura, amor ou outras temáticas faça-se por múltiplos caminhos, e é possível também que essas definições sejam construídas em correspondência aos ideais do imaginário significativo do momento histórico, da cultura, da etnia a que pertencem os indivíduos.

Atualmente as relações humanas estão impregnadas de uma constelação de emoções que ora alardeiam amores com afetos e afeições positivos, ora apresentam passionalidades, amizades, apegos múltiplos e outros vínculos chamados de amor. Neste amontoado de fragmentos amorosos, que se vive no tempo presente, foi possível relacionar alguns vestígios de amores vividos no passado e que ora se revelam no presente.

²⁵⁵ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992, p. 6 e 49.

REFERÊNCIAS

FONTES

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

REFERÊNCIAS MACHADIANAS

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 2. ed. São Paulo: Nacional; Secr. Cult. Ciência e Tecnol. São Paulo, 1976.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: Impostura e Realismo: uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Companhia das Letras: São Paulo, 1991.

_____. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. Seleção, introdução e notas. In: **ASSIS, Machado de. 50 Contos/ Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis (1839-1870)**. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis.

4. ed. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2000.

_____. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da Colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro. José Olympio: Brasília: Edunb, 1993.

AMOR e sexualidade no Ocidente: edição especial da revista L'Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992.

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada**, 3: da Renascença ao Século das Luzes; Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Martin Claret, 2005.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3. ed. amp. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BARROS, Maria Nazareth Alvin de. **Tristão e Isolda**: o mito da paixão. São Paulo:

Mercuryo, 1996.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BENTO XVI. **Carta Encíclica do Santo Padre**: Documento do Magistério. São Paulo: Paulus, 2005.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Gaudium et Spes número 354. Petrópolis: Vozes, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2005.

_____. **Ao sul do corpo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder**. São Paulo, 1984.

D'INCAO, Angela Maria. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**: do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Tradução: Ana Paula Faria. Lisboa: Terramar, 1998.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GAY, Peter. **A paixão terna**. v. 2. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1990.

_____. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP. 1993.

GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução: Henrique Ré. São Paulo: EDUSP, 2007.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

GRUNER, Clóvis; De NIPOTI, Cláudio. **Nas tramas da ficção**. História & Literatura: Reflexões sobre História da História a partir de Notas de História da Literatura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GUIMARÃES, Isaac Sabbá. Promotor de Justiça em Santa Catarina, professor de Direito na UNISUL e na Escola Superior da Magistratura de Santa Catarina, mestre em Direito pela Universidade de Coimbra (Portugal).

Site: <http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/cej/article...?>

HISTÓRIA: Questões & Debates. Curitiba, ano 23, n. 44, jan./jun. 2006. Publicação Semestral da Associação Paranaense de História (APAH) e do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IMAGUIRE JUNIOR, Key. **O espaço burguês**: arquitetura eclética em Machado de Assis. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

KRAMER, Lloyd S. **Literatura, crítica e imaginação histórica**: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LACAPRA, Dominick. História e romance. **Revista de História**, Campinas, v. 2, n. 3,

set. 1991

LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão**: para uma codificação da intimidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**: Inglaterra: 1300-1840. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 23, n. 44, jan./jun. 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 1994.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução: Heloisa da Graça Burati. São Paulo. Biblioteca Clássica, 2005.

REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

ROUGEMONT, Denis. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: São Paulo, Século XIX. Editora Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SANTA TEREZA DE ÁVILA. **Obras completas**. Texto estabelecido por FR. Tomas Alvarez, O.C.D. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras completas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHOPENHAUER, ARTHUR. **Sobre o fundamento da moral**. Tradução: Maria Lúcia Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. **Revista de História**, Campinas, n. 2, 1991, p. 12-27.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 4. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.